

ESTUDO BÍBLICO

DONS ESPIRITUAIS



EKKLESIA

INFORMAÇÕES IMPORTANTES

Primeiramente, convém destacar que esta apostila foi elaborada com a finalidade de disponibilizar aos nossos irmãos, um material, cujo conteúdo fosse capaz de instruí-los a qualquer tempo. Ocorre que este material não foi extraído somente de nossa elaboração, mas sim de inúmeras pesquisas feitas em livros, concordâncias, sites, experiências etc.,

Desta forma julgamos necessário disponibilizar aos irmãos, as fontes de onde foram retiradas as pesquisas, textos, e por algumas vezes falas completas de seus autores. Não temos como propósito “copiar” um material anteriormente elaborado, mas reunir em um único, pontos que julgamos importantes para uma melhor compreensão do tema, haja visto, que muitos dos materiais aqui citados necessitaram de alterações e considerações.

Diante do exposto, disponibilizamos aos irmãos esta apostila para que os mesmos sejam edificados para honra e glória do nosso Deus.

Livros

- **Vocabulário Bíblico J.J. Von Allmen (ASTE)**
- **Quem é Você no Corpo de Cristo (Lida E. Knight -LPC Publicações)**
- **Descubra seus Dons Espirituais (C. Peter Wagner – Press Abba)**
- **Conhecendo as doutrinas Bíblicas (Myer Pearlman – Ed. Vida)**
- **Comunicação, a chave para o seu casamento (...)**

Sites:

www.monergismo.com

www.pregaapalavra.com.br/dons/modulo2.htm

www.palavraprudente.com.br/estudos

www.crentes.net

www.ifamilia.com.br

Bíblias

Bíblia Anotada

Bíblia Online

Bíblia de Jerusalém

OS DONS DO ESPÍRITO

Introdução

Após estudarmos sobre o Fruto do Espírito Santo, podemos afirmar que estamos aptos a entender que o mesmo difere-se de dons espirituais. Enquanto que o fruto é responsável pela formatação de nosso “homem interior”, os dons são responsáveis pela efetividade dos serviços que devem ser disponibilizados à igreja. Podemos ainda afirmar que apesar de pouco dito, o fruto do Espírito é responsável pela intensidade de nossa santidade e consagração ao Senhor, já que seu liberar em nós, age em três esferas como já ensinado no estudo sobre o assunto, ou seja:

- Nosso relacionamento com Deus;
- Nosso relacionamento com outras pessoas;
- Nosso relacionamento conosco mesmo.

De outro lado encontramos os dons, que como explicaremos a seguir, não tem a característica de santificação daquele que os recebe, ainda que a pessoa esteja em pleno exercício de seu(s) don(s). Esta afirmação será útil para posteriormente explicarmos os motivos pelos quais, muitas pessoas cujos dons são incontestáveis em suas vidas, utilizam os mesmos em desonra.

Sem querermos definir grau de importância, mas destacando o grau de relevância entre fruto e dons, podemos dizer que o fruto sem dúvida alguma, uma vez aplicado por nós torna-se fundamental para todos aqueles que exercem “ministério” ou expressam seus dons.

“Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta,” Heb 12:1

Sem dúvida alguma, é de indispensável valor, que todos aqueles comissionados por Deus para exercício de suas funções na vida da igreja, sejam servos “desembaraçados de todo peso e pecado que tenazmente assedia”. Não podemos tolerar o fato de muitos hoje em dia quererem apenas usar os dons, sem exercerem o princípio da santidade, sem a qual ninguém verá Deus.

1. Natureza geral dos dons:

Os dons do Espírito devem distinguir-se do dom do Espírito.

Distinções

Dons e Dom

Nessa conjuntura, algumas distinções são apropriadas. Os dons do Espírito não são iguais ao dom do Espírito. Em Atos 2:38, Pedro diz para aqueles que inquiriram sobre a salvação, **“Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo”**. O “dom” (singular) do Espírito é

simplesmente o próprio Espírito Santo. O próprio Espírito Santo é o Dom prometido para todos aqueles que crerem em Jesus. Ele falou disto em diversas ocasiões. João 7:38-39 registra uma dessas. Jesus disse, “**Quem crê em mim, como diz a Escritura, do seu interior correrão rios de água viva**”. Então João adiciona o comentário interpretativo, “**Ora, isto ele disse a respeito do Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito ainda não fora dado, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado**”. João 14:15-18,26; 15:26; e 16:7 também fala do mesmo Dom prometido, com o faz Atos 1:4-5. Como desenvolveremos mais tarde, o Espírito Santo é o Dom de Cristo para Sua igreja, e isto é fundamental para o recebimento dos dons (plural) do Espírito: quando O recebemos, então, recebemos também o que Ele dá; isto é, os dons espirituais.

Paulo fala dos dons do Espírito (“espirituais”, no original grego) num aspecto tríplice. São eles: “**charisma**”, ou uma variedade de dons concedidos pelo mesmo Espírito (I Cor.12:4,7); “**diakonai**”, ou variedade de serviços prestados na causa do mesmo Senhor; e “**energemata**”, ou variedade de poder ou energia do mesmo Deus que opera tudo em todos. Refere-se a todos esses aspectos como **phanerosis**, “a manifestação do Espírito”, que é dado aos homens para proveito de todos.

“Dons”

No verso 4 da primeira epístola ao Coríntios, encontramos a palavra “dons”, que é traduzida a partir da palavra grega *charisma*; portanto, nosso termo “carismático”. A palavra raiz significa “graça”. Assim, se *pneumatikon* nos fala que os dons espirituais são coisas caracterizadas pelo Espírito Santo, *charisma* nos ensina que eles são dons da graça de Deus. Eles não são algo que conseguimos ou merecemos. Eles são dons da graça. Apesar do termo “carismático”, significar e implicar hoje, coisas totalmente fora da verdade, podemos dizer que, não existe dom não-carismático. Todos os dons são carismáticos; isto é, todos os dons são livremente dados por um Deus gracioso.

Este termo é usado também em Romanos 12:6 e 1 Pedro 4:10. (Deve ser observado que quando Paulo fala de dons em Efésios 4:7-8, ele emprega outro termo, **dorea**, que enfatiza virtualmente a mesma verdade; isto é, que os dons espirituais são justamente isto — dons, não recompensas). Isto é enfatizado mais adiante, durante toda a primeira metade do capítulo 12. Por exemplo, o verso 7 nos diz que eles são dados; novamente no verso 8. Os versos 11 e 18 declararam que os dons são dados soberanamente pelo Espírito de Deus: Ele os distribui como quer.

Com esta verdade reconhecida, um princípio básico começa a emergir, um princípio que desenvolveremos mais tarde em maior detalhe. Naturalmente tendemos a pensar que um homem bem dotado deve ser um homem piedoso. Um pastor, por exemplo, que é especialmente dotado em diversas áreas (tais como pregação, ensino, muitas vezes liderança, aconselhamento, etc.) é quase instintivamente presumido, ser espiritualmente maduro, e mais avançado na santidade do que todos os crentes “comuns”.

Como explicar o fato dele ser cheio de dons?

A resposta é que ele pode ou não ser espiritualmente maduro. O fato de ter muitos dons não tem nada a ver com a questão de conduta, pois os dons não são dados em proporção à santidade ou qualquer outra coisa. Os dons são dados livre e soberanamente por Deus a qualquer um que Ele queira. Eles são dons da graça, não méritos, e assim, eles não indicam de modo algum a santificação de uma pessoa. Eles não provam nada, exceto que Deus dá dons livremente. Os dons espirituais são “carismáticos” — dons da graça.

“Administrações ou serviços”

No verso 5 Paulo refere-se a dons como “administrações” [versão inglesa — em algumas outras versões “ministérios”, “serviços”]. O termo no grego é *diakonia*, “serviço”, a mesma palavra da qual tomamos a palavra “diácono”, que significa “servo”. O próximo fato sobre os dons espirituais, portanto, é que eles são serviços a serem prestados. Sua função primária é para os outros. Dons são para servir. Podemos então afirmar que dom é para serviço, não para exposição. Dom é ferramenta, não troféu. Ninguém pega sua ferramenta e coloca na sala de sua casa, ou a põe numa moldura, pois se lá estiver, não será ferramenta e sim troféu, antes a ferramenta está sempre próxima do trabalhador para o livre e ágil exercício de suas funções. Hoje não são poucos os que exibem no que diz respeito aos dons, esquecendo-se que eles são exclusivos ao serviço e não são por mérito e sim pela dádiva do pai para serviços específicos na igreja do Senhor.

“Operações ou poder/energia”

O verso 6 os chama de “operações”. Esta é a palavra grega da qual tomamos nossa palavra portuguesa “energia” (*energema*). Os dons espirituais são também energizadores. Provavelmente esta palavra enfatiza a divina energia nos capacitando a realizar o serviço. Pedro tinha esta mesma idéia em mente quando ele diz para “ministrar” (servir) com a “capacidade” (força) que Deus dá (1 Pedro 4:11). Deus nos dota para realizar o serviço na Sua força.

Simplificando o conceito acima podemos afirmar que as operações dos dons em nós se diferem não pela importância, mas sim pelo energemata (energia) dispensado através do exercício de cada um dos dons. Veremos a baixo a distinção de dons e dons, mas chegaremos à conclusão que alguns dons se destacarão mais que outros, sem contudo menosprezar a importância destes outros.

“Manifestações”

Finalmente, o verso 7 se refere a eles como “manifestações”. A palavra grega (*phanerosis*) significa “fazer visível”, ou “mostrar”. Os dons espirituais, então, são mostras visíveis de serviço a Deus e à Igreja. Os dons espirituais não são habilidades dadas para fazer algo para si mesmo, sozinho. Isso é egoísmo. Eles são “serviços” visíveis realizados para outros. Eles são exercitados em amor, Paulo ensina no capítulo 13, e “o amor não busca os seus próprios interesses” (13:5).

Mais uma observação é necessária. Exatamente o que é manifesto? O que é feito visível? É o próprio Espírito Santo! Um dom espiritual é uma “manifestação do Espírito” (1 Coríntios 12:7). Isto é como o Espírito Santo é visto — no exercício dos dons espirituais. Uma das maiores demonstrações do Espírito Santo é uma igreja na qual os membros estão exercitando os dons uns para com os outros. Uma igreja funcionando como um corpo bem dotado é uma bela demonstração do Espírito. Assim, um dom espiritual não é somente uma habilidade para servir; ele é um canal através do qual o Espírito Santo ministra ao corpo. Isto coloca a discussão num nível mais alto de importância! Quando você exerce seu dom a serviço de outros crentes, isto será reconhecido como a manifestação, a demonstração do Espírito de Deus. Deus escolheu ministrar ao Seu povo através de nós! Poucas coisas podem se comparar à benção de saber e experimentar isto.

Dons e Talentos

Qual a diferença entre um dom e um talento?

Neste assunto, encontramos algumas divergências que merecem ser apontadas. Temos aqueles

que crêem que dons e talentos são a mesma coisa, sendo que os dons são simplesmente a espiritualização dos talentos. Tal argumentação baseia-se em alguns textos bíblicos como por exemplo:

Gálatas 1:15-16 “**Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprouve revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, sem detença, não consultei carne e sangue...**”, baseado neste texto, afirma o irmão Fred G. Zaspel: “Paulo foi dotado para pregar desde antes o seu nascimento. Mas este dom, obviamente, não foi exercitado até muitos anos depois. Certamente, ele, sem dúvida, pregava e ensinava antes de crer, mas tal pregação ou ensino recebeu inteiramente uma nova dimensão quando ele foi salvo. Ele tinha o dom (talento) desde o começo; ele se tornou “espiritual” quando ele se tornou espiritual (Um homem “espiritual” é um cristão. Esta é a terminologia de Paulo em 1 Coríntios 2:14-15). Seus dons (os quais, sem dúvida, foram soberanamente dados também) “naturais” se tornaram espirituais simplesmente porque ele mesmo se tornou espiritual. Ou olhe isto de uma outra forma: qual é a diferença entre o que o seu professor de Escola Dominical faz para você todas as manhãs de Domingo e o que seu professor da faculdade lhe faz? A diferença é óbvia: o ensino do seu professor de Escola Dominical, ou do seu pastor — embora o mesmo talento, dom, possa ser usado numa sala de aula secular — tem uma dimensão totalmente diferente. Este ensino é espiritual e ministra para a igreja. O talento é o mesmo, mas recebeu uma nova dimensão e uma nova capacidade — uma capacidade para as coisas espirituais. Muitos professores se tornaram “espirituais” e assim ganharam a capacidade para ministrar para a igreja com o mesmo talento, o mesmo dom, que ele tinha desde o começo. Este talento simplesmente se tornou aprimorado em sua capacidade de servir à igreja eficazmente. Tornou-se espiritual. Assim o contraste não é absoluto; nem há distinções necessárias. Deus sabiamente e providencialmente equipa no nascimento; a dimensão espiritual é adicionada no novo nascimento, mas o talento em si mesmo é basicamente o mesmo.”

Por outro lado, encontramos aqueles que acreditam que nós nascemos com certos talentos, habilidades naturais, mas quando nascemos de novo nos são dados dons espirituais — talentos sendo naturais e dons sendo sobrenaturais. Tal afirmação se baseia no fato de que os discípulos, como no caso de Pedro e João, meros pescadores, foram transformados em ministros da Palavra de Deus.

Mateus 4:19 “*E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.*” Este texto que parece confirmar a linha anterior de continuidade de dons, na verdade demonstra uma mudança de natureza. Tal fato se comprovaria através do texto a seguir: Atos 4:13 “*Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus.*” Ao perceberem a capacidade de comunicação e conhecimento que tais homens tinham, viram tratar-se de algo sobrenatural.

Particularmente vejo a segunda explanação como sendo a correta, e para isto me baseio no fato de que quando uma pessoa se converte, ela não é reformada, alterada nem mesmo turbinada. Esta pessoa, nasce de novo o que significa dizer que “... **o que é nascido da carne é carne, o que é nascido do espírito é espírito...**” Jo 3:6. Podemos ainda afirmar que desde o momento em que nos convertemos ao Senhor, fomos chamados para novidade de vida, Romanos 6:4 “**Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida.**” a partir do momento em que nascemos de novo, somos chamados de “nova criatura” II Cor 5:17 “**E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas.**”

Como podemos então explicar os talentos?

Eu diria que tanto talentos como dons, foram dados por Deus para preencherem diversas

necessidades, sendo a primeira (talentos) para a humanidade de modo geral e a segunda (dons), para a Igreja especificamente. Os talentos podem ser usados de forma pessoal e serem administrados de forma autônoma pelo seu possuidor, enquanto que os dons, devem ser usados para edificação da igreja em serviço aos santos, e não devem ser fonte de lucro pelos seus possuidores. **“... de graça recebestes, de graça dai.”** Mateus 10:8

Definição

Colocando todos estes termos juntos, encontramos que um dom espiritual (Charismata) é uma capacidade dada por Deus para servir (diakonai), serviço este que uma vez realizado (energemata) , manifesta (phanerosis) a pessoa do Espírito Santo de Deus na igreja de forma visível e eficaz. Há definições longas que poderiam ser dadas, mas esta parece dizer tudo. Deus tem graciosamente, de forma imerecida, equipado a cada um de nós com a capacidade de ministrar aos outros dentro do corpo de Cristo. Um dom espiritual, é um canal através do qual o Espírito Santo ministra para Sua igreja. Isto significa que Ele escolheu edificar a Igreja. Ainda que seja objeto de comentários posteriores, gostaria de destacar que tais dons nos são dados de forma irrevogável **“... porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis.” Romanos 11:29.**

TABELA COMPARATIVA DE DONS E SUAS PASSAGENS BÍBLICAS

Nº.	I Co 12:8-10	I Co 12:28	Rm 12:6-8	I Pe 4:11	I Co 13	Ef. 4:11	I Co 12:29,30	I Co 7:1-17	Outros
1	Palavra de sabedoria	-	-	-	-	-	-	-	-
2	Palavra de conhecimento	-	-	-	Conhecimento	-	-	-	-
3	Fé	-	-	-	Fé	-	-	-	-
4	Dons de curar	Dons de curar	-	-	-	-	Dons de curar	-	-
5	Operação de milagres	Operação de milagres	-	-	-	-	Operadores de milagre	-	-
6	Profecia	Profeta	Profecia	Falar	Profecia	Profeta	Profetas	-	-
7	Discernimento de Espíritos	-	-	-	-	-	-	-	-
8	Variedade de Línguas	Variedade de Línguas	-	-	Línguas	-	Línguas	-	-
9	Capacidade de interpretação	-	-	-	-	-	Interpretação	-	-
10	-	Socorro	-	-	-	-	-	-	-
11	-	Governo	Preside	-	-	-	-	-	-
12	-	-	Serviço	Servir	-	-	-	-	-
13	-	-	Ensino	-	-	-	-	-	-
14	-	-	Exorta	-	-	-	-	-	-
15	-	-	Contribui	-	Contribuição	-	-	-	-
16	-	-	Misericórdia	-	-	-	-	-	-
17	-	Apóstolo	-	-	-	Apóstolo	Apóstolo	-	-
18	-	Mestre	-	-	-	Mestre	Mestre	-	-
19	-	-	-	-	Mártire	-	-	-	Mártire (Heb. 11:37-38)
20	-	-	-	-	-	Evangelista	-	-	-
21	-	-	-	-	-	Pastores	-	-	-
22	-	-	-	-	-	-	-	Celibato (solteiro(a) viúvo (a))	-
23	-	-	-	-	-	-	-	Casamento	-
24	-	-	-	-	-	-	-	-	Hospitalidade (I Tm 5:10; IPe4:9)
25	-	-	-	-	-	-	-	-	Intercessão (Oração, súplicas e ações de graça) I Tm 2:1
26	-	-	-	-	-	-	-	-	Revelação I Co 14:6,26,3; Gl 2:2

Será que Deus permite que escolhamos o(s) don(s) que quisermos?

É normal ouvirmos muitos dizerem que devemos escolher os dons que mais nos interessa, e para isto os mesmos se apóiam no texto de I Coríntios 12:31 **“Entretanto, procurai, com zelo, os melhores dons. E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente.”**.

Convém analisarmos o contexto deste verso, para que possamos nos assegurar sobre o que realmente o Apóstolo intenciona falar, sendo assim cabe ponderarmos:

a) Qual o propósito da fala do Apóstolo?

R – Corrigir os irmãos da Igreja em Corinto, quanto às condutas ignorantes de alguns deles. Vs 1 “*A respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes.*”

b) Como o Apóstolo Paulo conduz o assunto?

R – A fim de suprir a igreja de base para entendimento do assunto, o apóstolo ensina:

- A origem dos dons (charisma) = Graça / dons
- O propósito dos dons (diakonai) = Serviço ou ministério
- As realizações (energemata) = energia
- A finalidade dos dons e serviços = manifestar (phanerosis) o Espírito.

Vss. 4 a 7 “*Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso.*”

Para tal, o apóstolo exemplifica citando alguns dons Vss. 8-10 “*Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; a outro, no mesmo Espírito, a fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar; a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las.*”

c) Após tal explanação, qual a primeira conclusão apontada pelo apóstolo?

O apóstolo conclui que os dons espirituais foram disponibilizados à igreja segundo o querer do Espírito de Deus. Vs. 11 “*Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente.*”

d) Como o apóstolo justifica sua conclusão?

Ele nos faz compreender tal fato, através da ilustração de um corpo dizendo:

- Num corpo há muitos membros Vss. 12 e 14
- Mesmo sendo muitos, são todos um só corpo Vs. 12
- Não há lugar para individualismo vs. 14
- Não há lugar para menosprezo vs. 15 e 16
- Não depende da escolha do(s) membros do corpo, o papel que cada um há de desempenhar. Vss. 16 a 18
- Se fosse permitido aos membros expressarem suas escolhas, não existiria corpo Vs. 19
- Nenhum membro é independente Vs. 21

- Existe sim diferença de honra (importância), mas não insignificância no corpo Vss. 22 a 26
- Somos corpo de Cristo (coletivamente) e membros (individualmente) Vs. 27
- Fomos estabelecidos por Deus e não por nossas escolhas Vs. 28
- Não podemos ter todos a mesma função Vss. 29 e 30

Diante disto, como poderia o versículo 31 nos orientar a procurarmos os melhores dons? Como vimos, a intenção do apóstolo é de exortação a tal ato e não de incentivo. Talvez seja melhor compreendido se lermos: Vocês ficam aí, procurando com zelo aqueles que julgam ser os melhores dons, no entanto vou mostrar-lhes o que de fato é excelente – o amor

CAPÍTULO 13.

È correto distinguirmos: Manifestações do Espírito de Dons Espirituais para ministérios?

Eu diria que é comum ouvirmos que existe distinção entre manifestações espirituais, dons e ministérios. Contudo, ainda que não seja incorreto fazermos tais distinções, pelo menos seria desnecessário haja vista que tais alternâncias já estão devidamente previstas no texto de I Cor 12:1-7 texto este já trabalhado anteriormente, quando vimos que os dons são para ministérios cuja finalidade é expressar o Espírito Santo de Deus.

No quadro abaixo temos por intenção dividir os dons em duas categorias, ou seja: Os de falar e os de Servir. Tal separação tem somente o intuito didático e não doutrinário. Queremos começar a despertar nossos irmãos para uma conclusão mais segura a respeito de seus dons. Muitos irmãos tem uma imensa dificuldade em falar, mas age com eficiência, e vice versa. Sendo possível então a partir da lista abaixo começarmos a observar: Aqueles com mais facilidade em uma das duas áreas, devem dar uma atenção especial para a lista que se segue.

I PEDRO 4:11

DONS

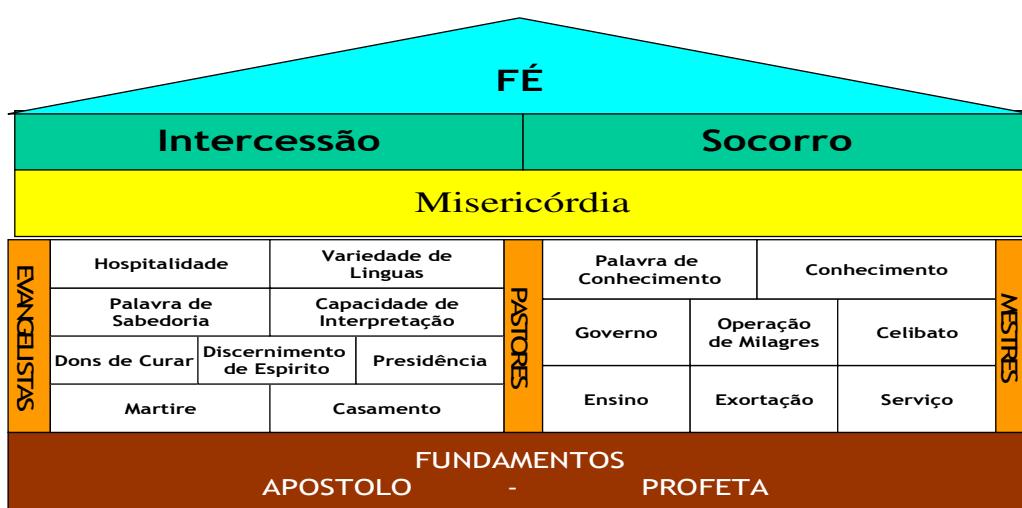
FALAR	SERVIR
Palavra de sabedoria Palavra de conhecimento Profecia Variedade de Línguas Capacidade de interpretação Ensino Exortação Apóstolo Mestre Evangelista Intercessão Revelação Esperança	Pastor Dons de curar Operação de milagres Discernimento de Espíritos Socorro Governo e presidência Contribuição Misericórdia Mártire Fé Celibato (solteiro e viúvo) Casamento Hospitalidade Serviço

Agora sim temos um quadro cuja finalidade além de didática também é doutrinária, pois tal subdivisão, torna-se indispensável para um devido conceito de cada um dos dons, além de representar campos de ação, bem como a sua existência ou não em nossos dias.

DONS

FALAR	SERVIR		
FUNDAMENTO	SUSTENTAÇÃO	EDIFICAÇÃO	COBERTURA
Apóstolo	Evangelista	Palavra de sabedoria	Fé
Profeta	Pastores	Palavra de conhecimento	Intercessão
	Mestres	Variedade de Línguas	Socorro
		Capacidade de interpretação	Misericórdia
		Ensino	
		Exortação	
		Dons de curar	
		Operação de milagres	
		Discernimento de Espíritos	
		Governo e presidência	
		Ajuda ou Contribuição	
		Mártire	
		Celibato (solteiro e viúvo)	
		Serviço	
		Casamento	
		Revelação	

Vamos agora, para melhor consolidar nossa compreensão sobre o tema, aplicarmos à lista de dons já apresentada aos irmãos, a figura de um edifício. Este edifício está abaixo representado através de cores, separados e destacados pelos fundamentos, sustentação, edificação e cobertura.



Um cristão pode servir naquilo cujo dom não lhe foi confiado?

Você pode ministrar fora da área do seu dom? Deveria? Poderia você fazer isso eficazmente? Estas questões são freqüentemente levantadas, mas a resposta é tanto simples como óbvia. Por exemplo, suponha que sua casa estivesse em chamas, e você estivesse impossibilitado de fazer algo, e assim fosse me pedir socorro. O que você pensaria se eu replicasse: “Me desculpe, mas a área de atuação de meus dons é o ensino, não socorros ou contribuição”! A questão responde por si só – a ausência de dons não escusa ou alivia a responsabilidade Cristã. Vocês, homens, são responsáveis de liderar sua família, quer tenham ou não o dom de liderança. Vocês são responsáveis por ensinar suas crianças, quer tenham ou não o dom de ensino. Todos os Cristãos são responsáveis de testemunhar por Cristo, quer tenham ou não o dom de evangelização. Vocês são responsáveis de sustentar o ministério de sua igreja (assumindo que esta seja uma igreja fiel às Escrituras), quer tenham ou não o dom de contribuição. Vocês são responsáveis de promover a comunhão Cristã, quer tenham ou não o dom de hospitalidade. Vocês são responsáveis de exortar seus companheiros crentes, quer tenham ou não o dom de exortação, e assim por diante.

Seu dom pode ser seu ponto de partida, sua área primária de eficácia, mas jamais permita que ele o detraia de servir ou realizar suas responsabilidades em outras áreas também.

Cabe aqui destacar que existe uma diferença enorme entre exercer o(s) dom(s) que o Senhor lhe confiou diante da Igreja com o expressar a vida cristã normal, da qual nenhum de nós pode se eximir. A única ressalva que fazemos é que, caso uma pessoa venha a ser requisitada para determinado “serviço”, na vida da igreja, este por sua vez não compatível com o(s) dom(ns) que o Senhor lhe tenha confiado, não significa que o mesmo poderá a partir daí, exercer tal dom, o que houve na verdade foi um manifestar do Espírito, habilitando temporariamente um servo para Seu propósito. Afirmamos então que, o Senhor pode sim usar um servo para exercer alguma tarefa fora de seu dom, mas o desejo supremo de Deus é que cada um exerça seu dom e assim não apenas corresponderemos as necessidades da igreja, mas refletiremos com unção e graça a glória do Pai.

Poderíamos dizer que existem regras para a operação dos dons?

A faísca que fende árvores, queimam casas e matam gente, é da mesma natureza da eletricidade gerada na usina que tão eficientemente ilumina as casas e aciona as fábricas. A diferença está apenas em que a da usina é controlada. Em I Coríntios capítulo 12, Paulo revelou os grandiosos recursos espirituais de poder disponível para a igreja; no cap. 14 ele mostra como esse poder deve ser regulado, de modo que edifique, em lugar de destruir, a igreja. A instrução era necessária, pois uma leitura desse capítulo demonstrará que a desordem havia reinado em algumas reuniões, devido à falta de conhecimento das manifestações espirituais. O capítulo 14 expõe os seguintes princípios para esse regulamento:

- a) Valor proporcional. Os coríntios haviam-se inclinado demasiadamente para o dom de línguas, indubitavelmente por causa de sua natureza espetacular. Paulo lembra-lhes que a interpretação e a profecia eram necessárias para que o povo pudesse ter conhecimento inteligente do que estava dizendo. Não existe edificação, sem compreensão, a igreja não pode liberar-se para esta prática, seja ela línguas ou

“revelações”, se não houverem parâmetros que os comprove.

- b) Edificação. O propósito dos dons é a edificação da igreja, para encorajar os crentes e converter os descrentes. Mas, diz o apóstolo Paulo, se um de fora entra na igreja e tudo que ouve é falar em línguas sem interpretação, concluirá: esse povo é demente.
- c) Sabedoria. “Irmãos, não sejais meninos no entendimento.” Em outras palavras: “usai o seno comum”. Não podemos exigir que todos compreendam determinadas expressões espirituais, o que na menor das hipóteses faz com que sejamos sábios em nossas expressões diante da Igreja local.
- d) Autodomínio. Alguns coríntios poderiam protestar assim: “Não podemos silenciar; quando o Espírito Santo vem sobre nós, somos obrigados a falar”. Mas Paulo responderia: “os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas”. Isto é, aquele que possui o dom de línguas pode dominar sua expansão e falar unicamente a Deus, quanto tal domínio seja necessário.
- e) Ordem. “Mas faça-se tudo decentemente e com ordem.” O Espírito Santo, o grande Arquiteto do universo com toda sua beleza, não inspirará aquilo que seja desordenado e vergonhoso. Quando o Espírito Santo está operando com poder, haverá uma comoção e um movimento, e aqueles que aprenderam a render-se a Ele não criarião cenas que não edifiquem.
- f) Suscetível de ensino. Infere-se dos versos 36 e 37 que alguns dos coríntios haviam ficado ofendidos pela crítica construtiva de seus dirigentes.

NOTA 1. Infere-se, pelo cap.14 de I Cor., que existe poder para ser governado. Portanto, o capítulo seria sem nenhum significado para uma igreja que não experimenta as manifestações do Espírito. É muito certo que os coríntios haviam descarrilado quanto aos dons espirituais. Entretanto, ao menos tinham os trilhos e uma estrada! Se Paulo tivesse agido como alguns críticos modernos, teria removido até a estrada e os trilhos! Em lugar disso, ele sabiamente os colocou de novo sobre os trilhos para prosseguirem viagem! Quando a igreja do segundo e terceiro séculos reagiram contra certas extravagâncias, ela inclinou-se para o outro extremo e deixou muito pouco lugar para as operações do Espírito. Mas essa é apenas uma parte da explicação do arrefecimento do entusiasmo da igreja e a cessação geral das manifestações espirituais. Cedo na história da igreja começou um processo centralizador de sua organização e a formação de credos dogmáticos e inflexíveis. Ainda que isso fosse necessário como defesa contra as falsas seitas, tinha a tendência de impedir o livre movimento do Espírito e fazer do cristianismo uma questão de ortodoxia mais do que vitalidade espiritual.

Assim escreve o Dr.T.Rees: no primeiro século, o Espírito era conhecido por suas manifestações, mas do segundo século em diante era conhecido pela regra da igreja, e qualquer fenômeno espiritual que não estivesse em conformidade com essa regra era atribuído a espíritos maus. As mesmas causas, nos tempos modernos, tem resultado em descuido da doutrina e da obra do Espírito Santo, descuido reconhecido e lamentado por muitos dirigentes religiosos. Apesar desses fatos, o poder do Espírito Santo nunca deixou de romper todos os impedimentos do indiferentismo e formalismo, e operar com força vivificadora.

NOTA 2- Devemos diferenciar entre manifestações e reações. Tomemos a seguinte ilustração: a luz da Lâmpada elétrica é uma manifestação da eletricidade; é da natureza da eletricidade manifestar-se na forma de luz. Mas quando alguém toma um choque elétrico e

solta um grito ensurdecedor, não podemos dizer que o grito seja manifestação da eletricidade, porque não está na natureza da eletricidade manifestar-se em foz audível. O que aconteceu foi a reação da pessoa à corrente elétrica! Naturalmente a reação dependerá do caráter e temperamento da pessoa. Algumas pessoas calmas e de “sangue frio” apenas suspirariam, ofegantes, sem dizer nada.

Apliquemos essa regra ao poder espiritual. As operações dos dons em I Cor. 12:7-1- são Biblicamente descritas como manifestações do Espírito. Muitas ações porém, em geral chamadas manifestações, realmente são reações da pessoa ao movimento do Espírito. Referimo-nos a tais ações como gritar, chorar, levantar as mãos e outras cenas.

Que valor prático há no conhecimento dessa distinção? 1) Ajudar-nos a honrar e reconhecer a obra do Espírito sem atribuir a ele tudo o que se passa nas reuniões. Os críticos, ignorando a referida distinção, incorretamente concluem que a falta de elegância ou estética na manifestação de certa pessoa prova que ela não está inspirada pelo Espírito Santo. Tais críticos poderiam ser comparados a indivíduos que, ao ver os movimentos grotescos de quem estivesse tomando forte choque elétrico, exclamasse: “A eletricidade não se manifesta assim!” O impacto direto do Espírito Santo é de tal forma comovente, que bem podemos desculpar a frágil natureza humana por não se comportar como se fosse sob uma influência mais gentil. 2) O conhecimento dessa distinção naturalmente, estimulará a reagir ao movimento do Espírito duma maneira eu sempre glorifique a Deus. Certamente é tão injusto criticar as extravagâncias dum novo convertido como criticar as quedas e tropeços da criança que aprende a andar. Mas ao mesmo tempo. Orientado por ICor.14, é claro que Deus quer que seu povo reaja ao Espírito, duma maneira inteligente, edificante e disciplinada. “Procurai abundar neles, para edificação da igreja (ICor.14;12).

Assim então podemos concluir que sem dúvida alguma, o Senhor nosso Deus, estabeleceu princípios e ordem para que nós, meros instrumentos de edificação dos santos pudéssemos cumprir, a fim de expressarmos exclusivamente a Deus e Seus propósitos, e não nossas anormalidades e fragilidades anímicas.

CONCEITUANDO OS DONS

Dons de Fundamento

Apóstolos e profetas, por exemplo, são dons de fundamento (Efésios 2:19-20). A igreja é edificada sobre este fundamento. A natureza de um fundamento é que sobre ele que se é construído algo; um construtor não continua a construir um fundamento mas ao contrário, tendo este sido lançado, ele agora constrói sobre ele. Uma vez lançado o fundamento, não há mais necessidade de se construir outro. O texto Bíblico de Efésios 2:19-20, menciona a igreja, como sendo um grande edifício, um templo, no qual Deus habita. O fundamento de tal edifício constitui-se de apóstolos e profetas, tendo o próprio Senhor Jesus Cristo como sendo a pedra de esquina ”(verso 20). Os apóstolos e profetas foram os únicos em sua posição; seus ensinos são fundamentais para a igreja, sem os quais, o edifício inteiro desmoronaria.

APÓSTOLOS:

Cabe ressaltar que esta palavra comporta dois usos, embora baseados ambos no mesmo conceito fundamental legado pelo judaísmo.

- a) Mandatário revestido de autoridade delegada e enviado, acepção geral que o contexto particulariza em determinados casos como: Jo 13:16; Fp 2:25; II Co 8:23.

Apesar de vermos em nossos dias, muitos que exigem este título sobre si, o que vemos é a total impossibilidade para tal ato. Abaixo veremos elementos básicos que constituem um apóstolo:

- a) Ter visto o ressuscitado - At 1:21-22; I Jo 1:1-4; Lc 24:48; Jo 20:21; I Co 9:1 e 15:7-10; È claro que nem todas as testemunhas da ressurreição são apóstolos; os quinhentos irmãos de I Co 15:6 não o são, mas todos os apóstolos foram testemunhas da ressurreição conforme I Co 15:7.
- b) Ter recebido D'Ele o mandato de testemunhar sua ressurreição e à luz da ressurreição, a totalidade de sua Pessoa e Obra. Mt 28:16-19; Jo 20:21; Rm 1:15; I Co 1:17;

Vale dizer que a vocação apostólica limita-se ao tempo das aparições de Jesus ressuscitado e que Paulo é o último dos apóstolos I Co 15:8.

Quais seriam então, os apóstolos bíblicamente comprovados?

Seriam eles: Simão – Pedro, André irmão de Pedro, Tiago e João filho de Zebedeu, Filipe, Bartolomeu, Mateus = Levi, Tomé, Tiago – filho de Alfeu, Simão o Cananeu, Judas – filho de Tiago e Judas Iscariotes. Mt 10:2-5

Por ocasião do suicídio de Judas Iscariotes, foi incluído Matias (At 1:26) e posteriormente vemos o acréscimo de Paulo (Rm 1:1), findando assim a lista de apóstolos.

Se a distinção entre apóstolo e simples enviado é evidente, em compensação é menos fácil determinar quais homens compõe os “apóstolos”, em sentido restrito. Logo somente podemos nomear os doze seguidos de Paulo e Matias.

Todas as outras Pessoas mencionadas, que poderiam entrar em consideração são:

- Andrônico e Junias – Rm 16:7

“Saudai Andrônico e Júnias, meus parentes e companheiros de prisão, os quais são notáveis (no original, encontramos a palavra MARCADOS) entre (pelos) os apóstolos e estavam em Cristo antes de mim”

Junias - pode ser tanto um nome feminino quanto masculino, pois os nomes próprios gregos não eram precedidos de artigo definido para sua identificação nem tinham uma vogal decisória que fizesse chegar à uma única conclusão. Seria como por exemplo utilizamos no Português, o nome Darci, que pode ser homem ou mulher. No entanto, alguns teólogos acreditam que Junias se tratava de uma mulher. Particularmente creio que tratava-se de homem uma vez que foram “companheiros de prisão”.

- Barnabé At 14:14; I Co 9:5ss

- Tiago irmão do Senhor “ Gl 1:19
- Apolo I Co 4:6,9
- Silvano(trata-se de Silas) e Timóteo I Ts 2:7; I Ts 1:1

De fato, filologicamente (*filologia é o estudo que analisa a literatura, cultura e demais costumes de um povo*), não é possível admitir que, nos textos alegados, o termo apóstolo se refira a estes personagens. Por outro lado, mesmo na suposição de que eles se refira, nem por isto consta que eles sejam reconhecidos “apóstolos” no sentido restrito.

Vale destacar que nosso intuito não é de forma alguma definir quais são os apóstolos, mais sim mostrar aqueles que não são. Digo isto uma vez que as escrituras em Ap 21:14 faz menção a somente doze apóstolos e não treze como chegamos através de nossa leitura. Sendo assim, não nos cabe dizer qual dentre os treze não seriam “apóstolo do Cordeiro”, mas sim afirmar que de forma restrita torna-se impossível acrescentar quem quer que seja nesta lista, principalmente aqueles que por vaidade tentam se incluir hoje em dia.

Profeta

Da mesma maneira que encontramos enganos por parte de muitos em relação aos apóstolos, não é diferente quando o assunto é profetas. Alguns erram por desconhecimento bíblico, outros por pura vaidade. Os que erram por desconhecimento, certamente podem a partir destes ensinamentos corrigirem seus conceitos, no entanto os que erram por vaidade, necessitam de arrependimento, que por sua vez somente o Espírito de Deus pode realizar.

A palavra profeta, merece uma atenção especial, por tratar-se de uma palavra ampla, que mal aplicada pode causar graves erros doutrinários.

A seguir dois sentidos desta palavra?

a) No sentido restrito

- **Aqueles que anunciaram previamente sobre o nascimento, morte, ressurreição e assunção do messias, bem como sobre o reino de Deus e Seu plano.**

A estes podemos confiar o título de “FUNDAMENTO”, da igreja Ef. 2:19-20, uma vez que o propósito de Deus sobre os mesmos, era de que anunciassem aquilo que haveria de ocorrer para que tanto o Israel natural, como a Igreja do Senhor pudesse ser encaminhadas rumo a vontade e plano do Senhor. Mateus 1:22; 2:5, 15; 3:3; 11:9; Lc 24:19; Heb 1:1-2. Ocorre que esta revelação teve tempo para que fosse entregue, tempo este que já encerrou a muitos anos atrás. Estes verdadeiros profetas foram responsáveis pelas palavras que hoje constam das Escrituras Sagradas, e da mesma forma que estas Escrituras não podem ser acrescentada Mt 5:18; Mt 26:25; Lc 16:17; Ap 22:18 também os profetas cessaram seus ministérios “ ...Porque todos os Profetas e a Lei Profetizaram até João...” Mt 11:7-14.

No evangelho de Mateus 5:17 lemos: **“Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir.”** Nosso Senhor Jesus veio para cumprir todas as profecias que foram liberadas antes D'ele. Podemos também afirmar que estas

revelações proféticas tiveram seu encerramento através de João por meio de Apocalipse. Neste sentido, podemos dizer que não existem mais profetas (no sentido restrito) em nossos dias uma vez que não existem funções haja visto que as profecias já foram todas entregues, agora cabe apenas o cumprimentos de algumas poucas.

“mas Deus, assim, cumpriu o que dantes anunciara por boca de todos os profetas: que o seu Cristo havia de padecer. Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados, a fim de que, da presença do Senhor, venham tempos de refrigério, e que envie ele o Cristo, que já vos foi designado, Jesus, ao qual é necessário que o céu receba até aos tempos da restauração de todas as coisas, de que Deus falou por boca dos seus santos profetas desde a antiguidade. Disse, na verdade, Moisés: O Senhor Deus vos suscitará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser. Acontecerá que toda alma que não ouvir a esse profeta será extermínada do meio do povo. E todos os profetas, a começar com Samuel, assim como todos quantos depois falaram, também anunciaram estes dias. Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com vossos pais, dizendo a Abraão: Na tua descendência, serão abençoadas todas as nações da terra.” At 3:18-25.

b) No sentido amplo

- nos escritos gregos, intérprete dos oráculos;

Quando tratamos a palavra PROFETA no sentido amplo, como sendo alguém que, movido pelo Espírito de Deus e como seu instrumento ou porta-voz, solenemente declara aos homens o que recebeu por inspiração passamos a admitir a possibilidade de sua função em nossos dias, ficando claro que estes não trazem novas profecias sobre a Igreja, mas sim e especialmente revela aquilo que concerne a eventos futuros, e esclarece eventos passados que estejam diretamente relacionados com a causa e reino de Deus e a salvação humana já dito anteriormente pelos profetas. Sendo assim, não julgo prudente utilizarmos a palavra profeta para descrever tais pessoas (ainda que não seja proibitivo), uma vez que eles se distinguem muito em seus ministérios. Enquanto o primeiro fala previamente de eventos que viriam a acontecer, o segundo interpreta e revela aquilo que já fora dito anteriormente. Prefiro dizer que estes são hoje os evangelistas, pastores e mestres que movidos pelo espírito de Deus tem o encargo de revelarem de forma inspirada tais fatos à igreja. Quando centralizamos tais ações aos PROFETAS, estamos negligenciando o(s) verdadeiro(s) dom(ns) que esteja em operação naquele momento. Talvez seja este o motivo de não vermos entre nós irmãos que conhecem o corpo em seu exercício já que tudo que acontece é atribuído ao PROFETA. Para melhor esclarecermos tal afirmativa, convém utilizarmos do texto de I Co 14:1-3

“Segui o amor e procurai, com zelo, os dons espirituais, mas principalmente que profetizeis. Pois quem fala em outra língua não fala a homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende, e em espírito fala mistérios. Mas o que profetiza fala aos homens, edificando, exortando e consolando.”

Note que o termo utilizado como “profetizeis” tem a função de: Edificar, exortar e consolar. Em outras palavras este profetizar significa falar na inspiração de Deus e não trazer NOVA revelação. Todo cristão ao abrir sua boca para falar das coisas concernentes a Deus, tem a obrigação de falar na inspiração Divina, apesar de parecer óbvio, não é isto que temos visto hoje.

- Os falsos profetas

Não é sem motivos que as escrituras nos adverte quanto aos falsos profetas, vide abaixo alguns textos:

Mateus 7:15 *Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores.*

Mateus 24:11 *levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos.*

Mateus 24:24 *porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos.*

Lucas 6:26 *Ai de vós, quando todos vos louvarem! Porque assim procederam seus pais com os falsos profetas.*

2 Pedro 2:1 *Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição.*

1 João 4:1 *Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora.*

1 João 4:4 *Filhinhos, vós sois de Deus e tendes vencido os falsos profetas, porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo.*

Estes tanto podem ser os que se levantam hoje requerendo sobre si o título apenas conferido àqueles que de forma restrita foram por Deus designados para este fim, como aqueles que após adquirirem a confiança de alguns, utilizam-se desta confiança para ensinar contrário aos princípios Bíblicos, buscando auferir lucros e vantagem pessoais para si e para outros, sem levar em conta o estabelecido nas Escrituras. Por temor devemos acender um alerta tanto para aqueles de falam como para os que ouvem. Os que falam devem garantir que sua fala, obedeça os requisitos Bíblicos, e os que ouvem, devem ser criteriosos e conferir sempre nas Escrituras, se o que está sendo dito confere com os ensinamentos do Apóstolo e Profetas.

Dons Revelatórios

“Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três, e os outros julguem. Se, porém, vier revelação a outrem que esteja assentado, cale-se o primeiro.” I Co 14:29-30

Merece uma atenção especial este tópico uma vez que geralmente a igreja confunde o dom profético (extinto no seu sentido restrito) com o de revelação (em vigor). Enquanto que o dom profético exerceu ministério utilizando homens do passado que inspirados por Deus revelaram a igreja todo o plano de Deus. O dom revelatório tem a finalidade de, através do Espírito Santo de Deus, revelar ao indivíduo ou a igreja local coisas concernentes a sua conduta pessoal, moral e espiritual. Neste caso o dom revelatório continua tendo seu papel hoje, por meio de servos e servas que o Senhor levantou para este serviço. Cabendo apenas destacar que “nem tudo que brilha é ouro” e “nem tudo que é dado como revelação o é”.

Alguns exemplos bíblicos do exercício deste dom:

ATOS 11:27-28 “*Naqueles dias, desceram alguns profetas de Jerusalém para Antioquia, e, apresentando-se um deles, chamado Ágabo, dava a entender, pelo Espírito, que estava para vir grande fome por todo o mundo, a qual sobreveio nos dias de Cláudio.*”

ATOS 21:10-11 “*Demorando-nos ali alguns dias, desceu da Judéia um profeta chamado Ágabo; e, vindo ter conosco, tomado o cinto de Paulo, ligando com ele os próprios pés e mãos, declarou: Isto diz o Espírito Santo: Assim os judeus, em Jerusalém, farão ao dono deste cinto e o entregaráo nas mãos dos gentios.*”

Encontramos diversas vezes nas escrituras o termo revelação como sendo menção a fatos dos quais aprouve ao Senhor faze-los conhecidos para um determinado fim. Seja o iluminar do Espírito para desvendar algo já dito nas Escrituras Sagradas; Seja alertar, disciplinar ou instruir alguém individualmente ou a igreja coletivamente para que seja por esta forma conhecida a vontade de Deus.

Gálatas 2:2 *Subi em obediência a uma revelação; e lhes expus o evangelho que prego entre os gentios, mas em particular aos que pareciam de maior influência, para, de algum modo, não correr ou ter corrido em vão.*

Desta forma, após fazermos distinção entre dom de Profecia e dom de revelação, podemos afirmar que o primeiro no que tange a forma restrita, (profecia), não é dado hoje aos servos de Deus, mas o segundo (revelação), estes sim ainda hoje são distribuídos e são úteis nas mãos do Senhor, cabendo sempre deixar bem claro que os mesmos se distinguem em essência.

Enquanto o dom de profecia falava a cerca das coisas que viriam sobre o universo e a igreja universal, o dom de revelação fala das coisas que virão a acontecer sobre determinado servo ou mesmo igreja local.

DONS DE SUSTENTAÇÃO

Os Dons de Liderança

Este capítulo examinará os dons do Espírito mais proeminentes e notáveis que Deus dá à Sua igreja hoje. A estes denominamos “sustentação” uma vez que são os dons imediatos aos anteriormente anunciados (Apóstolos e Profetas) e são responsáveis pela sustentação da igreja e expressão do plano de Deus sobre a terra.

Evangelistas

O termo no grego está relacionado com a palavra “evangelho”. O *euangelion* é o “evangelho”, ou as “boas novas”. *Euangelizo* (a forma verbal) significa anunciar o evangelho, “evangelizar”. O *euangelistes* é “alguém que evangelisa”, ou o “evangelista”.

O termo “evangelista” ocorre somente três vezes no Novo Testamento, nenhuma das quais realmente define com detalhes o que um evangelista é. **Atos 21:8** simplesmente nos informa que Filipe foi um evangelista; **Efésios 4:11** ensina que evangelistas são dons para a igreja; e **2 Timóteo 4:5** ordena a Timóteo fazer a obra de um evangelista.

Qual é o papel do Evangelista?

Colocando juntas as informações disponíveis nestes versos, podemos chegar a um entendimento do termo. O termo em si, sabemos, significa anunciar as boas novas, evangelizar. **Efésios 4:11-12** ensina que o evangelista coopera no propósito de equipar os santos para a obra do ministério para a edificação do corpo de Cristo. E com o ministério de Filipe registrado em **Atos 8**, temos um exemplo do que um evangelista é e faz.

Um evangelista é, alguém especialmente eficaz na apresentação da mensagem do evangelho aos perdidos podendo também em caráter secundário contribuir na instrução dos crentes na fé, motivando-os a seguirem seus exemplos e assim formando novos discípulos em seu dom. Seu ministério é itinerante, ministrando aos crentes e descrentes da mesma forma, em várias localizações. Ele não é alguém que anuncia uma nova verdade – isto é: Doutrina. Mas ele é alguém que anuncia a verdade. Em parte podemos dizer que uma faceta do evangelista do Novo Testamento é semelhante ao dos missionários de hoje. Ele traz as boas novas a uma comunidade não evangelizada, forma discípulos, estabelece uma igreja, e parte. O que não significa que este seja o perfil de todos os evangelistas, já que existem aqueles que não são itinerantes. São aqueles que de forma fixa em suas igrejas locais anunciam o evangelho aos perdidos trazendo-os para reunirem em suas igrejas locais. Podemos no entanto, afirmar que o papel de um evangelista, não resume-se somente em levar a Palavra de Deus até alguém, mas em confirmar esta palavra em seus corações, esperando que a mesma confirme a existência de vida. Para ser mais claro, podemos comparar seu papel com a de um semeador, que lança no solo sua semente, ocorre que não basta ao semeador lançar a semente no solo, ele presta os primeiros cuidados necessários no campo, até que a semente esteja alojada e desponte as primeiras mudas. Um evangelista não apenas lança a palavra, mas presta os primeiros cuidados à vida do recém-nascido espiritual, para confirmá-lo na fé, ponto a partir do qual libera o mesmo ao cuidado do pastor.

É obrigação de todos evangelizar?

Eu diria que todos nós devemos estar prontos para contribuir com a evangelização, mas não posso afirmar que todos nós somos obrigados a faze-lo. Pode parecer um pouco estranho esta afirmação, mas na verdade podemos confirmá-la pela prática em nosso meio. Quando lemos em **I Co 12:18-19 “Mas Deus dispôs os membros, colocando cada um deles no corpo, como lhe aprouve. Se todos, porém, fossem um só membro, onde estaria o corpo?”** Quero dizer com isto que o evangelista tem de forma especial uma capacitação Divina para realizar seu trabalho que os demais (não evangelista) não receberam. Querer que todos sejam evangelistas é o mesmo que querer que todos sejam um só membro. Preste atenção neste exemplo: Quando converso com um evangelista ele me testemunha mais ou menos assim: Olha, quando eu estava no ponto de ônibus, vi uma pessoa ali de pé, aguardando a chegada do ônibus e logo me veio uma imensa vontade de falar do amor de Deus, então me dirigi a ela e comecei a anunciar, de repente ela começa a chorar e diz que precisa muito deste Jesus e que quer uma visita onde possa ouvir com mais tempo. Eu então marco uma visita em sua casa, apresento a fé e ela aceita a Jesus. Note, que o evangelista, aproveitando o tempo disponível enquanto esperava o ônibus aplicou seu espírito em anunciar o evangelho, cumprindo assim seu encargo diante de Deus. Agora veja só o que eu faço: Estando eu ali no ponto de ônibus a espera-lo, olho para o lado e penso: espero que esta pessoa não se aproxime para conversar pois estou aqui com este maravilhoso livro de estudos, e quero ler todo ele com a máxima urgência, para que alimentando meu espírito possa ministrar mais tarde aos meus irmãos. Deus, se não for propósito Seu que eu fale de Jesus a esta pessoa neste momento, que eu tenha o máximo de paz possível para poder continuar minha meditação. Desta forma, eu que me

dedico ao ensino estou também aplicando meu espírito para no tempo oportuno ministrar aos irmãos. Não posso querer fazer todas as coisas. Querer ser mestre e evangelista é como querer que um órgão seja tanto estômago como pulmão. Desta forma digo aos irmãos que todo cristão tem a obrigação de dando bom testemunho, estar sempre preparado para anunciar a palavra de fé, sempre que requerida. No entanto, não ouso dizer que todo cristão tem obrigatoriamente que evangelizar, pois creio que isto contraria o princípio dos dons.

Podemos evangelizar sem limites?

Levando em conta que evangelizar não significa apenas falar, mas sim apresentar as “boas novas do evangelho”, podemos dizer que não basta chegar em determinado lugar, abrir a boca, falar algumas palavras e ir embora. Isto não é obra de evangelista. O evangelista certifica-se de que sua palavra foi recebida pelo ouvinte o que resulta num apelo onde este alguém confessa ao Senhor Jesus como Senhor e salvador. Diante disto, o evangelista se preocupa em estruturar os primeiros passos deste recém-convertido, o que ele faz, através de uma equipe que discípula este indivíduo transmitindo-lhe os rudimentos da fé. Aí sim, o evangelista sente-se realizado em seu trabalho, ao ver que a semente lançada produziu seus primeiros brotos. Não quero dizer com isto que o discipulado é responsabilidade do evangelista, mas que o mesmo tem o encargo de agir em sintonia com aqueles que o farão. Logo se o dizer que podemos evangelizar sem limites signifique que este será à medida de nossa capacidade estruturada para receber os recém-convertidos, podemos dizer que sim. No entanto se evangelizar sem limites significa apresentar Cristo ao indivíduo e deixa-lo solto sem nenhum acompanhamento, eu diria que não.

Por que este dom é tido como de Sustentação?

Por se tratar de um dom “intensificado” ou seja um dom que necessita de outros para compor seu “energemata” (conforme pagina 01). O dom de evangelismo compõe-se da soma de outros como por exemplo:

- Misericórdia , operação de milagres e ensino;
- Dom de curar; exortação; intercessão;
- Discernimento de espíritos; mártire; celibato;

No entanto não podemos fixar quais os dons da lista de dons para edificação, que agrupados formam o dom de evangelista, uma vez que o Senhor é quem determina. O que podemos fazer é; à medida em que convivemos com esta pessoa, reconhecer os dons que se apresentam através de sua vida. Podemos ainda dizer que é a variedade destes dons que o compõe que determina o estilo do evangelista.

EXEMPLO:

- Evangelista de massa: Aquele que ministra para um número maior de pessoas ao mesmo tempo.
- Evangelista pessoal: Aquele que se ocupa em maior grau no evangelismo pessoal, tratando cada um em sua individualidade.
- Evangelista familiar: Aquele que se aplica a acompanhar famílias inteiras, indo de casa em casa, reunindo-os e ensinando as Boas Novas.

Percebo como sendo ainda mais maravilhoso neste assunto é que, o Senhor através da junção de dons para compor o dom de evangelista, realiza a diversidade o que possibilita um alcance mais amplo no ensino do Evangelho da Salvação.

Podemos ainda destacar que nem todo evangelista é um líder no meio da Igreja do Senhor, para que este assim o seja, depende exclusivamente da junção de dons que o Senhor lhe confiou, neste caso, é necessário que tal irmão, tenha neste agrupamento de dons o dom de “governo ou presidência”.

Existem regras para evangelizar?

Eu diria que pelo menos princípios devem ser observados a fim de não apresentarmos um evangelho irreal. Digo isto, uma vez que tenho percebido que um dos mais graves erros dos evangelistas tem sido a forma de apresentar estas boas novas às pessoas. Muitos têm utilizado formas que ainda que não possamos dizer inadequadas pelo menos incompatíveis com o evangelho. Isto acontece quando os mesmos partem do princípio de que “devemos nos parecer com eles para ganhar-los”. Temos percebidos evangelistas que enchem seus corpos de tatuagem, deixam seus cabelos crescerem, andam sempre vestidos de preto e tomam pouco banho dizendo querer ganhar estes para o Senhor. Irmãos, o que aprendemos de nosso Senhor Jesus Cristo é que somos chamados a ser “nova criatura”, esta é a marca ou identidade de um cristão. Aqueles que querem chamar a atenção das pessoas utilizando ferramentas ou meios não bíblicos, acabam tendo que abrir suas reuniões para práticas anti-bíblicas, e assim, formam pessoas fracas e doentes na fé. Não desprezo o fato de que o evangelismo hoje praticado que utiliza de: danças, teatro, mímicas, músicas populares etc., tem feito com que uma grande multidão de pessoas “confessem” a Cristo como Salvador, no entanto a maior parte digo realmente – maior parte, estão longe de conhecê-lo como Senhor, o que tem feito com que estes sejam responsáveis pela libertinagem instalada nas igrejas locais, bem como a musicalidade inadequada que reflete numa igreja local de baixíssimo nível, tanto de santidade, quanto de verdade. Estes, têm criado a chamada “igreja moderna”, composta de grandes templos que mais parecem um shopping, com praça de alimentação, telão, quadras esportivas, salão de jogos, lojas de conveniência que vendam artigos do interesse local e assim por diante. Quero deixar aqui registrado que estes estão longe de serem princípios aceitos pelos autênticos cristãos.

Pastores

O que vemos hoje é na verdade uma enorme confusão. São muitos os pretensos “pastores”, homens e se não bastasse, mulheres, que lutam para obter aquilo que entendem ser um “cargo de elite”, nas igrejas locais. São estes totalmente despreparados, despreparo este que não se refere à questão intelectual nem mesmo ao quesito vontade, mas sim do não chamamento da parte de Deus para o exercício. Tantos são os erros vistos hoje em dia, que prefiro mencioná-los mais a diante. Passaremos a partir de agora a nos empenhar no intuito de conceituarmos com base nas Escrituras Sagradas alguns itens como:

Quem é o grande Pastor?

Como ele é e faz?

Quais seus objetivos?

1) No AT, encontramos frequentemente que Deus é o pastor de seu povo :

Gn 49.24; Sl 23.1; 78.52; Is 40.11; Jr 31.10;

O Povo de Israel por sua vez é o rebanho de Deus:

Sl 79.13; 95.7, etc; cf também 2 Sm 24.17; Jr 13,17; Ez 34:11ss.

No NT esta dupla afirmação se transfere para Jesus e a Igreja (cf. mais abaixo) e nos dois Testamentos os ministros de Deus ou de Cristo são chamados pastores (cf. Is 63.11; Jr 17.16; Jo 21.16 etc). O recurso a esta comparação provém ao mesmo tempo do fato que, pelo menos no início de sua história, o povo eleito era povo de pastores nômades (cf. Gn 46.32; 47.3; Ex 12,38, etc) e do fato que muitos dos heróis de sua história foram pastores (cf. Ex 3.1; 1 Sm 16.11 e Am 1.1, etc).

2) Jesus é o bom pastor (Jo 10.1-16).

- a) Ele veio para congregar o rebanho de Deus (Mc 6.34; 1 Pe 2.25)
- b) Para o conduzir (Jo 10.4);
- c) Para guardar e defender (Jo 10.11s);
- d) Levar à pastagem da salvação (Mt 2.6; Jo 10.9; Ap 7.17);
- e) Para julgar, isto é, purificar e distinguir dos outros rebanhos (cf Mt 25.31; 1 Pe 5.4).

Ter Jesus como pastor é ter:

- A paz e o repouso (Mt 9.36);
- A vida (Jo 10.10);
- É ter encontrado seu lugar, ser reintegrado, ordenado para sua finalidade. Há um paralelismo surpreendente entre Jesus-o-pastor e Jesus-o-chefe, que converge e reordena todas as coisas (cf. Ef 1.10), na mesma proporção em que Jesus não é apenas o pastor da Igreja, mas do mundo inteiro (cf Ap 2.27; 12.5; 19.15). Se quisermos compreender este ministério pastoral do Cristo profeta (Jo 10.3) sacerdote (Jo 10.11.15) e rei (Ap 2.27), precisamos nos desembaraçar da imagem piedosa, que tão facilmente faz crer que o ofício de pastor é atitude de feminilidade e que pertencer a um rebanho é convite a balir como um suave carneirinho.

3) Jesus é o “grande pastor”(Hb 13.20), o “supremo pastor” (1 Pe 5.4): ele resume em si todo o ministério pastoral (Jo 10.11). Mas antes de sua vinda, bem como após sua ascensão, ele o delega a seus ministros (=servidores).

a) Isto significa que ministro algum – para recuperar aquilo que é mais uma imagem do que uma atividade ou título bem definidos – é pastor por si mesmo ou por vontade do rebanho: ele o é pela graça, sob vocação e ordem do Senhor do rebanho. Como Deus, sob a antiga aliança, estabelecia os pastores de seu rebanho (Jr 3.15; 23.4, Sl 78.71, etc), sob a nova, Jesus (ou o Espírito Santo: At. 20.28) confia seu rebanho ao apóstolo Pedro (Jo 21.15ss) ou estabelece na Igreja os pastores (Ef 4.11; cf. Mt 10.6). Assim, o ministério pastoral provém do Senhor e é diante dele que os pastores são responsáveis pelo rebanho, que lhes é comissionado (cf. ao contrário Jr 23.2; 1 Co 4.1-4).

b) O ministério pastoral exige:

- Coragem (1 Sm 17.34ss; Am 3,12; Jo 10.12);
- Responsabilidade (Mt 18.12);

- Amor e paciência (Is 40.11; Ez 34.4);
- Competência no ofício; (Pv 27.23);
- Alegria no trabalho e abnegação (1 Pe 5.2s);
- Ordem (Jr 33.13; Jo 10.3);
- Humildade (Ez 34.4; 1 Pe 5.3);
- Capacidade de julgamento (cf Ez 34.17; Mt 25.32);.
-

Se este ministério não for ou for mal exercido, será a ruína da Igreja (Jr 50.6s): pastores são indispensáveis à Igreja.

- c) Os pastores, são distintos do rebanho pelo qual são responsáveis : eles são os chefes do rebanho (cf. 2 Sm 5.2; 7.7s; Jr 25.35s etc) isto é, eles têm sua guarda, devem conduzi-lo à pastagens, defende-lo dos maus pastores em Ez 34; Jr 23.1-4). Embora lhes seja proibido enriquecer ás custas de seu rebanho (cf. Ez 34.2s; 1 Pe 5.2), eles têm o direito de tirar dele sua subsistência (1 Co 9.7).

4) A imagem bíblica do pastor e do rebanho tem principalmente os seguintes aspectos:

- a) A Igreja tem um chefe, um pastor, Jesus Cristo (cf. Jo 10 etc). Ela também deve reconhecer aqueles a quem Jesus Cristo delegou o exercício ordinário de seu ministério pastoral: se a Igreja tenta derrubar o ministério, ela se desvia perde sua coesão e se falsifica (cf. Mt 26.31). Mas ter um chefe para ela não deve ser provação, pelo contrário, é penhor de segurança, paz e consolação, penhor de que a solidão já está vencida e de que a comunhão é possível (cf. 1 Rs 22.17; Sl 119.176; Is 53.6; Mq 2.12; Mt 9.36 etc.): por isto a imagem de um rebanho bem conduzido por um bom pastor é uma das promessas essenciais de que se nutre a esperança do AT (cf Jr 31.10; cf também 1 Pe 2.25).
- b) A Igreja é o povo congregado: embora certamente cada membro deste rebanho tenha seu nome (Jo 10.3) e que o nome das ovelhas é conhecido (Jr 33.13), isto não impede que, distanciando-se do rebanho, quebrando a solidariedade, com ele, querendo ser uma “ovelha-só”, ela se expõe à perigos mortais e a salvação só é encontrada no momento em que se reintegra no rebanho: o que salva não é apenas ser achada pelo pastor (cf. Mt 15.24), é ser por ele reunida ao restante do rebanho (Mt 18.12s; Lc 15.3-7; Jo 10.16. Noutras palavras a Igreja é uma comunidade, fora da qual há apenas ameaça de perdição e morte.
- c) A Igreja é uma, pois ela tem apenas um pastor. Neste sentido, a dispersão, a divisão do rebanho de Deus pelo cisma depois do reino de Salomão, foi provada como falsificação do povo eleito, como aflição cujo fim se espera. A promessa de uma reunião dos pedaços do rebanho e seu retorno á unidade, é uma das grandes esperanças da antiga aliança (cf. Ez 37.15-28) tornada real pela vinda do único pastor (Jo 10:16).

Agora que já sabemos o que significa ser um verdadeiro pastor – tomando como modelo o Senhor nosso Deus e Seu filho Jesus, e após sabermos que Deus confiou tal cuidado a homens providos do dom pastoral, podemos relacionar algumas diferenças entre:

- Pastores e Lobos

Pastores e lobos têm algo em comum: ambos se interessam e gostam de ovelhas, e vivem perto delas. Assim, muitas vezes, pastores e lobos nos deixam confusos para saber quem é quem. Isso porque lobos desenvolveram

uma astuta técnica de se disfarçar em ovelhas interessadas no cuidado de outras ovelhas. Parecem ovelhas, mas são lobos.

No entanto, não é difícil distinguir entre pastores e lobos. Urge a cada um de nós exercitar o discernimento para descobrir quem é quem.

Pastores buscam o bem das ovelhas, lobos buscam os bens das ovelhas.

Pastores gostam de convívio, lobos gostam de reuniões.

Pastores vivem à sombra da cruz, lobos vivem à luz de holofotes.

Pastores choram pelas suas ovelhas, lobos fazem suas ovelhas chorar.

Pastores têm autoridade espiritual, lobos são autoritários e dominadores.

Pastores têm esposas, lobos têm coadjuvantes.

Pastores têm fraquezas, lobos são poderosos.

Pastores apaziguam as ovelhas, lobos intrigam as ovelhas.

Pastores são ensináveis, lobos são donos da verdade.

Pastores têm amigos, lobos têm admiradores.

Pastores vivem o que pregam, lobos pregam o que não vivem.

Pastores vivem de salários, lobos enriquecem.

Pastores sabem orar no secreto, lobos só oram em público.

Pastores vão para o púlpito, lobos vão para o palco.

Pastores são apascentadores, lobos são marqueteiros.

Pastores são servos humildes, lobos são chefes orgulhosos.

Pastores se interessam pelo crescimento das ovelhas, lobos se interessam pelo crescimento das ofertas.

Pastores apontam para Cristo, lobos apontam para si mesmos e para a instituição.

Pastores são usados por Deus, lobos usam as ovelhas em nome de Deus.

Pastores sujam os pés nas estradas, lobos vivem em palácios e templos.

Pastores alimentam as ovelhas, lobos se alimentam das ovelhas.

Pastores usam as Escrituras como texto, lobos usam as Escrituras como pretexto.

Pastores lidam com a complexidade da vida sem respostas prontas, lobos lidam com técnicas pragmáticas com jargão religioso.

Pastores confessam seus pecados, lobos expõem o pecado dos outros.

Pastores pregam o Evangelho, lobos fazem propaganda do Evangelho.

Pastores são simples e comuns, lobos são vaidosos e especiais.

Pastores dirigem igrejas-comunidades, lobos dirigem igrejas-empresas.

Pastores pastoreiam as ovelhas, lobos seduzem as ovelhas.

Os lobos estão entre nós e é oportuno lembrar-nos do aviso de Jesus

Cristo: “Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós disfarçados em ovelhas, mas interiormente são devoradores (Mateus 7:15).

“Autor: Osmar Ludovico da Silva”

Outro aspecto que julgo importante tratarmos é a relação existente entre: Pastor, presbítero e Bispo.

Podemos afirmar que o trabalho realizado por um Pastor tem como fonte o dom que o Senhor lhe conferiu, ou seja, o pastorear. No entanto, Presbíteros e Bispos não se referem a dons e sim a funções a serem exercidas por servos munidos de dons, podendo inclusive ser servos dotados do dom pastoral. Vejamos abaixo o que significa cada uma destas funções.

a) Os pastores

O ofício pastoral é um ofício permanente, ou seja, estarão presentes na Igreja até à Segunda Vinda de Cristo.

Após todas as considerações e observações acima, percebemos ainda que, as atribuições do pastor consistem em prover o que for necessário para o bem-estar espiritual do rebanho: Estes devem abastecer, governar e proteger o “rebanho”, como sendo a própria família”. Aqueles a quem Deus proveu com o dom pastoral deve cuidar para que seu rebanho seja alimentado, ensinando e doutrinando, maneira assim serão capazes de dirigir, proteger e apascentar o rebanho. Isto não pode ser empreendido de maneira egoísta, como o apóstolo Pedro admoesta: **“pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tomardo-vos modelos do rebanho” (I Pe 5:2,3)**. Antes, tal ofício deve ser desempenhado com um propósito altruístico (além de ser para a glória de Deus em primeiro lugar). **“com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço para a edificação do corpo de Cristo...” (Ef 4:12ss)**.

Isso significa dizer que o pastor muitas vezes terá que deixar de lado seus projetos pessoais e seus anseios para atender ao chamado do Supremo Pastor (IPe5.4). Para isto acontecer ele precisa amar tanto ao Senhor quanto ao seu rebanho. Isto é extremamente necessário, pois é a única maneira que existe para que o mesmo supere as dificuldades inerentes deste dom.

Também é imprescindível que o pastor seja exemplo para as suas ovelhas, como afirma o autor aos Hebreus: **“Lembrai-vos dos vossos guias, os quais vos pregaram a palavra de Deus; e, considerando atentamente o fim da sua vida, imitai a fé que tiveram” (13:7)**. O pastor precisa ser o modelo de espiritualidade e de fé para as pessoas que fazem parte de sua congregação. Hoje as pessoas estão confusas diante do caos da sociedade moderna. Antigos limites foram retirados, a sociedade está submersa num espiral descendente de corrupção. Diante disso, o pastor deve zelar por sua espiritualidade, com o propósito de mostrar às ovelhas o Autor e Consumador da fé.

b) Os presbíteros ou anciãos (1 Tm 5.17-19; Tt 1.5,6) devem ser homens irrepreensíveis. Dentre eles os que trabalham na pregação e no ensino “devem ser considerados merecedores de dobrada honra”, isto é, realmente dois salários. Disto resulta que as funções dos presbíteros são variadas, mas que o ministério do ensino conserva seu primeiro lugar. Além disto, vemos que os presbíteros são remunerados, o que pressupõe que eles dediquem boa parte, se não todo seu tempo a seu ministério. Não podemos afirmar que todo presbítero tem que resultar de homens que já tenham exercido o dom pastoral já que não existem bases bíblicas para isto, pois o que vemos é que a palavra presbítero significa ancião e não pastor. Desta forma quero dizer que um pastor pode vir a ser um presbítero, o que não significa dizer que todo presbítero tem que ter sido pastor.

c) O bispo (1 Tm 3.1-7; Tt 1.7ss) sempre é mencionado no singular. O bispo está num nível de destaque na igreja local e preenche tarefas que o distinguem dos presbíteros, tudo indica que existia apenas um bispo em cada localidade. Ele deve ser hospitaleiro – isto é, receber os fiéis que vêm de outras igrejas – e deve gozar o respeito dos não-cristãos. Em outros termos, ele representa a Igreja aos olhos das outras igrejas e das pessoas de fora. E mais, ele não se limita a ensinar como os presbíteros, ele também deve defender o ensino transmitido pelos apóstolos contra as deformações de que este pode ser objeto. Isto pressupõe da parte do bispo conhecimentos mais extensos e percepção mais inteligente das

dificuldades que a Igreja pode experimentar. Em resumo, o bispo aparece como o chefe da Igreja local. A palavra bispo não significa pastor como alguns dizem. Esta palavra significa SUPERVISOR. Podemos dizer que a diferença entre os presbíteros e bispos é que os primeiros não necessitam ter o dom pastoral, mas tudo indica que o segundo sim. O bispo exerce uma função superior ao do pastor, o que faz com que os pastores estejam sujeitos a sua autoridade. O bispo se torna o responsável maior pela igreja local, todavia ao exercer a função de supervisor, estes acabam por desviar suas atenções (anteriormente únicas ao pastorado), para outras áreas (também de grande importância na igreja local), o que faz com que o mesmo tenha exclusividade neste ofício.

AS MULHERES PODEM EXERCER O DOM PASTORAL?

Este assunto, tem sido motivo de muita divisão no meio dos cristãos, no entanto não podemos nos acovardar diante deste desafio. Satanás tem seduzido alguns com a intenção de confundir e anular a Igreja do Senhor, e parte desta, tem se deixado levar por interesses que não correspondem aos da Escritura Sagrada.

Deus não escolheu a mulher para o exercício pastoral, e existem motivos para isto. Para entendermos tais motivos, basta que estejamos dispostos a superar toda inclinação anímica sobrepondo a esta os ensinamentos Bíblicos.

Auxiliadora Idônea:

“Deu nome o homem a todos os animais domésticos, ás aves dos céus e a todos os animais selváticos; o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea.” Gn 2:20

Quando o Senhor formou a mulher, ele a fez para que fosse uma auxiliadora. Deus colocou o homem para guardar o jardim do Éden “... Tomou pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar.” Gn 2:15 Note que o desejo de Deus era que o homem governasse (cultivar e guardar), e que a mulher fosse sua “auxiliadora”. Quando o Senhor foi cobrar a desobediência quanto a Sua ordem de não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, ele procurou quem? O homem, uma vez que ele era o responsável, ainda que houvesse a participação da mulher. Não quero aqui desmerecer a mulher, antes pelo contrário estou valorizando a mulher no que diz respeito àquilo que o Senhor confiou a ela, mas para isso tenho que tirar esta sobrecarga que satanás colocou. Deus criou o homem, com uma característica mais precisa na razão e a mulher na emoção. Ambos formam um par perfeito, mas esta é a ordem, a razão deve sempre ser respeitada quando o assunto é governo. Não se pode governar por emoção, pois causaria danos irreparáveis. Assim vemos que hoje a mulher vem se destacando, em dias onde a ausência de Deus é tão grande devido às escolhas feitas pelos homens, e a carência consequentemente vem se ampliando a cada dia. Desta forma a emoção tem tomado lugar da razão e o errado tem tomado lugar do certo. Partindo deste princípio temos visto nas igrejas locais, uma quantidade enorme de pessoas totalmente carentes, de pais, mães, maridos, esposas, filhos etc., pedindo para que suas errôneas opções de vida sejam compreendidas em detrimento da verdade da Palavra de Deus, a razão, diz não a estas solicitações, enquanto que a emoção diz: “que pena, pobrezinho...” e como consequência, vem implantando doutrinas “humanistas” e porque não até humanitárias, transformando a autêntica Igreja do Senhor, em escolas, abrigos, creches, casas de terapias ocupacionais,

shoppings etc.

É claro que a Igreja do Senhor tem entre seus objetivos levar pessoas a terem supridas suas necessidades, no entanto esta não pode ser feita pela emoção, mas sim pela revelação de que Deus nos confiou Seu Filho Jesus, que deve nos bastar, ainda que nossos problemas não sejam resolvidos, ou nossos alvos humanos não sejam alcançados. **HC 3:17s** “*Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimentos; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia eu me alegra no Senhor, exulto no Deus da minha salvação.*” Esta direção somente é possível, quando temos no governo, homens cujo ministério de liderança ou sustentação estejam sendo exercidos de forma saudável. Quando este dom para ministério é ocupado pela mulher, temos a inversão que ocasiona a desobediência e ao erro.

No Novo Testamento

Outro ponto importante, a ser destacado é que como temos um modelo de Igreja a ser observado, este modelo é a Igreja Primitiva, podemos observar que na mesma, não encontramos mulheres na liderança, mas sim no auxílio. Em Romanos, no capítulo 16 vemos muitas referências a mulheres, como por exemplo os versículos:

1 “**Recomendo-vos a Febe que está servindo à igreja de Cencréia**”. Esta estava realizando um “serviço” e não um governo como alguns por maldade querem apontar, basta olhar a raiz da palavra e vemos claramente que o sentido do “servindo” é o mesmo de ajudante, ajudadora e não líder, governante.

Temos ainda no Vs 6 “**Saudai a Maria, que muito trabalhou por vós.**” Vemos novamente a mulher contribuindo, mas não encontraremos no Novo Testamento lugar algum onde a mulher tenha sido chamada ao governo. Da mesma forma vemos ainda restrições impostas pelo Apóstolo Paulo quando ele diz: “**E mão permito que a mulher ensine, nem exerce autoridade de homem...**” **I Tm 2:12.**

Irmãos e irmãs, não se enganem, ao me expressar por meio deste texto, não estou colocando divisão entre homens e mulheres, Deus conhece meu coração e sabe que a única coisa que pretendo é fazer com que Sua vontade permaneça sobre as nossas. Muitas mulheres são extremamente habilidosas, capazes de realizarem diversas tarefas no entanto o governo não lhes foi confiado. Sendo assim não é possível admitirmos que o dom pastoral seja ocupado pelas mesmas.

CONCLUSÃO

Quanto ao dom pastoral, diante do que foi exposto acima, podemos perceber que, tal exercício não depende da escolha humana, e sim da escolha Divina. Somente Deus pode estabelecer sobre alguém seus dons e isto não é diferente quanto ao dom pastoral. Vemos ainda que não apenas o dom deve ser observado por nós, no que diz respeito ao ministro da área pastoral, mas também lhe é necessário um caráter irrepreensível, já que o mesmo deve ser modelo para o rebanho e testemunho para os de fora. O indivíduo com dom pastoral, deverá observar atentamente, tudo que o Senhor lhe confiou, sem se deixar conduzir pela sedução do poder e governo.

Mestres

“A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas.” 1 Coríntios 12:28

O dom de ensino aparece mais freqüentemente nos catálogos de dons espirituais do que quaisquer outros, com exceção somente da profecia. Um mestre, como o nome sugere, é alguém com a capacidade de explicar claramente as coisas de Deus. Ele não é um profeta, anunciando uma nova verdade, mas alguém que é capaz de expor a verdade já revelada. Este dom, como poucos outros, requer trabalho preliminar para o seu exercício. Alguém que deseja ensinar deve treinar e preparar para ensinar efetivamente. É provavelmente seguro assumir que alguém com o dom de ensino, deve também ter recebido um desejo de estudar e aprender. Um mestre deve especialmente “despertar” o seu dom (II Timóteo 1:6) para aumentar a sua eficácia. Não podemos nunca nos esquecer que por se tratar de um dom espiritual, o mesmo deve ser aplicado para ensino e edificação dos santos.

Antigo Testamento

Primeiramente convém destacar que o nosso Deus é um Deus altamente didático (guardando é claro as devidas proporções), já que sabemos existirem coisas que não se alcançam com sabedoria e sim por fé. O Senhor faz questão de deixar claro a nós (seu povo) qual é o Seu caminho, como Ele age e porque julgará todas as coisas. Desta forma o Senhor se apresenta como o maior dos Mestres, por ser Ele conhecedor de todas as coisas.

“Faze-me, SENHOR, conhecer os teus caminhos, ensina-me as tuas veredas.” Sl 25:4

Neste texto encontramos o salmista pedindo ao Senhor para fazê-lo “conhecer”. O conhecimento é recebido através do ensino. **“Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir; e, sob as minhas vistas, te darei conselho.” Salmos 32:8**

Vemos ainda que o Senhor providenciou no meio do Seu povo, homens dotados pela unção a fim de realizarem este ensino. **“Então, ensinarei aos transgressores os teus caminhos, e os pecadores se converterão a ti.” Sl 51:13** Esta é a forma que Deus escolheu para ensinar o povo de Israel a fim de que este povo não se perdesse em meio a tantas coisas que existiam ao seu redor. **“Também o SENHOR me ordenou, ao mesmo tempo, que vos ensinasse estatutos e juízos, para que os cumprisseis na terra a qual passais a possuir” Dt 4:14**

Aqueles a quem o Senhor escolhia para este fim, tinha consciência plena de sua responsabilidade diante Dele, uma vez que sem o ensino o povo se perde. **“Quanto a mim, longe de mim que eu peque contra o SENHOR, deixando de orar por vós; antes, vos ensinarei o caminho bom e direito.” I Sm 12:23** . Podemos ver claramente que o ensino era responsável pelo despertar do povo de Israel: **“No terceiro ano do seu reinado, enviou ele os seus príncipes Ben-Hail, Obadias, Zacarias, Natanael e Micaías, para ensinarem nas cidades de Judá; e, com eles, os levitas Semaías, Netanias, Zebadias, Asael, Semiramote, Jônatas, Adonias, Tobias e Tobe-Adonias; e, com estes levitas, os sacerdotes Elisama e Jeorão. Ensinaram em Judá, tendo consigo o Livro da Lei do SENHOR; percorriam todas as cidades de Judá e ensinavam ao povo. Veio o terror do SENHOR sobre todos os reinos das terras que estavam ao redor de Judá, de maneira que não fizeram guerra contra Josafá. Alguns dos filisteus traziam presentes a Josafá e prata como tributo; também os arábios lhe trouxeram gado miúdo, sete mil e**

setecentos carneiros e sete mil e setecentos bodes. Josafá se engrandeceu em extremo, continuamente; e edificou fortalezas e cidades-armazéns em Judá.” II Cr 17:7-12

Fica claro que o ensino sempre foi uma forma maravilhosa que Deus disponibilizou para fazer com que Seu povo – Israel, guardasse Sua lei e se mantivesse fiel às Suas promessas.

Novo testamento

Cristo e o ensino

Não obstante ao vermos o interesse de Deus de ensinar a Seu povo (Israel). Vemos no Novo Testamento o Senhor Jesus executar seu ministério terreno, usando da mesma forma este instrumento como meio de comunicar a vontade do Pai.

“Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.” Mt 7:28-29

O ministério de Cristo às multidões era a princípio um ministério de ensino. Repetidas vezes, declara-se na narrativa do Evangelho: “**E Ele passou a ensina-los:...**” Quando terminou o Sermão da Montanha, as multidões se maravilharam da Sua doutrina, “**porque Ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas**” Mt 7:29.

Nunca Jesus repreendeu aqueles que o Chamavam de Mestre. Pelo contrário, parecia aceitar de bom grado este título, dizendo: “**Vós me chamais o Mestre e o Senhor, e dizeis bem: porque eu o sou” Jo 13:13.** C.H. Benson nos informa que “das noventa vezes registradas nos Evangelhos em que alguém se dirigiu ao nosso Senhor, em sessenta ocasiões, o fizeram com o título de rabi ou mestre” (History of Christian Education – A História da Educação Cristã, P.31). Em muitas das outras trinta restantes, estava presente o título subentendido de “mestre”. Tornou-se hábito dos discípulos se dirigirem assim a Ele, pois, mesmo em momentos de tensão e tumulto emocional, deixaram de assim O chamar. Quando a tempestade açoitou seu barco, enquanto Ele dormia, clamaram, “**Mestre, não te importa que pereçamos!**”

O ministério de Cristo aos Seus discípulos foi antes de tudo um ministério de ensino. O nome “discípulo” quer dizer “o que aprende”, e estes passaram a maior parte do seu tempo com Ele ouvindo os Seus ensinos. Durante todo o Seu ministério na terra, Jesus exaltou o ministério do ensino, Seus milagres eram principalmente um meio para uma finalidade – o ensino. Através de declarações diretas, de inferências e de atos, Jesus ressaltava a importância do ensino. Disse: “**E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” Jo 8:32** Isto incluía conhecimentos e, portanto, o ensino de conhecimentos. Suas viagens eram missões de ensino. Sua vida inteira, vivida entre os seres humanos, era um comentário sobre a importância do ministério do ensino.

Podemos observar nos evangelhos que o ministério de Cristo foi em grande parte preenchido pelo ensino, aonde quer que Ele fosse, O mesmo cuidava de ensinar a multidão e principalmente Seus discípulos. Não obstante, Cristo cuidou de instruir seus discípulos quando lhes disse: “**Id, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.” Mt 28:19-20**

A fonte deste dom.

Foi à ascensão de Cristo que tornou possível a existência destes dons divinos que Paulo enumera: “**Por isso diz: Quando Ele subiu às alturas, levou cativo o cativeiro, e concedeu dons aos homens**” Ef. 4:8. A origem destes dons foi divina: foram dados a pessoas, e visavam o propósito do “aperfeiçoamento dos santos”. Os primeiros dois ofícios, apóstolo e profeta, já não são necessários porque se completou a revelação divina. Porém, enquanto ia cessando a necessidade de haver os primeiros dois, crescia a necessidade de haver os três últimos. O pastor juntamente com o evangelista e mestre ainda trabalha na igreja dos nossos dias. Nisto se torna evidente toda a importância do ensinador e sua vocação divina.

Paulo, anunciando esta divina vocação do mestre, apelou às palavras e aos pensamentos dos israelitas enquanto cantavam as façanhas de Davi: “**Subiste às alturas, levaste cativo o cativeiro; recebeste homens por dádivas, até mesmo rebeldes, para que o Senhor Deus habite no meio deles**” Sl 68:18. As dádivas incluíam os despojos tomados na batalha, e que foram dados a Israel como nação, para a edificação do templo, “**para que o Senhor Deus habite no meio deles**”. Paulo percebeu a referência messiânica nessa batalha e nessas dádivas, e falou de Cristo, que levou a guerra até ao coração da terra, contra o inimigo das almas humanas, e que voltou Vencedor – “levou cativo o cativeiro”. Os despojos da batalha representam os dons que concedeu quando subiu às alturas.

Ele, porém não dá aos homens segundo eles dão a Ele. Cada pessoa que recebe Seu toque é transformada “**as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas**” II Co 5:17. Pescadores, publicanos e fariseus, todos se transformaram em apóstolos. O arqui-inimigo da Igreja veio a ser seu porta-voz e missionário principal. Homens como Paulo, Agostinho, Martinho Lutero, João Knox e João Wesley foram dons concedidos aos homens, e demonstraram sua divina vocação no fruto dos seus trabalhos. Cristo ainda hoje está convocando homens das ruas, do campo, da cidade grande e pequena, dando-os em seguida à Sua Igreja como dons da parte dEle. “Transforma o metal mais baixo da terra em finíssimo ouro do Céu. Emprega as coisas fracas e tolas da terra para desferir os maiores golpes da batalha” (Findlay).

O propósito deste dom

Este propósito se percebe em relação ao templo de Israel e agora, em relação à Igreja de hoje. Davi “recebeu” dádivas para o templo que estava para ser construído em Jerusalém. Jesus “concedeu” dons “**com vista ao aperfeiçoamento dos santos... para a edificação do corpo de Cristo, até que todos chequemos ... à medida da estatura da plenitude de Cristo**” Ef 4:12-13 Aquele era um templo físico, habitado por Deus. Este é um “**templo não edificado com mãos humanas**”, e sim, “**como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo**” I Pe 2:5. O propósito deste dom é fazer com que Deus habite nos corações humanos, por meio do Espírito Santo, para suprir e habilitar os homens a cumprirem Sua obra.

A medida do valor deste dom

A medida do valor deste “dom” de ensinar se percebe no preço que por Ele foi pago. A vida de Cristo revela o valor do dom – durante a tentação no deserto, em conflito com as enfermidades e com os poderes dos demônios, durante os debates com os líderes religiosos, Ele pagou o preço. Sua morte revela o valor do dom – sangue Real foi derramado e feridas foram recebidas que deixarão Suas chagas durante toda a eternidade. O valor deste “dom”

se vê nos resultados que produz. É o ministério do ensino que dissemina o conhecimento da Palavra de Deus, e que lança os alicerces da decisão de se servir a Deus. É o ministério do ensino que guia os filhos de Deus no seu caminho de fé.

O que é ser um mestre

“...antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós,” I Pe 3:15

Não é fácil ensinar! Contrariando a opinião de alguns, é muito mais do que “captar a atenção dos irmãos durante uma hora” e “contar algumas histórias”. O ensino, levando em conta seus resultados de grande alcance e eternos, exige da parte do mestre o melhor que ele pode dar. Exige que o mestre se gaste e seja gasto, no treino, no preparo, na oração, no planejamento. Exige que ele se entregue a si mesmo nesta tarefa, com todas as suas forças. Nada menos do que a dedicação total permitirá o pleno desenvolvimento deste ministério. Não basta conhecer o ministério do ensino, ter um sentido da vocação divina e sentir a urgência da tarefa de ensinar. Nem a consagração basta por si só! O mestre deve munir-se para a tarefa que enfrenta; deve ter como alvo um ministério de ensino eficiente e dinâmico; precisa preparar-se.

Pré-requisitos iniciais

O dom de ensino ou mestre inclui em si a necessidade de progresso, e pressupõe que o ponto de partida não é tão avançado quanto o alvo. Nenhum mestre tem o dever de demonstrar perfeição logo de início, todos eles, porém, devem trabalhar visando à perfeição. Poucos, talvez nenhum, são dos que receberam este dom, que precisam recuar ante o desafio do ensino, sentindo que não possuem qualificações. Muitos dos cristãos chamados para este exercício possuem as qualificações necessárias para desenvolver um ministério de ensino.

Talvez você diga: O dom não é uma dádiva de Deus, por que então você usa palavras como “progresso, perfeição e desenvolver”?

Necessário nos é compreender bem este assunto, enquanto encontramos nos dons de evangelismo e pastorado uma ligação direta dom-indivíduo, ou seja, quase que uma preparação instantânea onde o evangelista abre a boca e leva pessoas ao arrependimento de pecados e conversão a Cristo e o pastor atrai naturalmente pessoas para seu convívio. O mestre necessita ser lapidado, formado, instruído, dinamizado, muitas vezes quebrado e refeito para que se apresente em condições de expor às pessoas o ensinamento de Deus. Em outras palavras, o mestre não é aquele indivíduo que podemos dizer “nasce pronto”. Ele precisa ser formado baseado em oração, renúncia, dedicação e inspiração do Espírito Santo de Deus.

Podemos ainda comparar o dom de mestre com os de evangelistas e pastores da seguinte forma. Enquanto podemos dizer que o evangelista e pastor são dons “doces”, diríamos que o mestre é um tanto quanto “amargo”. Não quero com isto dizer que o dom de mestre é menor ou menos desejável que os demais, apenas que, o mesmo se expressa de forma bem distinta. Enquanto vemos o evangelista na operação de seu Don, expressando a docura ao levar o evangelho aos perdidos, vemos que este não faz acepção de pessoas, não importando se alguém é, pobre, rico, bonito feito etc. Desta forma esta docura atrai e cativa outros. Podemos assim também dizer quanto ao dom pastoral, doce na sua essência. Quando vemos o pastor atrair para perto de si, pessoas que ao perceberem nele o amor pelo cuidado, vêm também um dom “doce”. Diferente é o dom do mestre. Este quando digo

ser “amargo” é porque se estabelece sobre um ensino que deve corresponder ao interesse de Deus, e o papel dos homens é simplesmente se enquadrarem. Muitos ao ouvirem do mestre uma mensagem, quando esta corresponde ao seu pensamento, alegram-se e aproximam-se do mestre. No entanto, quando esta é contrária aos interesses das pessoas, estes sentem ofendidos e logo se distanciam. Eu diria que o dom de mestre reserva a estes em alguns momentos, alguma solidão, sem contudo, fazer dele um solitário. Digo isto porque ao mestre torna-se necessário a aplicação ao estudo para o qual é necessário momentos à sós com o Senhor, mas isto não faz dele alguém solitário haja visto que ele é sempre acompanhado pelo Senhor.

Posso ainda dizer que o mestre sente-se muitas vezes tentado a isolar-se, fato este que deve ser combatido. O motivo é que nem sempre o mestre encontra em torno de si pessoas com a mesma fome em aprender e aplicar as coisas de Deus em sua vida como ele próprio, o que dificulta o entendimento por parte dos discípulos. Outro motivo é que, ao buscar em Deus o conhecimento e a revelação o mestre se satura do Espírito, ao ministrar sobre as pessoas aquilo que ele aprendeu ele se esvazia. O buscar gera prazer em Cristo, o ensinar gera dedicação.

DOM DE MESTRE E ENSINO, SÃO A MESMA COISA?

Podemos afirmar que não. Todo mestre deve ser apto a ensinar, mas nem todo aquele que ensina é um mestre. A diferença se faz em seus campos de atuação, ainda que possamos tratar como aqui foi feito de forma contínua e condensada os mestres como ensinadores, não podemos afirmar que todos que se dedicam ao ensino sejam mestres a serem reconhecidos. O mestre é como o garimpeiro e o ensinador como o lapidador. O garimpeiro esmera-se em achar as preciosidades “ouro” enquanto que o lapidador dedica-se em fazer daquele ouro algo desejado pelas pessoas, através de suas habilidade em formatar e tratar o ouro. Assim devemos ver o mestre. Ele se aplica ao exaustivo trabalho de buscar preciosidades até então ocultas a muitos e após alcançá-las as disponibiliza através de livros e outras formas de comunicação aos que são capazes de aprender e ensinar dando a esta descoberta algo capaz de ser desejado e de ser vivido pelos demais. Podemos sim dizer que alguns mestres começam a se apresentar através do ensino, mas não podemos nunca achar que os mestres são ensinadores evoluídos, pois tal pensamento tiraria o MESTRE como sendo um dom dado por Deus e o colocaria como algo a ser alcançado pelo homem através do esforço. Falaremos um pouco mais deste assunto quando estivermos tratando o dom de ensino.

A MULHER É DOTADA DO DOM DE MESTRE?

Da mesma forma que no dom pastoral, aqui nos cabe fazer algumas considerações. Torna-se necessário diferenciarmos as práticas modernas das práticas bíblicas.

Baseados na explicação acima, onde diferenciamos o mestre do ensinador ou professor, aqui podemos dizer que uma mulher não pode exercer o dom de mestre.

Nas práticas modernas, vemos estabelecidas “mestras” no meio da igreja do Senhor, enquanto que nas práticas bíblicas o máximo que podemos dizer é que encontramos “ensinadoras” em nosso meio. Digo ensinadoras referindo-me a expressão de mulheres ao lidarem com o ensino na sua forma natural, ou seja:

- Ensino através do testemunho: II Tm 2:24; Tt 2:3-5
- Ensino liberado sobre família, seja sobre o marido (exercendo o papel de auxiliadora)

ou sobre os filhos: Dt 11:19; PV 22:6; II Tm 1:5; II Tm 3:14 e 15.

- Ensinando outras irmãs através de sua vivência e experiência na vida cristã: II Tm 2:15.

Diante de tais experiências podemos encontrar nossas irmãs expandindo ou liberando o resultado da aplicação Bíblica em suas vidas no meio da igreja do Senhor das seguintes formas:

- a) Seja ensinando crianças como também jovens:

Nossas irmãs podem e devem expressar suas experiências e revelações alcançadas, contribuindo para a formação das famílias no ceio da Igreja do Senhor, e não existe forma mais adequada que através das instruções e ensinamentos transmitidos às crianças e jovens.

- b) Ensinado através de aconselhamento como através de testemunhos:

Tudo aquilo que nossas irmãs vivenciaram, e experimentaram em sua caminhada Cristã, deve ser compartilhado em forma de ensino com outras através de testemunhos, cabendo ressaltar que testemunhar não significa falar dos sucessos alcançados e sim das experiências vividas em sua jornada. Estas experiências são transformadas em testemunhos tanto pelos acertos como também pelos erros.

- c) Através de execução de serviços como através de misericórdia.

Uma outra forma de ensino se caracteriza na vida de nossas irmãos através de sua dedicação na execução de tarefas, tanto aquelas relativas ao lar como aquelas relativas à vida dos santos, note no entanto, que as que assim se aplicam terminam por ensinar a outros a importância de em amor dedicarem suas vidas ao Senhor. Junto disto ensinam ainda a prática da misericórdia, que diante de Deus é muito mais que algo a ser sentido, mas também a ser ensinado através de nossas experiências, campo ao qual atribuo a nossas irmãs, qualificações superiores.

No entanto ainda nos cabe ressaltar que, todas estas importantíssimas aplicações de ensino, dos quais Deus liberou sobre nossas irmãs, para que em seu exercício de dons libere sobre sua Igreja, não faz das mesmas “MESTRAS”, sobre a Igreja do Senhor. Eu diria que as mesmas devem se contentar com esta vasta tarefa de ensino, sabedoras que isto representa um honroso serviço ao Senhor. Mas este vasto campo de ação não inclui o direito as nossas irmãs de ensinarem “DOCTRINA”, nem mesmo estabelecerem o dom de “MESTRE”, no meio da Igreja do Senhor uma vez que as mesmas não devem exercer autoridade na composição dos dons de Liderança. **“E mão permito que a mulher ensine, nem exerce autoridade de homem...” I Tm 2:12.**

Sei que este assunto em especial, parecerá a muitos como sendo um conceito ultrapassado, mas quero lembrar-lhes que não tenho o direito de escrever ou ensinar de mim mesmo, mas apenas aquilo que vejo através das Escrituras. Mesmo que em nosso mundo moderno, as mulheres venham a ocupar papel de “mestras” em nossos seminários, escolas bíblicas, púlpitos, quero lembrar-lhes que não vejo nas Escrituras tal autorização.

Conclusão

Mestres são homens dotados da parte de Deus de discernimento mais profundo cuja finalidade é fazer com que os santos crentes sejam supridos pela Palavra de Deus. Este suprimento lhes dará compreensão tal que lhes habilitará no exercício da obra sobre a

terra, bem como lhes garantirá amplamente a entrada no Reino Eterno de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

DONS DE EDIFICAÇÃO

Passaremos agora a tratar dos dons de edificação. Estes dons tem por finalidade contribuir para a manutenção de nossos irmãos na vida da Igreja, dando-lhes o conforto e consolos necessários para esta caminhada.

Podemos dizer que os dons de edificação são:

Dom de Ensino

Conforme vimos anteriormente, julgamos importante diferenciar o dom de mestre do dom de ensino. Muitos são os motivos para tal, entre eles:

O mestre	O ensino
É um dom de fundamento	É um dom de edificação
É um descobridor de verdades	É um transmissor de verdades descobertas
Todo mestre tem que ser apto a ensinar	Nem todo ensinador tem capacidade de ser descobridor ou mestre.
É revestido de autoridade superior	Estão sujeitos a autoridades superiores

Diante do acima exposto, convém destacar que os mestres podem incluir em seu dom algumas ou até todas as particularidades que passaremos a explanar, uma vez que os mesmos necessariamente precisam estar aptos ao ensino, sem que com isto façam do ensinador um mestre.

Existem muitas linhas de ensino, que operam em diversos campos na vida da Igreja. Quando nos reportamos ao grego encontramos as seguintes palavras que definem os diferentes tipos de ensino.

- **Paradidome - paradidomi**

Transmitir, dar de mão em mão, transmitir por sucessão, legar à posteridade.

Romanos 6:17 Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues:

Romanos 8:32 Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?

1 Coríntios 5:5 entregue a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus.

1 Coríntios 11:2 De fato, eu vos louvo porque, em tudo, vos lembrais de mim e retendes as tradições assim como voltas entreguei.

1 Coríntios 11:23 Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão;

1 Coríntios 13:3 E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entreque o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.

1 Coríntios 15:3 Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras,

1 Coríntios 15:24 E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder.

2 Coríntios 4:11 Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal.

Judas 1:3 Amados, quando empregava toda a diligência em escrever-vos acerca da nossa comum salvação, foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos.

• Paidéia

Educação, ensino, exercício (com crianças), correção, castigo divino (NT) método de ensino, formação, conhecimento, ciência, arte de fazer qualquer coisa etc., (Isidro Pereira)

1) todo o treino e educação infantil (que diz respeito ao cultivo de mente e moralidade, e emprega para este propósito ora ordens e admoestações, ora repreensão e punição).

Também incluem o treino e cuidado do corpo

2) tudo o que em adultos também cultiva a alma, esp. pela correção de erros e contenção das paixões.

2a) instrução que aponta para o crescimento em virtude

2b) castigo, punição, (dos males com os quais Deus visita homens para sua correção)

Efésios 6:4 E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor.

2 Timóteo 3:16 Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça,

Hebreus 12:5 e estais esquecidos da exortação que, como a filhos, discorre convosco: Filho meu, não menosprezes a correção que vem do Senhor, nem desmaies quando por ele és reprovado;

Hebreus 12:7-11 É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos); pois que filho há que o pai não corrige...

Atos 7:22 E Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios e era poderoso em palavras e obras.

Atos 22:3 Eu sou judeu, nasci em Tarso da Cilícia, mas criei-me nesta cidade e aqui fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, sendo zeloso para com Deus, assim como todos vós o sois no dia de hoje.

1 Coríntios 11:32 Mas, quando julgados, somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo.

2 Coríntios 6:9 como desconhecidos e, entretanto, bem conhecidos; como se estivéssemos morrendo e, contudo, eis que vivemos; como castigados, porém não mortos;

Tito 2:12 educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século,

sensata, justa e piedosamente,

Apocalipse 3:19 Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te.

• **Kathekeo - katecheo**

- 1) anunciar, fazer soar, ressoar;
 - 1a) atrair com o som ressoando, fascinar;
- 2) ensinar oralmente, instruir;
- 3) informar através de palavras;
 - 3a) estar oralmente informado;

Lucas 1:4 para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído.

Atos 18:25 Era ele instruído no caminho do Senhor; e, sendo fervoroso de espírito, falava e ensinava com precisão a respeito de Jesus, conhecendo apenas o batismo de João.

Atos 21:21 e foram informados a teu respeito que ensinas todos os judeus entre os gentios a apostatarem de Moisés, dizendo-lhes que não devem circuncidá os filhos, nem andar segundo os costumes da lei.

Atos 21:24 toma-os, purifica-te com eles e faze a despesa necessária para que raspem a cabeça; e saberão todos que não é verdade o que se diz a teu respeito; e que, pelo contrário, andas também, tu mesmo, guardando a lei.

Romanos 2:18 que conheces a sua vontade e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído na lei;

1 Coríntios 14:19 Contudo, prefiro falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em outra língua.

Gálatas 6:6 Mas aquele que está sendo instruído na palavra faça participante

• **Matheteo e matheteuo**

- 1) ser discípulo de alguém;
 - 1a) seguir seus preceitos e instruções;
- 2) tornar discípulo;
 - 2a) ensinar, instruir;

Mateus 13:52 Então, lhes disse: Por isso, todo escriba versado no reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas.

Mateus 27:57 Caindo a tarde, veio um homem rico de Arimatéia, chamado José, que era também discípulo de Jesus.

Mateus 28:19 Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;

Atos 14:21 E, tendo anunciado o evangelho naquela cidade e feito muitos discípulos, voltaram para Lístra, e Icônio, e Antioquia,

Mateus 10:24 O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo, acima do seu senhor.

Didaskalia

- 1) ensino, instrução.
 - 1a) aquilo que é ensinado, doutrina;

1b) ensinamentos, preceitos;

Mateus 15:9 E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.

Marcos 7:7 E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.

Romanos 12:7 se ministério, dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina esmere-se no fazê-lo;

Romanos 15:4 Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança.

Efésios 4:14 para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro.

Colossenses 2:22 segundo os preceitos e doutrinas dos homens? Pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem.

1 Timóteo 1:10; 1 Timóteo 4:1; 1 Timóteo 4:6; 1 Timóteo 4:13; 2 Timóteo 3:10; 2 Timóteo 3:16; 2 Timóteo 4:3; Tito 1:9; Tito 2:1; Tito 2:7.

Desta forma podemos concluir que existem na igreja uma ampla necessidade de ensinadores, atuando, nos diversos campos ou áreas. Julgo (digo eu) que diante da separação feita entre os dons de mestre e ensino, que, tratando-se de mestre, os mesmos necessitam ser exclusivamente homens, ou seja, a mulher não pode exercer tal dom (maiores detalhes vide dons de mestre acima). Quanto ao dom de ensino, devemos deixar claro que existem alguns tipos de ensino em que a mulher não pode exercer junto a igreja, ou seja:

- “didaskalia”, (ensinar doutrina);
- “matheteo” que resumidamente significa formar discípulos já que para tal as mulheres estariam exercendo autoridade de homens;

No entanto, existem ensinos que as mesmas podem realizar sem comprometer suas vidas diante de Deus que são:

- Paradidome (legar à posteridade);
- Paidéia (instruir e exortar crianças);
- Kathekeo (informar através de palavras);

Exortação

A palavra grega para este dom é “paraklesis” que significa “chamado ao lado”, “consolar”, “advogar”, “animar”, “confortar”, “incentivar”.

O dom da exortação é aquela qualidade especial que Deus dá a certos membros do Corpo de Cristo para ministrar palavras de consolo, encorajamento, ânimo e conselho a outros membros do Corpo, de tal modo que estes se sentem ajudados e curados. Talvez, nossa palavra, “conselheiro” comunique melhor todas as idéias. O que exorta é alguém que tem a capacidade de pegar princípios amplos da Escritura e aplicá-los a uma situação específica; sobre o fundamento do qual ele dá o seu conselho. Ele é capaz de dizer, “Porque a Escritura ensina isto, você deve...”

O mais eminent exemplo bíblico do dom da exortação foi o companheiro de Paulo, cujo nome era Barnabé, que foi chamado de “filho de exortação”, em Atos 4:36. Foi Barnabé quem tomou Paulo sob as suas asas, quando os demais apóstolos mostravam-se céticos no tocante à validade da conversão deste. Também foi Barnabé quem percebeu o potencial espiritual de João Marcos e o escolheu, embora Paulo o tivesse rejeitado. É conforme salientou Leslie Flynn: “Damo-nos conta de que se Barnabé não fosse dotado de dom de exortação, não contariamos com a metade dos livros do Novo Testamento”, Barnabé nunca escreveu uma única palavra inspirada; mas duas pessoas a quem ele ministrou assim fizeram. Paulo contribuiu com treze epístolas, e Marcos com o evangelho que tem o seu nome.

Todos os crentes, como é óbvio, têm o dever de cuidar uns dos outros. Lemos em Hebreus 3:13: “... **exortai-vos mutuamente cada dia...**” O estilo de vida dos crentes, em associação uns com os outros, deveria aconselhar compartilhar e encorajar uns aos outros a todo o tempo. Porém acima disso, alguns crentes são dotados do dom especial do aconselhamento, o que deveria ser reconhecido, ao ponto em que as pessoas da igreja que precisam de aconselhamento saibam com quem devem buscar ajuda. Quando isso sucede, o corpo local goza de boa saúde espiritual. Pela natureza deste dom, o que exorta, quando se aplica ao “chamar ao lado ou repreender” tem o risco de ser impopular para com muitos. Muitos simplesmente não querem ouvir alguém lhes dizer o que fazer! O encorajamento é bom, o desafio também, mas repreensão! Mas ainda assim, este dom é essencial para a igreja. A exortação mútua é uma responsabilidade de todos os Cristãos, não somente daqueles assim dotados. Mas, podemos dizer que os para este fim comissionados são, não apenas mais eficientes, como também mais inspirados e dedicados a esta prática, uma vez que foram por Deus capacitados especialmente para este trabalho. Sendo assim, seu conselho não deve ser tomado negligemente, mas responsável e em conformidade com os princípios bíblicos.

Leiam mais alguns textos: At 13:15; Fp 2:1; I Ts 2:3; I Tm 4:13; Hb 12:5 e 13:22.

Dom de línguas

“Variedade de línguas”. “O dom de línguas é o poder de falar sobrenaturalmente em uma língua nunca aprendida por quem fala, sendo essa língua feita inteligível a alguns poucos ouvintes por meio do dom igualmente sobrenatural de interpretação”. Parece duas classes de mensagens em línguas: primeira louvor em êxtase dirigido a Deus somente, que também definimos como “línguas privadas” (ICor.14:2); segunda, uma mensagem definida para a igreja (ICor.14:5) a qual definimos como “línguas públicas”. A primeira não há acompanhamento de qualquer tipo de interpretação. O texto bíblico que melhor descreve isso é I Co 14:28, onde Paulo diz que as línguas, desacompanhadas de interpretação, não devem ser usadas nas igrejas; antes, a pessoa dotada do dom de línguas deveria “falar consigo mesma e com Deus” (prova disto em At.2:4); a outra não é para um restrito grupo de irmãos escolhidos para um exclusivo serviço (ICor.12:30), o qual passaremos a detalhar posteriormente ao tratarmos o dom de interpretação de línguas.

a) Línguas: Sinal da graça de Deus (At 10.44 e 19.6)
É possível contemplar a graça de Deus na vida do homem de diversas formas, quando vemos alguém dobrado diante do Trono louvando em línguas é maravilhoso, edifica a vida de todos e com certeza sobe como “aroma agradável” às narinas do Pai. O dom de línguas é a forma mais pura de louvor e adoração, pois, é o próprio Espírito que se apresenta diante do Eterno Rei.

b) Línguas: Não é o dom mais importante (1Co 12.4-11 e 1Co 14)

Paulo, escrevendo aos de Corinto, afirma: “*Dou graças a Deus, porque falo em outras línguas mais do que todos vós.*” Estas palavras testificam a profunda comunhão e intimidade com o Espírito, no entanto, ele não exaltou este dom, pelo contrário, procurou doutrinar a igreja no uso correto, afirmado que o falar em línguas é para edificação pessoal. A descrever os dons por importância, situou línguas entre os menores. Não há motivos ou fundamentos para que esta realidade seja invertida em nossos dias.

c) Línguas: Não é sinal de Batismo (At 2.1-13 , 1 Co 14 e 1 Co 12.4-11)

É comum entre os “pentecostais” a afirmação: “*Só é batizado no Espírito se falar em línguas!*”

Não há textos na Bíblia taxativos sobre esta questão, os usados para justificar esta tese não são suficientemente claros, a principal base para esta afirmação é o relato do Pentecostes, (At 2.8-11), mas, se observado mais detidamente, conclui-se que não foram línguas estranhas ou de anjos, sim, idiomas. Eram homens de diversas nações que se encontravam reunidos ali, e inspirados pelo Espírito Santo, estes falaram em línguas conhecidas, ainda que os mesmos nunca as houvesse aprendido anteriormente.

Há no meio pentecostal, igrejas que exigem como prova ou confirmação do Batismo no Espírito, o falar em línguas, esta obrigação tem produzido situações constrangedoras em muitos.

Imagine: *Uma vida santa, pura e reta, porém, não agraciada com o dom de línguas, mas sim com outro dom.* Este será sempre visto como alguém que não tem verdadeiramente o Espírito.

Outra situação: *Alguém que tenha uma vida fora dos padrões de Deus.*

Levado pela sagacidade, decora algumas expressões e começa a repeti-las, provavelmente será visto por todos que não tiverem discernimento (estes são maioria), como cheio do Espírito, porém, o que opera em tal vida com certeza é o espírito de engano.

d) Línguas: Na igreja com ordem (1Co 14.27-33).

As tradições existentes dentro das igrejas possuem profundas raízes, forte o suficiente para contestar os ensinamentos bíblicos. Com relação ao dom de línguas, vê-se que em muitos “arraiais” as orientações do Apostolo Paulo não são observadas corretamente. As tradições estão em primeiro lugar. Falar em línguas não faz o homem santo como muitos pensam. Viver a Vontade de Deus, sim, faz o homem ser Santo. O uso do dom de línguas na igreja é objeto de extensa orientação, cuidadosamente descrita, exatamente para que os erros hoje comuns não prevalecessem. É preciso ler a Palavra e deixar que o Espírito de Deus a imprima no coração, como regra de fé e prática.

Segue abaixo algumas funções do dom de línguas na vida do possuidor deste dom;

- As línguas capacitam nosso espírito a comunicarem-se diretamente com Deus acima e além da capacidade de compreensão de nossas mentes.
- As línguas liberam o Espírito de Deus em nós, fazendo-nos sentirmos mais cheios e verdadeiros em nossa relação de comunhão com o Senhor.
- As línguas possibilitam nosso espírito de assumir ascendência sobre a alma e o corpo.
- As línguas satisfazem nossa necessidade de toda uma nova linguagem de adoração, oração e louvor, sem invalidar a importância de também falarmos de forma comprehensiva aos nossos ouvidos ou de nossos irmãos.

e) Línguas, é um dom universal?

Podemos dizer que o dom de línguas é um dom universal? Ou seja, podemos afirmar que todas as pessoas (cristãos) recebem este dom?

Apesar de vermos algumas denominações assim apresentarem o dom de línguas, podemos concluir que o dom de línguas não é universal, este não está disponível a todos os cristãos, e sim àqueles a quem o Senhor escolheu para tal. Para confirmarmos esta declaração lemos:

“Porventura, são todos apóstolos? Ou, todos profetas? São todos mestres? Ou, operadores de milagres? Têm todos dons de curar? Falam todos em outras línguas? Interpretam-nas todos?” I Co 12:29,30

e) O que falar das línguas de Atos capítulo 2?

Como devemos entender as línguas faladas em Atos dos Apóstolos Capítulo 2?

Podemos dizer que eram línguas desconhecidas dos que falavam, mas compreensíveis aos que as ouviam (v.8). Sendo esta a única narrativa neste sentido, podemos dizer tratar-se de uma manifestação do Espírito Santo de Deus com uma finalidade específica de anunciar a todos que ali se encontravam. Não significa que Deus nunca mais venha a realizar tal feito (Ele é Senhor e define como agir), mas não vimos após este ato, uma manifestação idêntica à qual tenhamos conhecimento.

Dom de Interpretação de línguas.

Assim escreve Donald Gee: o propósito do dom de interpretação é tornar inteligíveis as expressões do êxtase inspiradas pelo Espírito que se pronunciaram em uma língua desconhecida da grande maioria presente, repetindo-se claramente na língua comum do povo congregado. É uma operação puramente espiritual. O mesmo Espírito que inspirou o falar em outras línguas, pelo qual as palavras pronunciadas procedem do espírito e não do intelecto, pode inspirar também a sua interpretação. A interpretação é, portanto, inspirada, extática e espontânea. Assim como o falar em línguas não é concebido na mente, da mesma maneira, a interpretação emana do espírito antes que do intelecto do homem. Nota-se que as línguas em conjunto com a interpretação tomam o mesmo valor de profecia. (ICor.14:5). Porque, então, não nos contentarmos com a profecia? Porque as línguas são um “sinal” para os incrédulos (ICor 14:22). Pelo fato de haver interpretação das línguas é que declaramos anteriormente que tais se referem a “línguas públicas”, uma vez que são reveladas através de um dom específico de interpretação.

Michael Green diz: “Embora alguns homens sejam dotados do dom da interpretação, embora eles mesmo não falem em línguas, isso é incomum; na maior parte dos casos, aqueles que já possuem o dom de línguas é que também recebem o dom de Interpretação de Línguas”. Isto significa que algumas pessoas apresentam alguma mensagem pública em línguas e, em seguida, outro irmão também dotado do mesmo dom interpreta, sendo também possível o mesmo que falou interpretar, o que requer dos ouvintes um pouco mais de cuidado e discernimento para não se deixarem enganar.

Dom de Serviço

Quando conferimos nas escrituras, encontramos diversas palavras no Grego, que ao serem traduzidas para o Português significam “serviço”. Ocorre que suas aplicações são distintas

e merecem, ainda que de forma superficial, nossa atenção a fim de não realizarmos uma avaliação incorreta.

Vejamos a seguir tais palavras, destacando que as mesmas foram retiradas da Bíblia Online versão 3.01.

προσκαρτερεω - proskartereo

- 1) aderir a alguém, ser seu partidário, ser dedicado ou fiel a alguém
- 2) ser constantemente atento a, dar constante cuidado a algo
- 3) estar em constante prontidão para alguém, servir constantemente

Marcos 3:9 Então, recomendou a seus discípulos que sempre lhe tivessem **pronto** um barquinho, por causa da multidão, a fim de não o comprimirem.

Atos 6:4 e, quanto a nós, nos **consagraremos** à oração e ao ministério (serviço) da palavra.

Atos 8:13 O próprio Simão abraçou a fé; e, tendo sido batizado, **acompanhava** a Filipe de perto, observando extasiado os sinais e grandes milagres praticados.

Atos 10:7 Logo que se retirou o anjo que lhe falava, chamou dois dos seus domésticos e um soldado piedoso dos que estavam a seu **serviço**.

λειτουργια leitourgia

- 1) ofício público que um cidadão se compromete a administrar por sua própria conta
- 2) qualquer serviço
 - 2a) de serviço militar
 - 2b) do serviço de operários
- 3) uso bíblico
 - 3a) serviço ou ministério de sacerdotes relacionados com orações e sacrifícios oferecidos a Deus

Lucas 1:23 Sucedeu que, terminados os dias de seu **ministério**, voltou para casa.

2 Coríntios 9:12 Porque o **serviço** desta assistência não só supre a necessidade dos santos, mas também redunda em muitas graças a Deus,

Filipenses 2:17 Entretanto, mesmo que seja eu oferecido por libação sobre o sacrifício e **serviço** da vossa fé, alegro-me e, com todos vós, me congratulo.

οικοδομια oikodomia

- 1) (o ato de) edificar, (o ato de) erigir

1 Timóteo 1:4 nem se ocupem com fábulas e genealogias sem fim, que, antes, promovem discussões do que o **serviço** de Deus, na fé.

λατρεια latreia

- 1) serviço retribuído por salário
 - 1a) qualquer serviço ou ministério: o serviço a Deus
- 2) serviço e adoração a Deus de acordo com os requerimentos da lei levítica
- 3) realizar serviços sagrados

Hebreus 9:1 Ora, a primeira aliança também tinha preceitos de **serviço sagrado** e o seu santuário terrestre.

Hebreus 9:6 Ora, depois de tudo isto assim preparado, continuamente entram no primeiro tabernáculo os

sacerdotes, para realizar os **serviços sagrados** ;

διακονεω diakoneo

- 1)) ser um servo, atendente, doméstico, servir, atender
 - 1a) ministrar a alguém, render ofícios ministériais a
 - 1b) atender a mesa e oferecer comida e bebida para os convidados
 - 1b1) de mulheres preparando comida
 - 1c) ministrar i.e. fornecer alimento e necessários para a vida
 - 1c1) aliviar as necessidades de alguém (p.e. por meio de recolhimento de donativos), prover ou cuidar de, distribuir (as coisas necessárias para sustentar a vida)
 - 1c2) cuidar do pobre e doente, o que caracteriza o ofício de um diácono

Mateus 8:15 Mas Jesus tomou-a pela mão, e a febre a deixou. Ela se levantou e passou a **servi-lo**.

Mateus 20:28 tal como o Filho do Homem, que não veio para ser **servido**, mas para **servir** e dar a sua vida em resgate por muitos.

Mateus 27:55 Estavam ali muitas mulheres, observando de longe; eram as que vinham seguindo a Jesus desde a Galiléia, para o **servirem**;

Lucas 8:3 e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, Suzana e muitas outras, as quais lhe prestavam **assistência** com os seus bens.

João 12:2 Deram-lhe, pois, ali, uma ceia; Marta **servia**, sendo Lázaro um dos que estavam com ele à mesa.

2 Timóteo 1:18 O Senhor lhe conceda, naquele Dia, achar misericórdia da parte do Senhor. E tu sabes, melhor do que eu, quantos **serviços me prestou** ele em Éfeso.

Filemon 1:13 Eu queria conservá-lo comigo mesmo para, em teu lugar, me **servir** nas algemas que carrego por causa do evangelho;

διακονία diakonia

- 1) serviço, ministério, esp. daqueles que executam os pedidos de outros (voltados para edificação do corpo)
- 2) ofício do diácono na igreja

Atos 1:17 porque ele era contado entre nós e teve parte neste **ministério**.

Atos 1:25 para preencher a vaga neste **ministério** e apostolado, do qual Judas se transviou, indo para o seu próprio lugar.

Atos 6:1 Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo **esquecidas na distribuição** diária.

Atos 6:4 e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao **ministério** da palavra.

Romanos 12:7 se **ministério**, dediquemo-nos ao **ministério**; ou o que ensina esmere-se no fazê-lo;

2 Coríntios 9:1 Ora, quanto à **assistência** a favor dos santos, é desnecessário escrever-vos,

2 Coríntios 9:12 Porque o serviço desta **assistência** não só supre a necessidade dos santos, mas também redunda em muitas graças a Deus,

Colossenses 4:17 Também dizei a Arquipo: **atenta para o ministério** que recebeste no Senhor, para o cumprires.

2 Timóteo 4:5 Tu, porém, sé sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faze o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu **ministério**.

2 Timóteo 4:11 Somente Lucas está comigo. Toma contigo Marcos e traze-o, pois me é útil para o **ministério**.

I Pedro 4:11 Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém **serves**, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!

Apocalipse 2:19 Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu **serviço**, a tua perseverança e as tuas últimas obras, mais numerosas do que as primeiras.

A palavra grega diakonos (ministro ou servo), que está por detrás deste dom, é a palavra que também foi traduzida por “diácono”, na maioria das traduções e versões. Em algumas igrejas e denominações, entretanto, a descrição do trabalho dos diáconos requer outros dons, além do dom de serviço. Originalmente, todavia, um diácono era simplesmente alguém que servia ao corpo (Igreja).

O dom de serviço é a capacidade especial que Deus dá a certos membros do Corpo de Cristo, a fim de identificar as necessidades não-satisfitas envolvidas em alguma tarefa relacionada à obra de Deus, e fazendo uso de recursos disponíveis para satisfazer necessidades para um perfeito funcionamento da igreja local, obtendo assim os alvos desejados.

O dom do serviço não opera de pessoa para pessoa, centrado na pessoa, conforme se vê nos casos dos dons da misericórdia e de socorros. Volve-se mais para as tarefas a serem cumpridas. Um serviço usualmente é prestado mais em favor de alguma instituição e seus alvos, e não tanto em favor de alguém. Presta-se mais para qualquer tipo de ajuda. E é um outro daqueles dons que usualmente não são muito notados, mesmo apesar de ser em aspectos numéricos um dos mais distribuídos no meio da Igreja, tendo em vista sua simplicidade e necessidade. Podemos dizer que I Co 12:22 faz menção direta ao mesmo quando diz “Pelo contrário, os membros do corpo que parecem ser mais fracos, são necessários”.

Presidência & Governo

Esclarecimentos

Ao tratarmos destes dons, vimos que existem algumas divergências entre a melhor maneira de fazê-lo, uma vez que alguns irmãos acreditam que estes devem ser tratados como dons distintos enquanto outros acham que não. Nós preferimos considerá-lo como sendo um único dom, pelo fato de entendermos que se trata mais de sinônimos do que dons distintos. No entanto deixamos claro que esta nossa opção, faz-se levando em conta que não encontramos amparo Bíblico para dividi-los e que sua importância e aplicação casam-se bem.

Definições

Aparte do governo e presidência, qualquer organização entrará em colapso. Estes dons são para preencher esta necessidade. “Presidência” (Romanos 12:8), freqüentemente chamada de “administração”, não é a capacidade de misturar papéis todos os dias. O termo que significa presidir é usado em 1 Timóteo 3:4-5 dos presbíteros (bispos) que presidem sua casa e igreja. O dom de “governos” (1 Coríntios 12:28) enfatiza a autoridade dos mesmos. O espírito de independência de nossa sociedade instintivamente rebela-se sob a idéia de haver alguém em autoridade sobre tais assuntos pessoais, mas este é o meio de Deus conduzir a Sua igreja. Alguns serviços devem estar em forma de autoridade.

Deus comunica Seus objetivos e propósitos para um grupo ou igreja principalmente através dos membros do Corpo com o dom espiritual de presidir. Estes irmãos recebem do Senhor a visão de Seus propósitos para o futuro e são orientados por Ele a comunicar estes propósitos ao grupo/igreja, estabelecendo alvos a serem alcançados para Sua glória. Motivam e mobilizam os irmãos a trabalharem unidos, voluntária e harmoniosamente, para

realizarem estes alvos.

No grego proistemi significa ficar em pé diante ou por cima de alguém ou de alguma coisa; liderar, atender cuidadosamente. Envolve a tarefa em si, a responsabilidade por outros e a proteção daqueles sobre os quais alguém é colocado.

Aqui cabe destacar: Se o dom de Presidência e Governo expressa liderança, não deveria este estar incluso com os demais dons de sustentação tais como: Evangelistas, Pastores e Mestres?

Entendemos que não, uma vez que este dom, tem exclusivamente o papel de trazer organização e direção a soma de todos os demais dons tais como os de edificação e cobertura. Em outras palavras, os irmãos dotados do dom de Presidência e Governo são responsáveis em trazer direção e condução, transformando o trabalho dos “Pastores, Evangelistas e Mestres”, numa estrutura edificante e funcional. Podemos dizer que muitas vezes teremos irmãos com os dons de Pastores, Evangelistas e Mestres tendo na composição de seus dons o dom de presidência e Governo, o que é totalmente possível. Neste caso então, teremos um dom de Presidência e Governo exercendo o papel de dons de sustentação.

Afirmo este esclarecimento pelo fato de que, podemos ter congregações com o dom de Pastor somente ou somente com o dom de Mestre, e ainda assim este trabalho é conduzido e edificante. Se tivermos um trabalho exclusivamente com irmãos com dom de Governo e Presidência, este não terá sustentabilidade, e acabará perecendo. Por outro lado, um Pastor, por exemplo, ao não ter em seu rebanho um irmão com o Dom de Governo e Presidência o máximo que acontece é aquele trabalho não expressar crescimento satisfatório, mas ainda assim, subsiste.

Digo isto, porque a partir deste momento, estarei dando ao dom de Governo e Presidência o título de “líder”, no sentido de que o mesmo governa a soma dos dons, mas não estarei me referindo a ele como sendo um dom de sustentação, por entender que este mérito apenas cabe aos dons pastorais, de evangelistas e mestres.

“Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir; e, sob as minhas vistas, te darei conselho.” SL32.8

Uma chave ou concordância bíblica pode nos surpreender com a variedade de referências ao ministério de Deus como líder supremo de Seu povo. Sempre ia adiante dele para o guiar. Jesus se mostrou um líder sem par, cujas ovelhas O seguiam (Jo 10.27). E Ele ensinou que ao Espírito Santo cabe guiar o povo de Deus “...à toda a verdade” (Jo 16.13). A própria Palavra de Deus guia o cristão nos Seus caminhos (SI 119.105).

Há contrastes nítidos entre a liderança nos moldes bíblicos e a liderança política, empresarial, comunitária etc. que invade a Igreja. Examinaremos estes contrastes daqui a pouco.

Características de uma pessoa com dom de Governo/Presidência.

1. Se não existir liderança no seu grupo, é fortemente motivado a assumir esta responsabilidade imediatamente.
2. Atua como imã, atraindo outros que aceitem espontaneamente a liderança/autoridade dele. Inspira confiança nos outros, que passam a acreditar que ele sabe para onde vai e qual o próximo passo para chegar lá. Geralmente, é uma pessoa descontraída que deixa outros à vontade. Davi, antes de ser rei de Israel, mostrou-se um “imã”, atraindo a si, espontaneamente, homens insatisfeitos, criadores de problemas, que passaram a trabalhar harmoniosamente sob a liderança dele (1 Sm 22.1,2).
3. Está disposto a se responsabilizar por ouras pessoas. Importa-se, de verdade, com os

liderados. Isto implica, eventualmente, sustentá-los, cuidar deles e preocupar-se com eles. Exerce sua autoridade no amor de Cristo.

4. É uma pessoa de visão. Tem percepção de todos os aspectos de uma situação, e é capaz de visualizar, propor e esclarecer alvos à longo prazo.
5. Almeja manter a harmonia no grupo, pois a participação e integração de seus liderados são prioritárias para o desenvolvimento dos objetivos de seu programa.
6. É capaz de dirigir debates e fazer um resumo deles; chegar a conclusões rapidamente, harmonizando e tirando o melhor proveito dos diversos pontos de vista. Distingue as questões primárias e para o bem do grupo, esclarece e se concentra nelas. O apóstolo Tiago apareceu como um líder logo após a ressurreição de Jesus. No concílio de Jerusalém At 15.1-21 ele desempenhou exatamente este papel.

Exercendo o dom espiritual de Presidência e Governo.

“ou o que exorta faça-o com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria.” Rm 12.8

Gratidão a Deus. É esta a primeira reação do leitor quando descobre um de seus dons espirituais? Escreveu Michael Youssef, possuidor deste dom: “Não fizemos nada para adquirir nossa capacidade de liderança. Ninguém conquista um presente. Quando alguém recebe o dom de liderar, é uma questão de graça e não de mérito. (...) Devo regularmente parar e agradecer a Deus por ter-me feito como sou.” (Youssef, 25, 26)

Liderar não é parecer de repente, de fora, cheio de idéias novas e conhecimento superior (mesmo que seja correto). Liderar exige sensibilidade para com aqueles que são conduzidos. Impõe um compromisso para ficar junto e a favor dos liderados. Para exercer liderança é preciso ganhar a confiança dos liderados e motivá-los a mudar e a seguir numa direção nova ou diferente (Grant).

O possuidor deste dom deve desenvolver algumas qualidades fundamentais para o seu exercício: paciência, para compreender e esperar que o povo amadureça; sabedoria, para fazer os apelos certos e objetivos na hora oportuna; humildade, para vencer oposições; e mansidão diante de todos. O líder precipitado pode por tudo a perder.

Liderar não é apontar: “O caminho está aí, podem, segui-lo”. É dizer: “Venham comigo”. O líder não só vai à frente do grupo, como está com o grupo. Nunca fica à margem, como observador. Este líder abre espaço para todos os outros. Não é o que tenta ou pode realizar um trabalho melhor do que os outros. Pelo contrário, é aquele que motiva e dá espaço aos outros para que exerçam seus dons ou utilizem seus talentos para realizar o trabalho, melhor do que ele.

Ao contrário dos sistemas vigentes ao nosso redor, cujo alvo é controlar um grupo e seus membros, a meta do possuidor deste dom espiritual “deve ser(...) um crescimento no melhor relacionamento entre os participantes do grupo, de modo que cada personalidade seja desenvolvida, amadurecida e posta a serviço do Mestre num clima agradável, sadio, alegre e de profundo comprometimento com os propósitos do Reino. (Dusilek,2)

Um irmão que ocupe um cargo de liderança, sem possuir o dom, poderá apenas conseguir a obediência de seus liderados. O possuidor do dom obtém a cooperação porque os demais irmãos, espontaneamente querem segui-lo. Daí a tremenda responsabilidade dele em conduzir ao povo de Deus pelo caminho certo, “com todo cuidado”.

O possuidor deste dom está em evidência e, quer queira, quer não, é um exemplo de vida cristã. A questão é saber se ele é um modelo digno. “É importante para o líder cultivar uma vida espiritual profunda, uma busca pelo crescimento constante, para que seu grupo não se frustre descobrindo sua superficialidade (...) É necessário um cuidado muito especial com (sua) vida cristã, pois Satanás prefere atacar os líderes para, assim atingir um maior

número de pessoas”

Quando líderes falham, na maioria dos casos é por desvio de caráter, não por falta de competência.

O Estilo Bíblico de Governo

O conceito de liderança que as pessoas geralmente têm choca-se com os princípios bíblicos. Nada mais natural. O “líder” diz o Novo Dicionário Aurélio, é o “indivíduo que chefia, comanda ou orienta em qualquer tipo de ação: (...) indivíduo, grupo ou agremiação que ocupa a primeira posição em qualquer tipo de competição”. Liderança, diz Aurélio, é a “forma de dominação baseada no prestígio pessoal e aceita pelos dirigidos” É um conceito que incentiva a rivalidade e a procura de prestígio.

A ambição de Tiago e João (Mt20.21-25) era de prestígio e status, e, quem sabe, uma oportunidade par dominar. Facilmente condenamos tal atitude, mas ela existe na politicagem entre irmãos em Cristo, os quais se entregam as manobras para conseguir vantagens e posição.

Jesus reformulou este conceito ao descrever o líder cristão. Descreveu-o como servo! Sua característica mais destacada é a humildade (Jo 13.12-17; Mt11 28.30). **“Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo” Mt20.26,27**

Que exemplo marcante da divergência dramática entre os pensamentos de Deus e os dos homens (Is 55 7.9)! De acordo com os princípios bíblicos de liderança, não haverá “pequenos deuses”(!) como Phillips traduz 1 Pe 5.3, mas “exemplos de vida cristã” perante os liderados.

Valorizar a humildade é uma atitude peculiar do cristão. Antes de surgir a Igreja de Cristo, a humildade era considerada uma fraqueza. Tragicamente, ainda o é entre nós, o que explica em parte a crise de liderança em nossas igrejas.

A humildade vivenciada pelo líder tem uma força grande na vida do liderado, maior do que a expressão verbal da doutrina. A igreja tem zelado pela pura doutrina, identificando e rejeitando heresias. Jesus “procurou evitar a proeminência pessoal. Não fazia promoção de Si mesmo ou de Sua imagem; antes a “Si mesmo se esvaziou”. Este é Seu padrão para Seus seguidores-líderes. “Isto implica ser um “joão-ninguém”? Não. Há uma diferença entre ser servo e ser servil. O servilismo diminui os outros, porque explora suas falhas e fraquezas.

O espírito de servo edifica as pessoas porque aumenta e libera suas forças”. (ib)

Aquele com o dom espiritual de governo e presidência, exerce autoridade espiritual, e desta forma atrai seguidores, por sua humildade e mansidão (Mt 11.28-30), ou os espanta, pela falta destas características essenciais, onde os irmãos são abençoados por Deus e não simplesmente beneficiados pelo dom.

Exercer o dom de Governo e Presidência é, obrigatoriamente, servir a Deus, realizando aquilo que Ele quer. O serviço à igreja está sempre neste contexto. Os irmãos, sendo beneficiados e abençoados, não são quem manda na vida do irmão com este Dom, pois estes irmãos devem seguir exclusivamente a direção do Senhor e não atender ao apelo das pessoas. Jesus deixou isto claro quando não cedeu às insistências do povo bem-intencionado em Cafarnaum (Lc4.42,43).

Dom de conhecimento e de Sabedoria.

Inicialmente, cabe ressaltar que estes dons referem-se a dons correlatos, uma vez que o segundo significa a aplicação prática do primeiro. Mesmo assim, não podemos afirmar que os mesmos podem ser tratados como sendo um único dom, nem mesmo podemos afirmar que uma pessoa que tenha o primeiro (conhecimento) necessariamente tenha o segundo

(sabedoria). Desta forma trabalharemos individualmente cada um deles. Muitos acreditam que estes dons estão diretamente ligados ao energemata dos dons de mestre e ensino. Posso dizer-lhes que é possível sem dúvida alguma que tais irmãos sejam abençoados de tal forma que ao receberem de Deus, por exemplo, o dom de mestre, tenham, na soma de seus dons um dos aqui referenciados. No entanto não vejo motivos para declarar de forma dogmática, haja visto que a realidade que temos vivido em nossos dias, nos aponta para um caminho diferente. Vejamos abaixo a explanação de cada um destes dons.

a) A palavra de conhecimento ou ciência

Segundo um erudito, ciência é o conhecimento profundo ou a compreensão das coisas divinas, é um pronunciamento ou declaração de fatos inspirados dum modo sobrenatural. Podemos dizer que o conhecimento tem a ver com a descoberta da verdade, ao passo que a sabedoria tem a ver com a aplicação da verdade à vida.

Podemos então dizer que: **O dom de conhecimento é aquela capacidade especial que Deus dá a certos membros do corpo de Cristo para que descubram, acumulem, analisem e esclareçam informações e idéias pertinentes ao crescimento e ao bem-estar dos membros do Corpo, sempre baseados na sã doutrina das Escrituras Sagradas.**

Desta forma podemos ilustrar abaixo a utilização deste dom em sua prática, para melhor compreendermos:

- Primeiramente podemos dizer que o dom de conhecimento refere-se ao conhecimento de Deus, tal como é demonstrado nas Escrituras, especialmente na exposição que Paulo fez em 2 Cor 2:14e 2 Cor.10:5;
- inteligência e entendimento (Ef.3:19);
- o conhecimento da fé cristã (Rm15:14, I Cor.1:5);
- o conhecimento mais profundo, mais perfeito e mais amplo da vida cristã, tal como pertence aos mais avançados (I cor. 12:8 ,13:2,8 – 14:6; 2 cor.6:6 – 8:7) ;
- o conhecimento mais elevado das coisas divinas e cristãs das quais os falsos mestres se jactam (ITm. 6:20);
- sabedoria moral como se demonstra numa vida reta (I Pe.3:7);
- o conhecimento concernente às coisas divinas e aos deveres humanos (Rm.2:20, Col.2:3).

b) A palavra de sabedoria..

O dom de sabedoria é aquela capacidade especial que Deus dá a certos membros do corpo de Cristo para sondarem a mente do Espírito, de modo a receberem discernimento sobre como o conhecimento dado pode ser melhor aplicado às necessidades especiais que vão surgindo no Corpo de Cristo, sempre baseados na sã doutrina das Escrituras Sagradas.

A palavra de sabedoria, pois, parece significar habilidade ou capacidade sobrenatural para expressar conhecimento nos sentidos abaixo mencionados:

- É aplicada à arte de interpretar sonhos e dar conselhos sábios (Atos 7:10);
- À inteligência demonstrada no esclarecer o significado de alguns números ou visão misteriosos (Apoc. 13:18; 17:9);
- Prudência em tratar assuntos (Atos 6:3);
- Habilidade santa no trato com pessoas de fora da igreja (Col.1:28);
- O conhecimento e prática dos requisitos para uma vida piedosa e reta (Tg.1:5; 3:13,17);
- O conhecimento e habilidade necessários para uma defesa eficiente da causa de Cristo (Luc.21:15);
- Um conhecimento prático das coisas divinas e dos deveres humanos, unido ao poder de exposição concernente a essas coisas e deveres e de interpretar e aplicar a Palavra Sagrada (Mt.13:54; Mc. 6:2; At. 6:10);
- A sabedoria e a interpretação com que João Batista e Jesus ensinaram aos homens o plano de salvação. (Mt.11:19).
- Nos escritos de Paulo “a sabedoria” aplica-se a um conhecimento do plano divino, previamente escondido, de prover aos homens a salvação por meio da expiação de Cristo (ICor.1:30; Col. 2:3); por conseguinte, afirma-se que em Cristo “estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência” (Col.2:3);
- A sabedoria de Deus é manifestada na formação e execução de seus conselhos (Rm1:33).

Podemos dizer que a distinção que encontramos entre o dom de conhecimento para o dom de sabedoria, é que, o primeiro refere-se a descoberta e o segunda a aplicação correta da descoberta. Quero dizer que uma pessoa que tenha descoberto alguma coisa, como por exemplo: A pólvora. Esta descoberta está ligada a ciência, no entanto o uso da mesma não é mais uma questão de ciência e sim de sabedoria. A pólvora pode ser utilizada de forma positiva (auxílio na construção pesada) ou de forma negativa (para matar alguém).

Assim também podemos aplicar as questões bíblicas. Muitas vezes vemos nossos irmãos com dom de conhecimento ou ciência nos apresentarem descobertas Bíblicas importantes, no entanto não é difícil observar que alguns “sem sabedoria”, acabam por instruírem a outros a utilizarem aquele conhecimento de forma negativa o que termina por prejudicar os que assim o fazem.

Podemos citar, por exemplo, a questão do falar. Lembro-me que há alguns anos um determinado irmão (dom de conhecimento) descobriu através da unção do Espírito de Deus e da análise criteriosa das Escrituras Sagradas, a importância de aplicarmos um falar agradável no trato com os nossos. Passado algum tempo outro irmão resolveu escrever um livro sobre o assunto e sem o dom de sabedoria, transformou aquela descoberta maravilhosa numa doutrina anti-bíblica, onde segundo seus

ensinamentos a vida de uma pessoa depende exclusivamente da maneira com a qual ela fala. Se falar coisas boas, coisas boas lhe sobrevirão, se falar coisas ruins coisas ruins lhe sobrevirão.

Assim concluímos que o dom de conhecimento e sabedoria nem sempre andam juntos , mesmo sabendo que melhor será se assim acontecer. Vemos também que estes dons estão diretamente ligado aos mestres, pastores e evangelistas, uma vez que torna-se necessário aos mesmos estas aplicações, para um melhor direcionamento dos santos, mas não podemos afirmar que todos estes tenham obrigatoriamente os dons de conhecimento e sabedoria.

Dons de curas

Primeiramente deve ficar claro que existem duas vertentes a serem analisadas para estudo deste assunto. Existem aqueles que entendem que este dom referiu-se a um “dom-sinal” e que o mesmo foi utilizado no tempo de instalação da igreja primitiva através dos apóstolos, e outros dizem que, este dom sempre existiu e que ainda hoje continua a ter seu campo de ação e importância na vida dos santos. Passaremos agora a considerar cada um deles:

I - “Aqueles que acreditam que o dom de cura não está em operação em nossos dias.

Aqueles que acreditam que o dom de cura não está em operação em nossos dias, apresentam argumentações baseadas nos fatos abaixo:

a) A bênção da saúde:

A obediência para com a Palavra de Deus geralmente trará uma melhor saúde. O crente deve evitar preocupação, tensão excessiva, temor, ódio, glotonaria e embriaguez. Todos estes ultrajes são inimigos da boa saúde. Veja a promessa de vida longa em um dos dez mandamentos (Êxodo 20:12).

b) A razão para a doença:

Nosso entendimento sobre o assunto de cura é afetado grandiosamente, por nossos entendimentos em relação ao propósito da enfermidade. Os “curandeiros de fé” modernos diriam que nós temos que acreditar que toda doença é resultado de incredulidade e que nunca é preciso estar doente. Em um mundo onde o bom e o mal frequentemente sofrem, esse ponto de vista contradiz nossa experiência como também a Bíblia. Olhando à Palavra de Deus compreendemos que a doença pode ter muitas razões.

- A enfermidade pode ser um castigo de Deus.

Nós pensamos em algumas pestes que caíram sobre o Egito, ou o golpe da cegueira para o mágico pelo apóstolo Paulo (At 13:5-11). É interessante que netes casos, a doença era um sinal assim como a cura em outros.

- Pode ser permitida a enfermidade para a glória de Deus, João 9:1-3

Deus permitiu que este indivíduo nascesse cego, de forma que Cristo fosse glorificado por sua cura. Não há dúvidas que Deus permite certas enfermidades para que Seu nome seja glorificado no exercício da paciência cristã nas aflições.

- A enfermidade pode ser dada para que o cristão se mantenha humilde – II Coríntios 12:7-10.
- A enfermidade pode ser dada como castigo para os santos – I

Coríntios 11:29-31.

- A enfermidade às vezes não é explicada – I Timóteo 5:23
- A enfermidade pode ser proveniente de satanás – Lc 13:16

O Dom de cura era a habilidade de curar à vontade, pelo poder de Deus. Este era um dom sinal para aqueles que desacreditavam da pregação de Cristo e de seus discípulos (Mt 11:2-5; Mc 16:17-18; At 2:22, At 4:29-30; Hb 2:3-4. Os Apóstolos curavam a muitos, através do que trazia a atenção para que se verificasse a veracidade do evangelho (não é igual aos curandeiros modernos que enfatizam e pregam a própria cura como sendo uma finalidade da pregação).

O Dom de cura cessou quando a Bíblia se completou e a mensagem foi completamente crida. Assim como a entrega da lei no Monte Sinai, o evangelho não necessita ser reafirmado continuamente. Nos livros mais recentes do Novo Testamento nós vemos uma diminuição de citações de cura e um aumento de enfermidades não curadas (I Tm 5:23; II Tm 4:20; Fp 2:25-30). É interessante notarmos nesta consideração que no Novo testamento os cristãos sempre viam a cura como um sinal e nunca como uma mera benção pessoal. Até mesmo a igreja em Corinto tão proeminente por apresentar sinais estava cheia de pessoas doentes (I coríntios 11:30).

Deus nem sempre cura seu Povo. Às vezes é dado a eles a oportunidade de glorificarem a Deus exibindo um verdadeiro comportamento cristão durante as aflições (I Ts 5:18; II co 11:27 e 12:7-10). Note que a verdadeira fé pode ser evidenciada em presença de enfermidades tão bem quanto em presença de curas (compare Hb 11:33-35^a com Hb 11:35b-39).

Desta forma, concluem aqueles que crêem conforme acima exposto, Deus nunca prometeu ao Seu povo Saúde perfeita aqui neste mundo (Ap 21:4). Aqueles que reivindicam possuírem atualmente o dom de cura não só fazem uma falsa reivindicação, como também exibem uma séria ignorância sobre a natureza e o propósito deste dom. Ensinar que Deus sempre cura, é um tormento cruel e um engano para os que sentem dor, e confunde o crente que está sofrendo de acordo com a vontade de Deus.”

II – Passaremos agora a tratar a vertente daqueles que crêem que o dom de cura está em vigor em nossos dias.

“Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre.” Hebreus 13:8

“Deus não altera, e por isso cremos que Ele continua a operar no meio de Sua Igreja através do dom de cura...” _ assim dizem aqueles que defendem a idéia de que os dons de cura permanecem em nossos dias.

O dom de cura é uma forma maravilhosa que Deus disponibilizou para que o homem reconheça a intervenção de Deus sobre aqueles que Nele crê. Desta forma podemos ver que não são poucos os indivíduos que já experimentaram a cura Divina em suas vidas.

Para tal, Deus utiliza-se de servos e servas aos quais Deus capacitou com este dom, com a

finalidade de transmitir seu desejo. Vemos que o Senhor utiliza-se deste dom para operar através principalmente de Evangelistas (At 8:6-7; 28:8-10).

Temos visto um grande operar de curas, principalmente através de evangelistas e missionários espalhados pelo mundo inteiro. Na África, por exemplo, não são poucos os casos de testemunhos de pessoas curadas durante cultos, onde multidões se aglomeram aguardando um agir de Deus. Encontramos relatos de um mover especial na Indonésia e países da Ásia, onde muitos tem da mesma forma experimentado a ação de Deus através da cura. Não se deve entender que quem possui esse dom tenha o poder de curar a todos; deve dar-se lugar à soberania de Deus e à atitude e condição espiritual do enfermo. O próprio Cristo foi limitado em sua capacidade de operar milagres por causa da incredulidade do povo (Mt. 13:58). A pessoa enferma não depende inteiramente de quem possua o dom. Todos os crentes em geral, e os anciãos da igreja em particular, estão dotados de poder para orar pelos enfermos. (Mar.16:17-18; Tg 5:14).

No Brasil, existem irmãos reconhecidos quando o assunto é cura, como por exemplo:

- Ronildo Ribeiro Soares , conhecido como R.R. SOARES da Igreja da Graça;
- O assim chamado “Bispo” Edir Macedo da Igreja Universal do Reino de Deus,
- Alguns “Bispos” da igreja Renascer em Cristo,
- David Miranda da Igreja Deus é Amor;
- Manoel de Mello de O Brasil para Cristo;
- e por último assim intitulado “apóstolo” Valdemiro Santiago de Oliveira da Igreja Mundial do Poder de Deus.

Estes irmãos, tem enchido os templos de “suas” Igrejas, tendo como principal slogan o tema “cura”.

Desta forma, não vemos motivos, dizem aqueles que afirmam que Deus ainda hoje operara através do Dom de Cura, para que não creiamos que Deus opera através de Seus servos a quem ele confiou este dom.

DO NOSSO CAMPO VISUAL

Primeiramente irmãos, o que passo a escrever abaixo reflete uma opinião repleta de temor ao Nosso Soberano Deus, a quem devemos honrar para sempre. Não nos cabe, em hipótese alguma duvidar da capacidade Divina em exercer cura, seja no passado bem como no presente, logo o que vejo muitas vezes é um retrato do continuísmo existente em nossas Igrejas nos dias atuais. Poucos pensam profundamente sobre este tema, talvez por acharem que tal pensamento possa representar um ato de descrença diante de Deus. Quando o assunto é cura, a questão é: “... não importa quem ele era... o que importa é que, agora vejo...”. Muitos não estão querendo saber de forma fundamentada sobre tal assunto, pois isto pode vir a abalar muitos que colocam suas vidas amparadas na esperança da cura de seus corpos.

Devemos considerar que cura não é uma prova da fidelidade divina ao Seus servos, uma vez que Deus não tem coisas alguma a nos provar (***Jesus, porém, arrancou do íntimo do seu espírito um gemido e disse: Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração não se lhe dará sinal algum. Marcos 8:12***), nem mesmo uma prova de cristianismo por parte dos que recebem cura (***Então, Jesus lhe perguntou: Não eram dez os que foram***

curados? Onde estão os nove? Lucas 17:17). O que prova nossa fidelidade e cristianismo é a maneira com que passamos nossas adversidades (I Tss 5:15; II Co 11:27 e 12:7-10), e a firmeza que expressamos nossa fé incondicional ao Senhor “*Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte.*” 2 Coríntios 12:10

Muitos encontram nesta esperança um alento para seus dias, sem entenderem que Cristo deve ser nosso “tudo”.

Julgo ainda necessário destacar algo que nos fora fortemente ensinado através do nascimento de Nosso Senhor Jesus. Logo que os sábios foram notificados de Seu nascimento, saíram a procurá-lo, no palácio, mas Ele estava numa estrebaria. Apesar de sabermos que este dom (cura) é um dom sensacional, e que por mais discreto que seu possuidor possa ser ele fatalmente atrairá pessoas até ele, creio que seus possuidores (se existirem) estejam a ministrarem nos hospitais, nas casas de recuperação, nos sanatórios etc., onde não existam holofotes. Estes que hoje se intitulam “possuidores” do dom de cura, e que apresentam-se diante das câmeras de TV, como por exemplo:

- Ronildo Ribeiro Soares , conhecido como R.R. SOARES da Igreja da Graça;
- O assim chamado “Bispo” Edir Macedo da Igreja Universal do Reino de Deus,
- Os Bispos da igreja Renascer em Cristo,
- David Miranda da Igreja Deus é Amor;
- Manoel de Mello de O Brasil para Cristo;
- e por último assim intitulado “apóstolo” Valdemiro Santiago de Oliveira da Igreja Mundial do Poder de Deus.

Eu particularmente não os reconheço como havendo neles o dom de curas, e sim uma expressão clara de vaidade e ganância, bem como não consigo encontrar em seus seguidores corações puros que busquem a Deus e sim pessoas que gostam de “circo e pão”. As Escrituras advertem-nos quanto a ambos dizendo:

“Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, será infamado o caminho da verdade; também, movidos por avareza, farão comércio de vós, com palavras fictícias; para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme.” II Pe 2:1-3

“Por isso, como é o povo, assim é o sacerdote; castigá-lo-ei pelo seu procedimento e lhe darei o pago das suas obras.” Oséias 4:9

Dante de toda a exposição feita neste estudo, emito meu parecer ao declarar que não posso negar de forma alguma que Deus ainda opera no Seu povo com curas de toda ordem e grau, no entanto não ouso dizer que Deus o faz através de servos dotados exclusivamente com este dom. Como não tenho, sequer um nome, para testemunhar como sendo pessoa com o dom de cura em atividade em nossos dias, prefiro afirmar que – sem limitar o poder de Deus, não vejo este dom em operação hoje, no entanto não ouso dizer que ele não existe quando referindo a toda a Igreja do Senhor na face da terra, uma vez que não conheço todo

o universo de cristãos espalhados pelo mundo. Amados, quero deixar bem claro, e neste texto faço questão de grifar o fato de que DEUS AINDA CURA EM NOSSOS DIAS, só que, o que vemos normalmente é ele fazendo isto utilizando-se da Igreja e não de servos com o exclusivo dom.

Operação de milagres (I Co 12:28-30)

- c) Operação de Milagres. Literalmente “obras de poder”. A chave é Poder. (vide João 14:12 ; Atos 1:8). Os milagres “especiais” em Éfeso são umas ilustrações da operação do dom (Atos 19:11,12 ; 5:12-15).

O milagre não aparece antes de tudo como evento de ordem sobrenatural, ele não se caracteriza pelo fato de suspender as leis da natureza: ele é extraordinário porque manifesta, geralmente de forma inesperada, a presença de Deus aqui embaixo, com uma intensidade particular.

Aos olhos dos homens da antiga aliança, portanto, a característica do milagre é revelar a presença de Deus. Os prodígios no AT, manifestam a intervenção de Javé no meio de seu povo, sejam eles ou não acompanhados por fenômenos curiosos. Certamente a Escritura relata as proezas inauditas realizadas por Deus: a terra abre a boca e engole os filhos de Coré, revoltados contra Moisés (Nm 16.30); o granizo cai sobre os gibeonitas e o sol se detém no meio do dia para consagraria vitória de Josué (Js 10.10ss); a sombra recua 20 graus a pedido de Ezequias (2Rs 20.10); a própria criação é celebrada como um dos mais prodigiosos atos do poder de Javé (.Sl 89.6; 106.2; 139.14; Jó 5.9s). Mas eventos simples como o sopro do vento oriental, o encontro de uma jovem e a derrota de um inimigo são miraculosos para Israel, porque eles não teriam sido produzidos sem a intervenção divina (cf.Ex 14.21s; Gn 21.12ss; 1 Sm 14.23 e 45).

Para o AT o milagre nunca é um fato isolado. Ele indica outros eventos. O alvo das intervenções extraordinárias de Deus é precisamente dizer algo, advertir, anunciar, em resumo, revelar a intenção divina.

O milagre, pois, não é suficiente como prova da intervenção divina, ele deve ser relacionado com outros eventos, explicado pelo conjunto da revelação bíblica e por ela interpretado. O verdadeiro milagre está em harmonia com as indicações que os crentes já possuem sobre Deus. Ele se dirige, pois, à fé e à fé esclarecida pelo conhecimento do Senhor.

Existe relação estreita entre a fé e o milagre. O incrédulo não observa a mão de Deus de Israel nos incidentes diários da vida ou na alta política do Oriente Médio. Ele não sabe ler os sinais dos tempos, não escuta as advertências que o Senhor multiplica, ele tem olhos para não ver e ouvidos para não entender. O milagre nada revela aos que não crêem em Deus, parece mesmo que os endurece. Assim é que o faraó se obstina em reter o povo de Deus, apesar das pragas em tudo extraordinárias que se abatem sobre seu país (cf.Ex 7.3,9; 1.10, etc.); assim é que Acaz e as autoridades de Jerusalém não querem ler nos nomes estranhos recebidos pelos filhos de Isaías as indicações enviadas por Deus (cf. Is 8.18; 20.3; 7.11). Por outro lado, o Deus de Israel dá a Gideão um sinal para fortificá-lo antes que ele parte em socorro de seu país oprimido pelos filisteus (cf.Jz 6.17 e 36ss).

O milagre é pois um meio de que Deus se serve para conduzir a história, até que tenha estabelecido seu reino sobre todo o universo. Ele tem seu lugar na revelação bíblica, não sendo indispensável nem supérfluo. Lendo o AT constatamos que as intervenções extraordinárias de Deus se concentram, sobretudo em três períodos da história de Israel. Elas se apresentam cada vez como mudança de rumo decisiva, em que entram em jogo não apenas o destino da nação, mas o próprio futuro do plano de salvação divino. Inicialmente se tratou da libertação do Egito, em que, por detrás dos homens nela ativos, Moisés e o faraó, Deus enfrenta o poder demoníaco dos ídolos egípcios (cf Ex 5ss). Depois no tempo de Elias e Eliseu, quando os israelitas põem em dúvida a continuidade da obra de Javé,seduzidos pelos cultos de Baal e Asarte, espécie de forças naturais divinizadas (cf. 1

Rs 17ss). Finalmente, quando os assírios acampam aos pés da Cidade Santa e ameaçam não só destruir o trono de Davi, o templo de Deus, mas também aniquilar o povo eleito (cf. Is 6ss; 36ss).

O milagre é ato de poder (note-se que a mesma palavra pode ser traduzida para o português tanto por milagre como por poder). Aquele que o realiza é portador de certo poder, seja ele divino, conferido pelo Espírito Santo ou, seja ele demoníaco. Ele não se limita a um ato extraordinário inexplicável de outra maneira (pela ciência, psicologia, etc.). Toda ação, toda intervenção de Deus na vida do mundo e particularmente dos homens, é milagre. Esta ação pode ter ocorrido tanto no domínio espiritual (conversão, consolo, conhecimento do Evangelho etc.) como no domínio material (enfermidade, elementos). Nesta perspectiva também são consideradas milagres a cessação da enfermidade, sua cura completa, bem como a luta conduzida espiritualmente e vencida contra ela. Assim é que o apóstolo Paulo recebe do Senhor a força para levar avante seu apostolado, apesar de sua doença (2 Co 12.9s). Milagres não são apenas as curas operadas por Jesus antes de sua morte e ressurreição, mas também a força e o consolo que ele comunica àqueles que com ele vivem em comunhão (2 Co 12.7-10). Assim, no NT, o sentido da palavra milagre frequentemente é mais amplo que em nossa linguagem moderna.

Seu caráter sobrenatural reside precisamente nesta origem divina e não no assombro maior ou menor que podem provocar no espírito humano. Isto deve ser afirmado e reafirmado: a ação divina, de aparência inteiramente comum, visível apenas para o crente, é um milagre. Por outro lado, não é milagre um fenômeno extraordinário, surpreendente, inexplicável, mas sem relação com a fé.

Nossos conceitos habituais nos levariam a admitir como milagres apenas certos prodígios assombrosos e cientificamente extraordinários. Os escritores do NT pensam de maneira muito diferente: num mundo separado de Deus, qualquer ato revelador de sua presença ativa sai do curso natural das coisas, e dos pensamentos habituais. Este ato, mesmo que se assemelhe a certas ações humanas, delas difere em seu sentido e em seu alvo: porque por seu intermédio o Senhor sobrepuja a indiferença ou a hostilidade dos homens, para a eles se revelar e mostrar seu poder e seu amor. É isto que constitui a “maravilha” do milagre, e não certos traços que o tornem aceitáveis à nossa incredulidade natural.

Podemos afirmar existir hoje, pessoas com este dom?

Dante de toda exposição acima, nos cabe dizer que sem dúvida existem pessoas com o dom de operação de milagres, mas da mesma forma que afirmamos quando tratamos sobre o dom de Cura, ressaltamos que estes não se encontram na mídia (tv's, rádios etc.,), mas são anônimos, trabalhando para a edificação do Corpo de Cristo. No entanto faz-se necessário revermos nossos conceitos de milagres uma vez que definimos de forma clara que :

Milagre é a ação Divina a favor de alguém ou de alguns, podendo ser tanto através de coisas que temos como “extraordinárias” como, “cotidiana”, visando Seu Propósito.

- Temos aqueles que anunciam as boas novas, e desta forma operam levando o milagre da salvação;
- Temos aqueles que trabalham no pastoreio que são responsáveis pelo milagre do aconselhamento e ajuste de vidas e condutas;
- Temos aqueles que ministram as escrituras, tais como ensinadores e mestres, responsáveis pelo milagre da compreensão Bíblica.

Estes e muitos outros milagres são operados por meio de pessoas, que ainda que não invoquem sobre elas o referido dom, são vasos comunicantes da parte de Deus, para fazê-los chegarem até as almas necessitadas.

Quanto aos chamados milagres extraordinários, tais como: Ressurreição de mortos, abrir o mar e andar a pés enxutos, fazer parar o sol etc., afirmamos não termos pessoas confiáveis que tenham feito ou dito algo parecido ou de tal forma espetacular para que possamos assim

menciona-las nos dias de hoje. No entanto cabe destacar que, se analisarmos toda a Escritura, encontraremos um numero de 143 milagres narrados os quais abaixo descrevemos para conhecimento do leitor, lembrando-lhes que o Senhor é o mesmo ontem, hoje e para sempre, e que Ele faz como lhe apraz.

No AT estão registrados 67 milagres:

{Gn 5.21-24; 11.6-9; 19.1-11,24-25,26},
{Êx 3.1-6; 4.1-5,6-8; 7.9-13; Êx 8\$; Êx 9\$; Êx 10\$},
{Êx 11\$; Êx 12\$; 13.20-22; 14.21-28; 15.25; 16.12-36; 17.6},
{Lv 10.1-2; Nm 12.9-15; 16.24-35,46-50; 17.1-13},
{Nm 20.7-13; 21.4-9; 22.28-30; Js 3\$; Js 6\$; 10.12-13},
{Jz 6.36-40; 1Sm 5; 6.19-21; 12.16-18; 2Sm 6.6-8},
{1Rs 13.1-6; 17.3-7,14,22; 18.1-40,41-45},
{2Rs 1.1-18; 2.8,11,12-14,19-22; 3.16-20},
{2Rs 4.1-7,32-37,38-41,42-44; 5.1-19,20-27},
{2Rs 6.1-7,15-23; 7.1-20; 13.20-21; 19.35-36},
{2Rs 20.7-11; 2Cr 7.1-3; 26.19-21},
{Dn 3.19-30; 5.30; 6.1-28; Jn 1\$}.

O NT mostra que Jesus realizou muitos milagres

{Mt 8.16-17; 12.15; Lc 7.18-23; Mt 14.34-36}.

Os Evangelhos registram 36, alistados a seguir na ordem provável em que aconteceram:

A água feita vinho {Jo 2.1-12}; o filho de um funcionário público {Jo 4.46-54}; uma pesca maravilhosa {Lc 5.1-11}; o endemoninhado de Cafarnaum {Lc 4.31-37}; a sogra de Pedro {#Lc 4.38-39}; o leproso {Mc 1.40-45}; o paralítico descido pelo telhado {Mc 2.1-12}; o paralítico de Betesda {Jo 5.1-18}; o homem da mão aleijada {Mt 12.9-14}; o empregado do oficial romano {Lc 7.1-10}; o filho da viúva de Naim {Lc 7.11-17}; Maria Madalena {Lc 8.2};

o endemoninhado cego e mudo {Mt 12.22-37}; a tempestade {Mc 4.35-41}; os endemoninhados gadarenos {Mc 5.1-20}; a filha de Jairo {Mc 5.21-43}; a mulher que tinha hemorragia {Mc 5.25-34}; os dois cegos {Mt 9.27-31}; o mudo endemoninhado {Mt 9.32-34}; a primeira multiplicação dos pães {Mc 6.30-44}; Jesus anda sobre a água {Mt 14.24-33}; a filha da siro-fenícia {Mc 7.24-30}; o surdo-mudo {Mc 7.31-37}; a segunda multiplicação dos pães {Mc 8.1-10}; o cego de Betsaida {Mc 8.22-26}; o menino epiléptico {Mc 9.14-29}; a moeda na boca do peixe {Mt 17.24-27}; o cego de nascença {Jo 9.1-41}; a mulher encurvada {Lc 13.10-17}; o hidrópico {Lc 14.1-6}; a ressurreição de Lázaro {Jo 11.1-44}; os dez leprosos {Lc 17.11-19}; o cego Bartimeu {Mc 10.46-52}; a figueira sem frutos {Mt 21.18-22}; a orelha de Malco {Lc 22.50-51}; outra pesca maravilhosa {Jo 21.1-13}. Os apóstolos também fizeram milagres {Mt 10.1-8; Lc 10.9; 9.6; 10.17-20}.

Em Atos são mencionados 20 milagres:

{At 2.1-4; 3.1-8; 5.1-11,16,19; 6.8; 8.6-13},
{At 9.3-8,13-18,32-35,36-41; 12.6-10; 13.8-12},
{At 14.8-10; 16.16-18; 19.11}, v. {#2Co 12.12},
{At 20.9-12; 28.1-6,7-9}.

Discernimento de espíritos

“Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes.” Ef 6:11-12

Primeiramente nos cabe dizer que existe um mundo espiritual tão real quanto o mundo físico, só que o primeiro é invisível e por isso imperceptível a muitos, o que não faz dele

menos real. Para provar tal fato, nos dedicaremos a seguir em analisar alguns pontos:

a) Nós somos seres espirituais revestidos de carne.

Podemos dizer que ainda que não tenhamos uma percepção apurada quanto a este assunto, nós fomos formados por Deus do pó da terra e após haver Deus soprado para dentro do homem o espírito de vida este se tornou alma vivente (Gn 2:7). Ainda que tenhamos a tendência de sermos inconscientes do mundo espiritual que nos cerca, somos, na realidade, altamente influenciados e controlados por ele. A Bíblia diz que os pecadores são tomados cativos pelo diabo e são controlados por sua vontade no âmbito espiritual (II Tm 2:26)

b) Deus nos ensina através da Bíblia sobre este mundo espiritual.

- Jesus nos ensina em Jo 4:24 e Hb 12:9, que Deus é Espírito;
- Deus está cercado de seres espirituais: Hb 1-7-14; Is 6:2-6; Dn 7:10; Mt 26:53.
- O mundo espiritual é organizado: I Pe 3:22; Cl 1:16; Ef 3:10

c) Satanás é um ser espiritual:

Vemos através das escrituras que satanás atua no campo espiritual, e que a partir deste campo o mesmo interfere nas vidas sobre a terra. Sabemos que originalmente satanás era um anjo de Deus de alto posto, o qual caiu por causa do orgulho, ambição e rebeldia (Is 14:12-15; Ez 28:12-18). Satanás não cria coisa alguma, mas copia e engana através de seus feitos. Sendo assim o mesmo copiou em seu “reino”, a maneira organizacional que Deus já havia criado, ou seja, estabeleceu principados e poderes (Dn 10:12-13; jo 14:30; Ef 2:1-2; Ef 6:12), e seus demônios são também seres espirituais (I Tm 4:1; Ap 16:14). Podemos ainda afirmar que a ação de satanás no campo espiritual tem em grande parte sido responsável por tantos enganos e desvios no meio do povo de Deus, o que sem dúvida alguma não será para nós motivo de desculpas uma vez que somos admoestados a agirmos em concordância com as escrituras.

d) O homem:

Sabemos que o homem é formado por espírito, alma e corpo (I Co 2:11; Jó 32:8; Zc 12:1; Tg 2:26), logo não faz o menor sentido pensarmos que o mesmo ficaria neutro no que diz respeito ao mundo espiritual. Desta forma tanto vemos Deus agir através do Espírito Santo (ap 3:6), como vemos satanás agindo através de espíritos maus (Lc 7:21).

O pior de tudo é sabermos que somos incapazes de julgar uma situação, seja palavras, atos ou qualquer outro tipo de expressão pela nossa superficial capacidade humana de compreender fatos. Quero dizer que, mesmo algo que diante de nossos olhos possa nos parecer correto e bem intencionado, no universo espiritual a verdade pode ser outra totalmente diferente. Para melhor exemplificarmos tal afirmativa tomemos o texto a seguir.

“A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome. Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães. Jesus, porém, respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus. Então, o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o sobre o pináculo do templo e lhe disse: Se és Filho de Deus, atira-te abajo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te sustentarão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra. Respondeu-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus.

Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. Então, Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto. Com isto, o deixou o diabo, e eis que vieram anjos e o serviram.” Mt 4:1-11

Vejamos só a cena acima narrada, aparentemente satanás estaria cuidando do bem de Cristo, solicitando a Ele que comesse, e posteriormente que Ele antecipasse seu reconhecimento público e assim por diante. Qualquer um de nós poderia achar uma boa idéia, mas aquele que é capaz de discernir todas as coisas, nosso Senhor Jesus, percebeu as intenções satânicas e o repreendeu, pois sabia que seu único intuito era o de desviá-lo da cruz, sem a qual não poderíamos ser salvos. É desta forma que temos encontrado multidões de chamados “bem intencionados”, mas que na realidade, diante do mundo espiritual são guiados por espíritos malignos com a finalidade de fazerem desviar tantos quanto sejam incapazes de discernirem seus propósitos.

e) O dom:

Após a explanação acima, nos julgamos capazes de melhor definirmos o que significa o dom de “discernimento de espíritos” sendo:

Capacidade dada por Deus de reconhecer ou identificar espíritos que se manifestam utilizando-se de pessoas para que se expressem através de ações, pensamentos e palavras. A linha divisória entre uma operação humana, divina ou satânica pode ser obscura a alguns crentes, mas alguém com a faculdade do discernimento espiritual, vê uma separação clara. Desta forma vemos a importância da aplicação deste dom no meio da igreja, contribuindo de forma clara na conservação da mesma no caminho e direção de Deus. Vejamos agora alguns exemplos deste dom em operação:

Mateus 15:16-23

“Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou? Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que te revelaram, mas meu Pai, que está nos céus... Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia. E Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá. Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro: Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens.”

Julgo ser este um bom texto para nos exemplificar o assunto, em um curto prazo de tempo, Pedro alternou-se da inspiração para a carnalidade. Certamente nós não conseguiríamos identificar tal mudança, ocorrida de forma tão imediata, num espaço tão curto de tempo, a menos que tenhamos o dom de discernimento.

Atos 5:1-9

“Entretanto, certo homem, chamado Ananias, com sua mulher Safira, vendeu uma propriedade, mas, em acordo com sua mulher, reteve parte do preço e, levando o restante, depositou-o aos pés dos apóstolos. Então, disse Pedro: Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo? Conservando-o, porventura, não seria teu? E, vendido, não estaria em teu poder? Como, pois, assentaste no coração este designio? Não mentiste aos homens, mas a Deus. Ouvindo estas palavras, Ananias caiu e expirou, sobrevindo grande temor a todos os ouvintes. Levantando-se os moços, cobriram-lhe o corpo e, levando-o, o sepultaram. Quase três horas depois, entrou a mulher de Ananias, não sabendo o que ocorreria. Então, Pedro, dirigindo-se a ela, perguntou-lhe: Dize-me, vendestes por tanto aquela terra? Ela respondeu: Sim, por tanto. Tornou-lhe Pedro: Por que entrastes em acordo para tentar o Espírito do Senhor? Eis aí à porta os pés dos que sepultaram o teu marido, e eles também te levarão.”

Novamente fazemos destaque a operação deste dom, agora, foi o apóstolo Pedro quem percebeu tal manifestação. Qualquer um de nós sem o dom de discernimento acharia

que Ananias e sua esposa eram indivíduos exemplares, mas, como já foi dito anteriormente, as aparências enganam e uma vez manifesto o dom de discernimento de espíritos, tais são desmascarados e a igreja vive cheia de temor. Julgo ainda importante destacar que creio ser o dom de discernimento de espíritos um dom “auxílio”, o que significa que o mesmo age em conjunto com outros dons tais como: Pastores, mestres evangelistas e outros.

f) Conclusão

Como podemos perceber tanto Deus nos inspira através do Espírito Santo, como Satanás pode também promover uma falsa inspiração, com a finalidade de levar engano e discórdia, desvirtuando caminhos. Como notar a diferença? Pelo dom de discernimento que dá capacidade ao possuidor para determinar se o profeta está falando ou não pelo Espírito de Deus. Esse dom capacita o possuidor para “enxergar” todas as aparências exteriores e conhecer a verdadeira natureza duma inspiração. A operação do dom de discernimento pode ser examinada por duas outras provas: a doutrina (IJo.4;1-6) e a prática (Mt.7:15-23). A operação desse dom é ilustrada nas seguintes passagens: Jo. 1:47-50; 2:25; 3:1-3; 2Reis 5:20; At.5:3; 16:16-18. Essas referências indicam que o dom capacita a alguém a discernir o caráter espiritual duma pessoa. Distingue-se esse dom da percepção natural, e especialmente dum espírito crítico que procura faltas nos outros.

CONTRIBUIÇÃO OU REPARTIR

No A.T, encontramos as seguintes aplicações para as palavras:

- 1) porção
- 2) contribuição, oferta

2 Crônicas 31:3 A contribuição que fazia o rei da sua própria fazenda era destinada para os holocaustos, para os da manhã e os da tarde e para os holocaustos dos sábados, das Festas da Lua Nova e das festas fixas, como está escrito na Lei do SENHOR.

Esdras 8:25 Pesei-lhes a prata, e o ouro, e os utensílios que eram a contribuição para a casa de nosso Deus, a qual ofereceram o rei, os seus conselheiros, os seus príncipes e todo o Israel que se achou ali.

Ezequiel 45:16 Todo o povo da terra fará contribuição, para esta oferta, ao príncipe em Israel.

No N.T. encontramos:

- 1) dar, compartilhar
- 2) social, sociável, pronto e apto para formar e manter comunhão e fraternidade
- 3) que tem o dom de compartilhar com outros suas posses, inclinado a conceder, que dá liberalmente, liberal

Lucas 3:11 Respondeu-lhes: Quem tiver duas túnicas, reparta <3330> com quem não tem; e quem tiver comida, faça o mesmo.

Romanos 1:11 Porque muito desejo ver-vos, a fim de repartir <3330> convosco algum dom espiritual, para que sejais confirmados,

Romanos 12:8 ou o que exorta faça-o com dedicação; o que contribui <3330>, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria.

Efésios 4:28 Aquele que furtava não furte mais; antes, trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que acudir <3330> ao necessitado.

1 Ts 2:8 assim, querendo-vos muito, estávamos prontos a oferecer-vos <3330> não somente o evangelho de Deus, mas, igualmente, a própria vida; por isso que vos tornastes muito amados de nós.

“o que reparte (ou contribui), faça-o com liberalidade” Rm 12:8. Para entendermos o que é este dom, precisamos entender qual a sua aplicação nas escrituras.

Primeiramente podemos e devemos tratar este dom pelo aspecto natural, onde o repartir ou contribuir significa faze-lo utilizando-se de coisas naturais conforme podemos verificar em Lucas 3:11 e Efésios 4:28.

Ocorre que não podemos deixar de considerar que este dom envolve também um outro aspecto onde o que se reparte ou contribui é relativo a coisas espirituais como vemos em Rm 1:11 e I Ts 2:8.

Logo definimos o dom de contribuição como sendo, uma capacidade especial dada por Deus a alguns membros do corpo de cristo para repartir ou contribuir tantos bens materiais como espirituais.

Convém destacar que torna-se de suma importância para o reconhecimento daqueles que possuem este dom, o fato de estarem envolvidos em ambas as formas de contribuição, ou seja a material e a espiritual. Digo isto pela maldade que habita em nossos corações, onde por tendências humanas, pouco elevadas podemos nos deixar conduzir apenas por uma delas, dando lugar à avareza (no caso daqueles que não conseguem dividir bens com o próximo) ou mesmo pela pobreza espiritual (aqueles que não buscam a Deus como deveriam acabam se amparando exclusivamente em obras).

A maior alegria do possuidor deste dom é poder repartir aquilo que tem para o avanço da obra de Jesus Cristo. Seu nível econômico nada tem a ver com possuir este dom, mas tão somente com o exercício dele.

Ao considerarmos este dom, novamente nos voltamos para Deus e reconhecemos nEle o padrão, o doador sem igual. Tiago (1:17) declara: “Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto...” .

O Pai deu Seu próprio Filho (Jô 3:16); a Salvação nEle é dom gratuito (Rm 6:23), e até a fé salvadora para nos apropriarmos de tão grande doação (Ef:2:8,9). O rei Davi, homem rico e experimentado nos caminhos do Senhor, reconheceu publicamente que “tudo vem de Ti, e das tuas mãos to damos” (I Cr 29:14). Os próprios dons espirituais são recebidos das dadivas mãos de Deus.

Não podemos deixar de dizer que o possuidor deste dom, não se sente na responsabilidade de ajudar todos os necessitados que aparecem diante dele, e o motivo é simples. Ele não há tem pelo fato de ser um dom e não uma opção de vida. Sendo um dom ele depende da inspiração e direção do espírito de Deus que lhe comunica quem, como e quando deve um indivíduo ser ajudado.

Mas como devemos usar este dom?

“Com liberalidade...” Rm 12:8. A palavra usada no texto original ocorre oito vezes no NT. É usada, por exemplo, em Ef 6:5 e em Cl 3:22, para descrever a singeleza de coração com a qual os cristãos devem servir aos seus patrões. Um dicionário de palavras gregas diz que significa singeleza, simplicidade, honestidade mental. No uso deste dom de repartir, portanto, Deus requer que seja feito em singeleza de coração, visando unicamente à glória de Deus e o bem-estar de Seu povo. Quer contribuir algo no sentido espiritual, quer no sentido material, visando nosso próprio engrandecimento, ou servindo em fim partidário, não é aceitável a Deus. Aquele que reparte faça-o com singeleza de coração.

Um irmão no uso deste dom, não é aquele que levanta sua própria bandeira e realiza obras

solitárias, aqueles, dotados da parte de Deus com este dom, exerce liderança e capacidade de formação de outros irmãos com a mesma finalidade, trazendo sempre à igreja local a responsabilidade e compreensão do quanto é importante toda a igreja ou pelo menos grande parte dela, se envolver nestes propósitos. Sempre que a igreja socorre na direção de Deus um pequenino ou necessitado, ela está cumprindo o desejo do coração do Pai.

“Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer os necessitados e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber.” Atos 20:35

MÁRTIRE

“...e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.” I Co 13:3

Inicialmente destacamos que poucos são aqueles que consideram martírio como sendo um dom espiritual. Entendo em parte o motivo, ocorre que, se observarmos o texto base que utilizamos acima, ou seja, I Co 13:3 vemos que “entregue o meu próprio corpo para ser queimado”, pode e deve ser traduzido como mártire, e o mesmo, está lado a lado com outros dons como: Profetizar, ciência, fé, línguas etc.

Em que consiste este dom?

Vemos que o dom de mártire consiste na capacidade especial que o Senhor confere a alguns servos e servas, que se apresentam em favor de Deus, mesmo em ambiente de pressão, onde o preço pode ser suas próprias vidas, e se não, um grande sofrimento e privação. Podemos dizer que muitos foram assim vistos e por nós hoje são reconhecidos quando lemos as Escrituras Sagradas, exemplo:

Estevão – At 7: 59-60

Paulo – At 14:1-5; II Co 11:23-27

Tiago – At 12:2

Este dom estaria em exercício em nossos dias?

Diria que sim, pois hoje temos não poucos irmãos espalhados por lugares extremamente perigosos no mundo, onde se dizer cristão representa constante privação e anunciar o evangelho representa um atestado de óbito. Este dom, muitas vezes estão sobre alguns missionários (enviados por Deus para uma missão), evangelistas e pastores que mesmo diante de ameaça de morte, não cessão de apresentarem a palavra de Deus.

Convém ainda destacar que este é um assunto que merece a nossa atenção. Se perguntassemos: Você morreria por amor a Cristo? Talvez cheio de sentimentalismo você afirme – Sim, é claro que sim... mas, a realidade é muitas vezes diferente.

Li em certa ocasião uma ilustração que pode ser bem utilizada neste momento:

“certos irmãos viviam em um país comunista, onde todo cristão era perseguido e se não negasse o evangelho era ou preso ou morto. Mesmo mediante as ameaças alguns cristãos se reuniam as escondidas e ali louvavam ao Senhor. Certa ocasião, estando os irmãos reunidos, entraram ali alguns soldados fortemente armados atirando para o alto e dizendo: todos com o rosto no chão... vamos... vamos. Todos deitaram imediatamente, quando então um soldado começou a dizer, hoje tenho ordem para matar a todos que confessarem a Jesus como Senhor e Salvador, sendo assim, pretendo cumprir minha ordem, no entanto lhes darei uma chance, chamarei um por um, e aquele que quiser poderá ir para sua casa, tal ato significará que você não está disposto a morrer por Jesus. O soldado então apontando para cada um deles começou a chamá-los. Alguns quando chamados, em prantos, como quem sentindo dores, viraram-se e retiraram-se daquele lugar, indo para

suas casas, outros poucos, mantiveram-se ali e disseram, morreremos pelo nosso Senhor Jesus, pois se não podemos anunciar e cultuar Seu nome, melhor nos será morrermos por Ele. Diante destes que assim se apresentaram, mesmo com armas apontadas para suas cabeças, os soldados disseram, alegrem-se irmãos, pois também somos cristãos, mas como participamos do exército somente podemos nos revelar àqueles que estão dispostos a morrerem por Cristo, pois sabemos que também estarão dispostos a morrem preservando nossas vidas em segredo pois o Senhor nos tem usado para livrarmos muitos da morte.” Este exemplo serve para nos mostrar que ainda que você ame muito ao Senhor, não significa que você está disposto a morrer sob qualquer circunstância. Assim é a maioria de nossos irmãos, muitos amam e por isso anunciam a Palavra de Deus, mas poucos morrem anunciando esta Palavra.

Temos inúmeros casos de missionários que morreram ao tentarem, romper uma fronteira, ou ao tentarem anunciar as Escrituras a autoridades ou mesmo a povos. O irmão Peter Wagner, faz uma brincadeira em seu livro quando diz que este é o único dom que somente pode ser usado uma vez. Na verdade podemos dizer que este sem dúvida é o único dom, cuja palavra de Deus assegura um galardão extremamente superior.

“Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam.”
Apocalipse 6:9

Celibato, casamento e viúves.

• Celibato

Tratar este assunto é falar de algo que contrapõe a cultura de muitos povos, e porque não nós os brasileiros. Nós que vivemos num país onde casamento é uma obrigação e ficar solteiro é uma falta de opção, temos com certeza um grande desafio diante de nós. No entanto compete-nos fazermos uma pergunta: O que a Bíblia diz sobre o assunto?

I CORINTIOS 7:1,7,8,9,17,20

1 *Quanto ao que me escrevestes, é bom que o homem não toque em mulher;*

7 *Quero que todos os homens sejam tais como também eu sou; no entanto, cada um tem de Deus o seu próprio **dom**; um, na verdade, de um modo; outro, de outro.*

8 *E aos solteiros e viúvos digo que lhes seria bom se permanecessem no estado em que também eu vivo.*

9 *Caso, porém, não se dominem, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado.*

17 *Ande cada um segundo o Senhor lhe tem distribuído, cada um conforme Deus o tem chamado. É assim que ordeno em todas as igrejas.*

20 *Cada um permaneça na vocação em que foi chamado.*

MATEUS 19:9-12

9 *Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais*

ilícitas, e casar com outra comete adultério e o que casar com a repudiada comete adultério.

10 Disseram-lhe os discípulos: Se essa é a condição do homem relativamente à sua mulher, não convém casar.

*11 Jesus, porém, lhes respondeu: Nem todos são aptos para receber este conceito, mas apenas aqueles a **quem é dado**.*

12 Porque há eunucos de nascença; há outros a quem os homens fizeram tais; e há outros que a si mesmos se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus. Quem é apto para o admitir admita.

Ser celibatário é um dom ou uma falta de opção?

O celibato não é norma para o ser humano, muito menos para a sociedade. A ordem divina de “multiplicar-se e encher a terra”,(Gn 1.28) nunca seria cumprida a não ser que a maioria cassasse e tivessem filhos. Em Gêneses diz: “*Não é bom que o homem esteja só... por isso, deixa o homem pai e mãe, une-se à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne.*” O casal casado reflete a imagem de Deus, justamente em seu relacionamento conjugal. No entanto, não podemos desprezar um fato, pouco considerado em nossos dias, Deus também estabeleceu entre nós, pessoas que igualmente refletem a imagem de Deus através do celibato, pois o mesmo é nada mais nada menos que um dom. Observe que eu disse dom, que significa carisma, mesma palavra utilizada nas referências de dons espirituais. Logo podemos afirmar que: **O Celibato é uma capacitação especial que Deus dá a alguns de seus servos e servas para mantendo-se solteiros e livres de relações sexuais, sejam totalmente consagrados e disponíveis para o serviço e obra de Deus.**

Deus tem o Celibato para todos?

Algumas pessoas têm o dom de celibato, outros, tem o dom de casamento, “*um de um modo, outro de outro*”. É a Graça de Deus que capacita um indivíduo, para um ou outro estado civil.

Paulo diz que gostaria que todos fossem como ele era, ou seja, solteiro. De fato, a maioria pensa que Paulo foi casado, outros que era viúvo. De qualquer jeito, ele permanecia nesse estado para melhor servir a Deus. Cabe aqui uma palavra de exortação. Casados, cuidado para não presumir que seus amigos solteiros são “pobrezinhos”. Que todos vivem esperando o dia que finalmente poderão se casar e serem “inteiros”. Que são desesperados, encalhados, não-desejáveis, ou que há algo de errado com eles. Sem saber, machucamos, ferimos, essas pessoas pela nossa insensibilidade e falta de tato. Cuidado! Em alguns casos, são pessoas MAIS completas, do que aqueles que PRECISAM SE casar. Não devemos sair por aí, como cúpidos tentando casar todo mundo! Cuidado, solteiros, para não viver sua vida procurando “a grama mais verde”.

Como deve viver um celibatário?

Paulo exalta o celibato, o estado civil de solteiro, especialmente quando a pessoa aproveita os anos de “solteirice” para investir no Reino de Deus! Invista esses anos preciosos em serviço desimpedido ao Reino de Deus. Cresça como pessoa. Amplie-se em seus dons, suas habilidades, para ser uma pessoa cada vez mais atraente, mais piedosa, mais sensível, mais amável, não na esperança de um dia se casar, mas para ser um servo cada vez mais consciente do verdadeiro Noivo, Jesus Cristo.

Posso afirmar que, por desconhecerem esta importantíssima verdade, muitos, tem trilhado um caminho de total infelicidade. Não são poucos os irmãos “casados”, que procuram seus

ministros, com problemas em suas vidas conjugais. Entre os diversos problemas encontramos aqueles, cujo problemas, são difíceis de serem superados como por exemplo:

Certa feita uma irmã confidenciou a um pastor dizendo estar demasiadamente triste, pois seu marido não tinha olhos para ela. Ela fazia todo o possível para manter-se elegante e porque não atraente diante de seus olhos, mas ele parecia não se interessar por ela. Esta irmã, disse que o pior é que ela tinha noção de que seu marido a amava, pois o mesmo era cuidadoso para com ela e filhos, mas não tinha interesse sexual por ela. Disse que por algum tempo ela até passou a desconfiar se o mesmo teria arrumado uma amante, mas após avaliar minuciosamente seu comportamento percebeu que este pensamento não procedia, pois alem de ser um homem de Deus, ele ainda por cima tinha todo o seu tempo voltado para a obra, serviço e família. Foi quando então ela começou a se deprimir e procurar formas de ficar mais bonita, e após um imenso investimento e dedicação alcançou seus objetivos, mas nada resolveu. Agora desesperada a mesma dizia: Não sei mais o que fazer, tem meses que não temos vida íntima.... estou totalmente desolada, acho que a saída que tenho é separar-me de meu marido. Diante de tal afirmativa, o conselheiro levou a irmã a avaliar as questões relativas ao dom de celibato, marcou uma reunião com o casal, onde após conversarem ficou claro que por total pressão social, aquele, na ocasião jovem, havia se casado. Emocionado ele dizia amar profundamente sua esposa, mas que realmente não tinha com importância o suprir sua esposa na área sexual, por achar que uma vez dedicando-se em todos os aspectos necessários, a mesma sentiria a mesma saciedade que ele. É claro que não podemos associar todos os casos em que houver desinteresse por parte de um cônjuge a esta questão, mas não podemos também ignorá-la, pois tem sido comum tal situação em nossos dias.

Casos iguais a estes existem aos montões, não são poucos os irmãos que também se queixam do inverso, ou seja, esposas que não atentam para as necessidades sexuais de seus maridos.

Julgo que grande parte desses danos tem como responsáveis uma sociedade cristã, ignorante cuja visão distorcida exclui de seu meio aqueles a quem Deus não confiou ao casamento. Apenas para efeito de conclusão do exemplo acima, talvez alguém fique a perguntar: Como resolver este assunto, quando um celibatário(a) casa-se e se vê diante de um problema como o acima descrito?

Para um caso como este, cabe somente o cumprimento das escrituras onde “... O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher.” I Co 7:3-4

Em outras palavras, cumpre a estes em fidelidade ao Senhor e Sua palavra, manterem-se casados não agora por si, mas pelo Senhor e pelo cônjuge, lembrando-se que as instruções acima devem ser vistas como mandamento. Destaco ainda que em hipótese alguma, o celibatário(a) pode baseado nesta questão, após contrair matrimônio optar pelo divórcio ou separação pois as Escrituras são claras: “Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra comete adultério e o que casar com a repudiada comete adultério.” Mt 19:9

Podemos ainda utilizar de alguns exemplos mais simples, onde atentos alguns irmão não desprezaram seus dons seja ele de celibatário ou de casamento, como nos é apresentado pelo irmão C Peter Wagner em seu livro “Descubra seus Dons Espirituais” onde ele diz: “*Homens e mulheres crentes que tenham recebido o dom do celibato desfrutam de tremendas vantagens.*

Paulo ressaltou as mesmas no sétimo capítulo de I Coríntios. Ali ele mencionou, por exemplo, que os crentes dotados do dom de celibato podem servir ao Senhor melhor que aqueles que não o receberam, visto que não precisam preocupar-se em agradar a sua mulher, ao seu marido ou à família. (Ver I Coríntios 7:32-34). Já descobri isso em minha própria experiência. E tornou-se uma experiência mais vívida ainda, desde que fiz amizade com John Stott, um dos mais respeitados mestres, autores e estadistas evangélicos. Somos ambos membros da comissão executiva da comissão de Lausanne para Evangelização Mundial, pelo que nos reunimos com freqüência em várias partes do mundo, desfrutando de comunhão um com o outro e compartilhando de muitas áreas de interesse mútuo.

John Stott tem o dom do celibato e, por causa disso ele se reveste de interesse especial para mim. Tenho notado as vantagens que ele tem sobre aqueles que não possuem essa habilidade, como eu mesmo. Antes de tudo, tenho por hábito telefonar com freqüência para casa, quando estou em viagem. Quando assim faço, usualmente converso com minhas duas filhas, que ainda moravam em casa, e, então, com minha esposa, Dóris. Se eu passar tempo demais viajando, ouvirei sobre isso da parte delas, de forma gentil, mas firme. Quando estou em casa, dou prioridade a passar algum tempo reservado com os meus familiares. Planejo um jantar em casa; ao sábados fico trabalhando em redor da casa e do gramado, junto com elas, passo dias fora em eventos esportivos e outros entretenimentos. Sem falar em longas ferais de verão em algum acampamento. E enquanto fico ocupado, fazendo assim, John Stott vai escrevendo outro livro ou planejando outra conferência ou preparando outra preleção, ou viajando a algum outro país. Não admira que eu não consiga nem chegar perto de sua produção. Ele já escreveu tantos livros que algumas livrarias evangélicas já estão exibindo uma vitrine especial de John Stott!

Invejo John Stott? Nem um pouco sequer. Se eu o invejasse, eu seria infiel àquilo que a Bíblia ensina acerca dos dons espirituais: Não seria capaz de agradecer a Deus o bastante pela contribuição que John Stott está fazendo para edificar os centes e para a tarefa de evangelização do mundo..."

Qual o propósito de Deus para estes?

Deus tem como propósito para aqueles a quem ele chamou para o celibato, que estes vivam sem preocupações com os cuidados desta vida, assim sirva inteiramente ao Senhor e Sua obra, objetivando o engrandecimento de Seu nome e o alcançar imediato de Seu propósito. Observe a passagem em I Co 7:32-34 onde ele diz: “O que realmente eu quero é que estejais livres de preocupações. Quem não é casado cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor; mas o que se casou cuida das coisas do mundo, de como agradar à esposa, e assim está dividido. Também a mulher, tanto a viúva como a virgem, cuida das coisas do Senhor, para ser santa, assim no corpo como no espírito; a que se casou, porém, se preocupa com as coisas do mundo, de como agradar ao marido.” . Uma pessoa chamada ao celibato está totalmente livre para ocupar-se exclusivamente na obra do Senhor.

• Casamento

Por um pouco pode até parecer que falar sobre casamento seja algo fácil, haja visto, o imenso apelo feito ao mesmo como já foi exposto acima. Ocorre que podemos ainda afirmar existir uma imensa parte de pessoas que por não saberem o que é o casamento vivam de forma incorreta o que ocasiona infelicidades e prejuízos incalculáveis.

Para melhor entendermos nosso objetivo, separaremos o assunto em tópicos.

Casamento é um dom ou um ato de continuidade?

A última coisa que a maioria de nós pensaria, é quanto ao fato do casamento ser um dom. Sim amados casamento é um dom, e digo isto baseado no mesmo texto que diz. **“Quero que todos os homens sejam tais como também eu sou; no entanto, cada um tem de**

Deus o seu próprio dom; um, na verdade, de um modo; outro, de outro.” I Co 7:7

Neste texto o apostolo Paulo está tratando de um assunto do qual os irmãos da igreja em Corinto tinham dúvidas, e este era acerca do casamento, celibato e viuvez. Desta forma o apóstolo diz que: “...cada um tem de Deus o seu próprio dom; um, na verdade, de um modo (Casamento) outro, de outro (celibato). Entendo ser esta uma grande diferença a ser observada por aqueles que conhecem ao Senhor e seus propósitos. Enquanto que no mundo o casamento é um mero ato de continuidade ou naturalidade, ou seja, todo indivíduo deve se casar, nós cristãos devemos entender como um dom para o qual o Senhor chamou alguns e para isto capacitou, objetivando um fim proveitoso. Sendo assim podemos dizer que ainda que a grande maioria foi chamada ao casamento, não significa que todos o foram, pelos motivos já citados no item acima quando falamos sobre o Celibato.

Como devem viver os casados?

Após compreendermos que casamento é um dom, devemos aprender a nos alegrar em Deus, através do mesmo. Desta forma ainda que existam, um universo de conselhos a serem dados aos casais, gostaria neste momento de resumidamente focar alguns poucos pontos.

Um casal deve viver num ambiente de amor e respeito, sabendo que antes de agradarem aos homens, estaremos agradando a Deus com nossos atos praticados no casamento.

“Não obstante, vós, cada um de per si também ame a própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite ao marido.” Efésios 5:33

Muitos casais criam em torno de si, um ambiente desfavorável ao amor de Deus em suas vidas, gerando assim um clima horrível que em muitos casos terminam em divórcio.

Podemos aqui dar dois exemplos de casamento, um que agrada a Deus e outro que desagrada. O que agrada a Deus, comparo, com uma partida de frescobol na praia. Sim, você já observou como funciona este jogo, ele possui dois participantes, um de cada lado, sendo que o propósito dos participantes é fazerem com que a bola fique o máximo de tempo possível em jogo, sendo assim cada participante deve facilitar ao máximo o lançamento da bola ao seu parceiro sempre tendo como objetivo fazer com que o outro acerte e assim continuem felizes participando junto daquilo que propuseram.

Assim vejo um casamento de pessoas que entendem ser este um dom de Deus, ambos procuram facilitar ao máximo a vida um do outro, amando, respeitando, cuidando, se dedicando etc., o ambiente de amizade está presente no dia a dia, o afeto é farto e o desejo de ambos é que sempre possam partilhar juntos da agradável experiência da vida a dois.

Outro exemplo, agora, de um casamento que desagrada a Deus. Comparo com a prática do Tênis, com certeza você já deve ter visto uma partida deste jogo. Como no frescobol, também tem dois participantes, um fica de um lado e outro do outro lado, no entanto as diferenças começam com uma rede que os separa. O objetivo ao contrário do frescobol, é fazer com que o outro participante erre a bola, e para isso a mesma é mandada com a máxima dificuldade possível. Quanto mais o outro erra, melhor é, pois assim você se alegra com a vitória que se aproxima.

Muitos casais vivem neste ambiente, dificultando em tudo que podem a vida um do outro. Vivem separados pela rede da arrogância, soberba e egoísmo. Posicionam-se na vida como adversários cuja finalidade é ter sucesso não com o outro, mas sim, sobre o outro. A maneira de pedir, falar, referenciar, agir, tratar etc., são como bolas lançadas para fazer o

outro errar. São acusações, reclamações e desrespeito que levam o outro a irritação e ira, terminando em briga onde alguém acha que ganha, mas na verdade os dois perdem.

A palavra de Deus nos orienta quanto ao casamento, e o Senhor nos diz: “**Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e, tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações.**” 1 Pedro 3:7

Aos maridos devo dizer que necessitam exercer cuidado sobre suas esposas, reconhecendo nelas, alguém mais frágil. Mesmo nestes dias intitulados como sendo modernos, onde as mulheres, tem sido doutrinadas a fazerem tudo, (estudar, trabalhar, cuidar de filhos, da casa etc.), vemos na realidade que estes atos não conferem com a verdade inclusa dentro das mesmas onde Aquele que a criou assim a define “parte mais frágil”. Desta forma os homens são chamados a contribuir com as mesmas “vivendo a vida comum do lar”, ou seja, ajuda-las em tantas tarefas quantas sejam necessárias para o bom andamento da saúde e vida de ambos, bem como da família como um todo. Os homens ainda devem observar a maneira como tratam suas esposas, “tratai-a com dignidade”, uma vez que as mesmas carecem de um tratamento afetuoso e digno. Homens, existe no mínimo uma matemática simples, que todos podem entender, qual seja, aquilo que você faz com sua esposa, retorna como herança sobre sua vida “porque sois juntamente herdeiros da mesma graça de vida”. Os seus maus tratos, o descuido para com a mesma, bem como a indiferença com a qual muitos tratam suas esposas, acabam por lhes retornar na forma de descontentamento, acabam por agirem sem motivação, no exercício necessário às mesmas.

“Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vosso próprio marido, para que, se ele ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento de sua esposa...” 1 Pedro 3:1

Passo agora a falar com as mulheres: Irmãs, ainda que possa parecer difícil à maioria de vocês, nunca se deve negligenciar nenhuma das instruções de nosso Senhor. No texto acima Ele as instrui a “sede... submissas a vosso próprio marido”. Sempre que falo sobre este assunto vejo as irmãs olharem para o lado, darem risadas ou mesmo brincarem com suas amigas como quem diz que “ele”, não conhece meu marido. Eu realmente não conheço o marido de vocês, no entanto conheço alguém que sabe tudo sobre eles, e este é nosso Senhor Jesus. Quando Deus diz que você deve ser submissa ao seu marido, Ele está primeiramente tratando com o caráter das mulheres, que quase nunca estão dispostas a se colocarem ao lado de seus maridos em uma missão comum. A maior parte das mulheres, gostam do governo, de dar ordens, e terem as melhores idéias. Desta forma acabam por anularem seus maridos em, se não tudo, quase tudo que fazem. Quando as Escrituras as ensina a ser submissas Ela está dizendo que vocês devem estar debaixo da mesma missão que o marido de vocês. Essa missão não parte exclusivamente da cabeça do mesmo, mas de Deus, que lhe instruirá com sabedoria para cuidar e zelar por sua casa. O Homem ainda que ignore o fato de haver recebido de Deus autoridade, ele com certeza será cobrado por isso, sendo assim, as mulheres precisam aprenderem a descansar em Deus e cumprirem seus papéis de esposas tementes a Deus que contribuam para que seus maridos aprendam a obedecerem a Palavra de Deus. “... se ele ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento de sua esposa...” Uma esposa que consegue levar seu marido ao aprendizado de Deus, não é aquela que fala excessivamente em seus ouvidos, mas aquela que em silêncio, crê que o Senhor Deus tem domínio sobre tas as vidas, inclusive a de seu marido.

“Não seja o adorno da esposa o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível trajo de um espírito manso e tranqüilo, que é de grande valor diante de Deus.” 1 Pedro 3:3

Irmãs, é do conhecimento de todas vocês, que existe em comum entre as mulheres a preocupação quanto ao exterior. Anular esta dedicação muitas vezes excessiva por parte de algumas talvez não seja o objetivo neste momento, mas sim o destacar a grande importância que existe quando se vestem interiormente de incorruptibilidade, mansidão e tranqüilidade, para conduzirem os filhos e a casa em ordem, de maneira que consigam formar filhos honestos e equilibrados, bem como manterem a casa com valores elevados e assim contribuírem para que os maridos possam notar a importância de também cumprirem seus papéis no contexto familiar. Não são poucas as mulheres, que por pura desorganização (a começar interiormente), acabam por conduzirem seus maridos ao caos. Sim quando uma esposa não é sábia em seu lar, ela muitas vezes, arrasta toda sua casa consigo, a começar com o marido. São gastadeiras, vivem amontoando entulhos dentro de suas casas, e armários, vivem necessitando de comprar coisas, nunca estão prontas para pensarem no que realmente é importante, ou seja em conversão e mudança de alma diante de Deus. Vocês irmãs, precisam saber a importância que recai sobre seus ombros, qual seja, a de ter um coração manso e tranqüilo, que há de fazer com que você não apenas seja mais feliz em seu casamento, bem como fará de seu cônjuge e filhos, também felizes no contexto familiar.

ALGUNS MOTIVOS DE ATRITOS MATRIMONIAIS

Podemos dizer, que os atritos em um casamento vem não apenas das diferenças existentes entre os cônjuges, mas também das semelhanças de muitos. Daremos posteriormente uma explicação mais detalhada quanto a esta afirmativa, sendo que neste momento basta-nos saber que não será o trabalhar as diferenças ou semelhanças que fará de vocês casais felizes, mas sim o trabalhar Cristo em cada um.

Encontramos em nossos dias, um quadro bastante infeliz, quando não é o marido que despedeça a paz de sua família, é a esposa que tem posto tudo a perder.



Vejamos exemplos bíblicos de erros cometidos por maridos, e que representam, muitos maridos em nossos dias:

ACÃ – Um homem que buscava um futuro “melhor”:
Josué 6:1,2,18,19,24; 7:1,10-12,16-21,24-26



Será que Acã não havia escutado as instruções que Deus dera a Josué? Garanto que não foi este o problema. Acã, na verdade se deixou encantar pela linda capa babilônica e pelas valiosas barras de prata e ouro. Talvez tenha pensado: Quando terminar esta peregrinação, precisarei de dinheiro e então construirei bela casa, montarei um ótimo negócio e serei rico. Na verdade é difícil saber o que passou pela cabeça deste homem, mas uma coisa é certa, ele não atentou para a ordem de Deus.

Hoje muitos homens tem trabalhado em busca de um futuro para os seus, ocorre que eles não vêem que a forma desta busca pode ser totalmente imprópria se existir a desaprovação da parte de Deus. Não é o ajuntar ou o ter muito que dará a você e sua família um futuro. Somente o Senhor Jesus tem um futuro para nós. Acã buscava um vida melhor para seu futuro, mas o que ele conseguiu foi morte prematura dele e dos seus.

Ló – O homem que anda por vista, que vive enganado e nada faz:

Gn. 13:10,11; 19:1,14-20

Vemos aqui um típico caso de homem que encaminha toda sua vida apenas por aquilo que seus olhos conseguem ver; assim foi Ló, ao escolher para onde levaria sua família. Como se não bastasse, ao ser apertado pelos anjos para que se retirasse de Sodoma, ele, demora para se decidir, a ponto de ter que ser juntamente com sua família levados pela mão. Temos homens em nosso meio, que conduzem suas famílias por sonhos: Sonho do emprego melhor, da empresa promissora, da casa ideal, do carro do ano etc., findando nas enormes dívidas as quais são pagas a custas de falta de alimento, vestuário e saúde de sua família. Muitas vezes Deus os tem chamado para saírem de tal posição, mas eles demoram demais. Será que Deus os tirará pelas mãos?

Ananias (Javé é amoroso) – Um homem de aparência.

At.5:1-5

Pelo que parece Ananias era do tipo que achava tudo em sua volta muito bonito. Achava bonito ver os irmãos louvando, orando, em comunhão, achava bonito o despojo dos irmãos para com o Senhor e principalmente a liberalidade e desprendimento no tocante ao material. Só que existia uma dura realidade, Ananias, não era assim. Ao invés de se humilhar diante do Senhor e pedir-lhe mercê, preferiu manter a famosa APARÊNCIA, que lhe custou nada menos que a vida. Assim vendeu sua propriedade e guardou a parte do preço, pecando contra o Senhor.

Muitos irmãos, até que gostam da comunhão e gostam de participarem do louvor, ouvirem pregações da palavra etc., mas na essência, seu ser, não é convertido e cometem muitos erros diante do Senhor. Vemos irmãos mantendo fachadas ao amparar-se sobre suas expressões, seja a de dizimarem, seja a de participarem de alguma função junto à comunidade ou outra coisa qualquer. O que eles não vêem é que a Deus não os aprova e desta forma tem caminhado e ao mesmo tempo conduzido suas casas à verdadeira ruína.

A MULHER DE LÓ - Uma mulher que não conseguia se desgarrar do mundo. Gn 19:26
Não lhe faltou conselho da parte dos anjos conforme vemos nos vs.13,17, no entanto, como alguém que deixa algo importante para trás assim foi com esta mulher. Fica uma pergunta no ar: O que fez com que ela olhasse para trás? Seria a curiosidade, seria o vínculo com aquela vida (cabendo lembrar que a oração de Abraão era "... se existir um só justo..."), será que ela já estava com saudades de toda aquela miséria?

Muitas irmãs apesar de se casarem, não conseguem deixar de olhar para Sodoma. Olham o tempo todo, seja via novelas, ou qualquer outro programa imundo. Até mesmo por meio das músicas, companhias e palavriados. Por que estas irmãs praticam isto? Talvez não seja

possível dar uma só resposta para todas. Talvez uma olhe para o mundo por curiosidade e nisto tem se confundido. Outra pode olhar devido ao(s) vínculo(s) que ainda mantém com o mundo de pecado ou as pessoas que dele participam. Outras vivem morrendo de saudades da velha vida, e assim não conseguem viver verdadeiramente para o Senhor.

A primeira mulher de Sansão – A mulher que casou-se por interesses.

Jz 14:15-17



A primeira mulher de Sansão, fez uma parceria com os filisteus, seus patrícios, onde seu sucesso dependeria unicamente do fracasso de seu marido. Não lhe importava quanta dor geraria, somente algo era importante, o benefício próprio. Assim vemos mulheres em nossos dias que somente se sentem felizes se conseguirem acabar com seus maridos, tirando-lhes a “força” ou seja os encargos que lhe cabe como chefe de família. São irmãs que anulam totalmente seus maridos não lhes permitindo exercer o papel que lhes cabe.

Mical – A dona da verdade – a repressora de seu marido.

II Sm 6:16,20-23



Mical, por não compreender a expressão de Davi, esta por sua vez totalmente divina, talvez tenha julgado, suas expressões um tanto quanto impróprias para um Rei. Usando daquilo que poderíamos chamar de “bom senso” ela o repreendeu duramente, não aceitando as explicações do mesmo o que culminou em sua infelicidade.

Esposa de Jó - A mulher que não quer partilhar do sofrimento de seu marido.



Vemos aqui um típico caso da esposa que não suporta viver tribulações ao lado de seu marido. Quando esta mulher cujo nome não é digno de ser revelado, tamanha insignificância de seus atos, vê seu marido totalmente derrotado pelas circunstâncias da vida, mas ainda crendo no Senhor, ela não apenas o abandona como o aconselha o suicídio. Muitas mulheres hoje se sentem demasiadamente cansadas quando vêem que seus maridos não alcançaram aquilo que um dia sonharam. Assim criam um ambiente de guerra em suas casas.

EXEMPOS CORRETOS:

Abraão e Sarai – Um casamento saudável, com papéis bem definidos.

Gn 18:1-9



Encontramos aqui o que poucos casais conseguem: Um relacionamento ajustado com cada parte cumprindo seu devido papel. Observe que Abraão estava "...assentado à entrada da tenda, no maior calor do dia." , enquanto que Sara estava "... aí na tenda."

Se meditarmos no trecho acima, veremos que Abraão não escolhia o horário mais conveniente para estar à entrada da tenda, pois estava no maior calor do Dia. Um servo de Deus que comprehende esta verdade, vive em função de seu lar, seja qual for o momento, qual for a dificuldade, está sempre do lado de fora, guardando sua casa. Sara por sua vez, não queria tomar o lugar de Abraão, ela estava bem, no interior da tenda, lá era o lugar dela. No interior da tenda havia muito o que se fazer. Em primeiro lugar, ela aceitava o cuidado de seu marido, em segundo ela era responsável pelo vestir de toda a família. A palavra vestes na bíblia significa entre outras coisas "justiça", coser roupas pode significar formar caráter em conformidade com a justiça de Deus.

Elcana e Ana – Um casal que se importa.

Ism 1:5-8,11



“... não te sou eu melhor do que dez filhos?”

Elcana, é um dos poucos homens na face da terra que podem fazer uma declaração como esta sem receber de volta uma lista de reclamações de sua esposa. Elcana se importava com Ana, afinal de contas ele estava sempre perguntando ou mesmo demonstrando cuidados para com ela. Ela por sua vez não reclamava dele, ela apenas queria muito alguma coisa. Ana era uma mulher que sabia a importância do dom de ser mãe. Algo esquecido por muitas mulheres em nossos dias. Como se não bastasse ela disse que ao tê-lo o entregaria ao Senhor. Será que você mãe e esposa da o mesmo valor a Deus que Ana? E quanto aos filhos, será que você os quer tanto quanto ela?

Pois bem, após exemplificarmos tipos errados e certos de maridos e esposas, vamos voltar agora para nós mesmos, vamos nos colocar no laboratório e trabalhar.

Comece respondendo uma pergunta: Você é feliz em seu casamento? E seu cônjuge, é feliz com você?

Uma grande parte dos problemas de relacionamento tem sua origem naquilo que chamaremos de “o início”

O INÍCIO



Gênesis 1:1 No princípio, criou Deus os céus e a terra.

João 1:1 No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

Irmãos, é impossível falarmos de casamento, sem tocarmos neste importante ponto: O

Início.

Talvez você esteja vivendo neste momento, um tempo que chamaremos período intermediário no relacionamento. Isto por não ser o início, e por sabermos que somente findará com a morte. **“Porventura, ignorais, irmãos (pois falo aos que conhecem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem toda a sua vida? Ora, a mulher casada está ligada pela lei ao marido, enquanto ele vive; mas, se o mesmo morrer, desobrigada ficará da lei conjugal. De sorte que será considerada adúltera se, vivendo ainda o marido, unir-se com outro homem; porém, se morrer o marido, estará livre da lei e não será adúltera se contrair novas núpcias.” Romanos 7:1-3**

Temos hoje um grande numero de irmãos(ãs) que não tem vivido um bom relacionamento conjugal, e muitas vezes pensam que isto se deve as mudanças ocorridas com seu conjugue. Talvez você pense: Quando nos casamos, minha esposa era assim.... agora, veja só, ela está totalmente mudada.

Muitas vezes, não é isto que aconteceu, ela ou ele não mudaram, simplesmente você não o(a) conheceu como deveria.

A Bíblia nos diz no Evangelho de Lucas 14:28-30 **Pois qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir? Para não suceder que, tendo lançado os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem zombem dele, dizendo: Este homem começou a construir e não pôde acabar.**

Assim sendo, será necessário olharmos um pouco para trás. Sim, olhe para trás e tente lembrar de uma coisa. Como era seu marido ou esposa, antes de vocês se casarem. Será que ele ou ela realmente mudaram ou você na época não conseguia ver bem como era esta pessoa. Será que você casou movido pela paixão, aparência ou desejo de casar-se? Todas estas coisas são muito importantes de saber. Talvez você pense: como isto poderá ajudar-me em meu relacionamento? Na verdade isto não tem por finalidade ajuda-lo em seu relacionamento e sim contribuir para que você possa diante do Senhor reconhecer que se existe algo errado em seu casamento foi você que plantou e se existe algo certo em seu casamento, foi Deus quem planejou.

O Casamento é muito mais que um desejo natural, pra nós que conhecemos a Cristo, é um dom, através do qual apresentaremos continuamente a Deus e à igreja do Senhor, para assim servirmos segundo Sua vontade. Sendo assim, cabe a nós, deixarmos um pouco de lado nossos exclusivos interesses e começarmos a ver como podemos ser e fazer alguém feliz ao reconhecermos que “buscar em primeiro lugar o Reino de Deus e Sua justiça”, é sem dúvida a melhor formula para qualquer casamento.

Passaremos agora a abordar dois assuntos que não dizem respeito a DONS, objetivo deste material, no entanto não poderíamos deixar de menciona-los tendo em vista a ligação direta que os mesmos tem com o assunto CASAMENTO, são eles DIVÓRCIO E VIUVÊS.

• **Divórcio e novo casamento**

Não poderíamos deixar para trás este assunto, falar sobre divórcio e novo casamento sempre foi algo delicado, pois não são poucas as controvérsias existentes sobre o tema. Sabemos que é um tema de muito interesse, mas pouca aplicação, pois o que existe de fato é: “cegos guiando cegos” ou eu deveria dizer “interesses guiando interesses”?

Escrever sobre este assunto me obriga a não olhar para os lados, pois certamente me depararei com alguém que por não dar crédito ao que diz a Palavra de Deus tomou decisão contrária e vive o amargor do engano, sendo assim, olho somente para o alto, onde está assentado Nosso Senhor Jesus para assim então buscar de Deus algo a apresentar. Nossa intenção é transmitir uma visão Bíblica, e neste propósito passamos a explanar:

Vejamos as sete passagens do Novo Testamento que lidam com o assunto e que categoricamente afirmam algo que poucos querem crer, qual seja: a INDISSOLUBILIDADE do casamento. Desculpem-me se estou indo direto ao assunto, mas isto se faz necessário, não é uma questão de discutir o divórcio em si, mas sim de apresentar aos irmãos o fato de que, enquanto se discutem os motivos para o divórcio afirmo antecipadamente a indissolubilidade do casamento, ou seja, este não pode ser dissolvido por motivo algum. Passemos a considerar alguns textos para amparar tal afirmativa:

1. Mat. 5:32

"Porém, eu vos digo, que todo aquele que repudiar sua esposa, a não ser por causa de fornicação, causa que ela cometa adultério, e todo aquele que se casar com ela que é divorciada comete adultério."

Explicação:

1.1 Notemos aqui que o Senhor Jesus Cristo está afirmando a indissolubilidade total do casamento enquanto o marido e a esposa estão vivos. Note que somente no evangelho de Mateus (5:32 e 19:9) estão inseridas a ressalva "a não ser por causa de **fornicação**" (note que essa é a correta palavra usada inclusive por João Ferreira de Almeida em 1693 pois vem do grego "pornéia"), porque isso se aplica a situação peculiar dos Judeus. Essa foi à exata situação que José pensou erradamente de Maria.

"Enquanto ponderava nestas coisas, eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo." MT 1:20

Note que no texto acima o anjo chamou Maria de "tua mulher" (ou esposa) embora o casamento não tivesse sido celebrado e consumado, ou seja, eles ainda não tinham se tornado uma só carne, mas eram marido e mulher. Nesse caso, Jesus está dizendo que o casamento poderia ser cancelado, caso houvesse **fornicação**.

1.2 Note que a palavra não é o verbo comete adultério (moichao), que ocorre duas vezes no verso, mas propositalmente não é usada pelo Senhor Jesus para a exceção. Por quê? Teria O Mestre se esquecido? Teria Ele perdido essa oportunidade de ser claro, usando o triste fato do adultério para a desculpa do divórcio? Não. A palavra adultério não foi usada porque a exceção não se aplica aos que se tornaram uma só carne, mas aos que estavam em contrato de casamento (em Hebraico: 'aras ou kiddushin, em inglês: betrothal

Êxodo 22:16 "Se alguém seduzir qualquer virgem que não estava desposada e se deitar com ela, pagará seu dote e a tomará por mulher."

Levítico 19:20 "Se alguém se deitar com uma mulher, se for escrava desposada com outro homem e não for resgatada, nem se lhe houver dado liberdade, então, serão açoitados; não

serão mortos, pois não foi libertada."

Deuteronômio 22:23-24 "Se houver moça virgem, desposada, e um homem a achar na cidade e se deitar com ela, então, trareis ambos à porta daquela cidade e os apedrejareis até que morram; a moça, porque não gritou na cidade, e o homem, porque humilhou a mulher do seu próximo; assim, eliminarás o mal do meio de ti."

Deuteronômio 28:30 "Desposar-te-ás com uma mulher, porém outro homem dormirá com ela; edificarás casa, porém não morarás nela; plantarás vinha, porém não a desfrutarás."

Observem o grau de seriedade do desposo na cultura Judéia da época, e note que no mesmo evangelho (Mt. 1:18), Maria era **desposada** (Grego: mnesteuo) com José e não **casada** (gameo). É para esse caso especial, e apenas nesse caso dos Judeus, que Jesus está se referindo, porque o casamento não tinha se consumado. Nesse caso, o pecado é **fornicação** que quebraria o pacto do "esposamento" e não de casamento. É muito simples!

1.3 Note que Jesus começa sua argumentação com a conjunção adversativa **PORÉM**. Isso nos diz que há um contraste entre o que os Judeus queriam ouvir e o que Jesus estava ensinando. Se Jesus estivesse defendendo o divórcio após o casamento, não haveria nenhuma necessidade da conjunção adversativa **PORÉM**.

1.4 Note que a mulher (parte chamada inocente) está divorciada, mas Jesus não reconhece nenhum divórcio, qualificando essa outra união de adultério.

2. Mateus capítulo 19:9-10

"Eu vos digo, porém, que qualquer que repudiar sua mulher, exceto sendo em caso de fornicação, e casar com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério. Disseram-lhe seus discípulos: Se assim é a condição do homem relativamente à mulher, não convém casar."

Notemos que esse homem casa com outra mulher (qualquer que seja a situação dela). É outro casamento, mas não vale nada diante de Deus. Essa nova união é considerada adultério porque obviamente o verdadeiro casamento continua em vigor. A reação desesperada dos discípulos e a réplica do Senhor Jesus Cristo, são uma das mais fortes evidências que o Senhor foi muito bem entendido quando negou totalmente a possibilidade de divórcio e novo casamento. Vejamos:

Os discípulos ficaram desesperados e se surpreenderam com esse altíssimo padrão de casamento. Em suas mentes, o divórcio e novo casamento, seria sempre uma opção. A única dúvida que eles tinham era se podia ser por qualquer motivo ou apenas em caso de adultério. Quando Jesus fechou essas duas portas, eles ficaram pasmos. Para expressar a frustração, eles partiram para a apelação: de acordo com eles, seria melhor nem casar. Talvez eles estivessem dizendo que Jesus era muito radical, inviabilizando o casamento com essa "descabida" e altíssima exigência. O Senhor Jesus, então, ao invés de compactar com o desejo dos questionadores e assim abrir mão da verdade como fazem esses "pastores" irresponsáveis que aconselham pessoas a se divorciar e casam divorciados, não cedeu um milímetro e afirmou que nem todos, tem a competência espiritual para entender o assunto, mas apenas aqueles a quem foi concedido, ou seja, o problema não está no casamento e suas divinas implicações, mas no pecado de rebelião do homem que sempre corrompe o plano de Deus. Note que os discípulos distorceram o que Deus disse.

Em Gn. 2:18, Deus disse "Não é bom que o homem esteja só...". Aqui os discípulos dizem que não convém casar. Creio que eles estavam usados pelo Diabo, exatamente como Pedro em Mat. 16:23, para distorcer a Palavra de Deus e desmoralizar o ensino de Jesus. O Senhor, como Autor do casamento, rejeita categoricamente a arrogância humana e reafirma a santidade da instituição divina. Note aqui outra coisa reveladora. Essa mulher, abandonada pelo marido que se envolveu em outro casamento (adúltero), é teoricamente a "parte inocente" como muitos querem. Todavia, O Senhor Jesus nos diz que ela não tem o direito de casar novamente. Se ela assim o fizer será adúltera também, porque esse outro homem que se casa com ela comete adultério. Ninguém comete adultério sozinho: "...e o que casar com a repudiada, também comete adultério."

3. Marcos 10:11-12

"E ele lhes disse: Todo aquele que repudiar a sua mulher e se casa com outra, adultera contra ela. E, se uma mulher repudiar o marido dela, e se casa com outro, ela comete adultério."

Notemos aqui a total ausência da exceção. Por quê? Porque o evangelho de Lucas foi escrito a Teófilo (Lucas 1:3), um Grego. A proibição absoluta do divórcio e novo casamento, é cristalina. Note que o verbo "casa" está no aoristo (sem limites). Ocorre uma ação no tempo (casa) que provoca, ou causa uma outra ação "comete adultério", que está no presente do indicativo. Uma ação no tempo (casamento com outra pessoa) provoca uma situação contínua no presente (comete adultério). Enquanto essa união permanecer, a condição de adultério permanece. No Grego, o presente do indicativo significa uma **ação continuada ou o estado de uma ação incompleta** (Greek New Testament, William Davis, p. 25). O presente do indicativo, portanto, é uma ação ocorrendo no presente, podendo ser tanto contínua (por exemplo: "eu estou estudando") ou indefinida ("eu estudo").

A proibição do divórcio e novo casamento é mais do que óbvia em todos esses sete versos examinados. Continuemos a ver os quatro versos restantes abaixo:

4. Lucas 16:18

"Todo aquele que repudia sua esposa, e casa com outra, comete adultério; e todo aquele que casa com ela que é repudiada pelo marido, comete adultério."

Novamente o verbo "comete adultério" está na voz ativa e no presente do indicativo.

5. Romanos 7:2-3

"Porque a mulher que tem marido, está ligada pela lei ao marido dela enquanto ele estiver vivendo; mas se o marido morrer, ela está livre da lei do marido dela. De sorte que, enquanto estiver vivendo o marido dela, se ela se casar com outro homem, ela será chamada de adúltera; mas, se morto o marido dela, ela livre está daquela lei; de modo que ela não é adúltera, ainda que ela se case com outro homem."

Notemos aqui alguns pontos interessantes:

5.1. Essa mulher casa novamente com outro homem, estando o seu marido ainda vivo;

5.2. Essa mulher que casa novamente (não interessa o motivo nem a "legitimidade" atribuída pelos homens) com outro homem, não se livrou do fato que o seu legítimo marido (o primeiro) ainda é chamado de **m a r i d o**. Não existe isso de **ex-marido** na Bíblia. Isso foi inventado por pecadores para racionalizar o pecado de adultério. Somente esse argumento de que o legítimo marido ainda é chamado de **m a r i d o**, apesar da mulher estar divorciada e casada com outro, derruba por terra **toda** a tentativa inútil de dizer que a nova união é reconhecida por Deus. A nova união **não é reconhecida por Deus**, sendo a essa mulher aplicado o título de adúltera! **Ela tem dois maridos!** Veja o verso! Se o divórcio é válido e anula o casamento, então esse versículo estaria **totalmente errado** na sua afirmação, pois ele contradiz claramente a tese do divórcio e novo casamento, gerando um total descrédito na Palavra de Deus e lançando a inerência na **lata do lixo!**

5.3. Ela será **chamada** (Grego chrematizo = considere-se avisada por Deus) de adúltera. Isso significa que ela está num **estado de adultério**, não apenas num ato de adultério isolado como querem alguns. Ela será **chamada** de adúltera! Esse é o **título** dela. Note que a situação de adúltera é válida enquanto o marido verdadeiro estiver vivo. Isso é uma tragédia muito triste, mas é o retrato que a Palavra de Deus apresenta acerca desse pecado!

5.4. Note que a condição é "enquanto ele estiver vivendo" e não "enquanto ele for fiel" ou "até quando eles se divorciarem" como querem os defensores do divórcio por causa de infidelidade.

- Infidelidade não quebra a união do casamento.
- Abandono não quebra a união do casamento.
- Divórcio não quebra a união do casamento.

Infidelidade abandono e divórcio trazem maldição e profanação para o casamento, mas não quebra a união do casamento. A única condição para o novo casamento é somente "**se o marido morrer**" e ponto final. É óbvio e cristalino...

6. 1Corintios 7:11

"Se, porém, se apartar, que fique sem casar, ou que se reconcilie com o marido; e que o marido não deixe a mulher."

Caso haja separação entre marido e mulher, e essa é uma possibilidade, há somente duas opções:

6.1 Fique sem casar; ou

6.2 Se reconcilie.

PONTO FINAL. Nada de divórcio ou novo casamento. Note que para ela e o marido (note que há o artigo definido "o" também presente no texto Grego: "o marido" denota ser aquele o verdadeiro e único) se reconciliarem, é óbvio que ao marido também é terminantemente proibido recasar. Pessoas irresponsáveis, quando se divorciam, mal esperam secar a tinta do papel do divórcio humano, que nada vale para Deus, e já se aventuram em outro relacionamento (adúltero) fechando definitivamente, muitas vezes, a porta para a reconciliação. Isso impede a única solução Bíblica de restauração em caso de arrependimento. Notemos que no verso 15, a expressão "nos chamou para a paz" não tem nada a ver com recasamento, que obviamente seria uma contradição com o verso 11, mas

fala do crente estar livre de qualquer culpa sobre as obrigações conjugais, caso o descrente o abandone.

7. 1Coríntios 7:39

"A mulher casada está ligada pela lei todo o tempo que o seu marido vive; mas, se falecer o seu marido fica livre para casar com quem quiser, contanto que seja no Senhor."

Note aqui que o advérbio de tempo "enquanto" ou a expressão sinônima usada "**todo o tempo (Grego: chronos)**" que o seu marido vive". Aqui vemos que o assunto da ligação da mulher com o seu marido, está submetida e transportada, para uma única dimensão que é a do **tempo**, ou seja, não há nenhuma outra escapatória, nenhuma outra circunstância que anule esse casamento, durante o **tempo** em que o seu marido esteja vivo. Novamente, absolutamente **nada** sobre divórcio e recasamento, exatamente como em Mc. 10:10-11, Lc. 16:18, Rm. 7:3 e 1 Cor. 7:11! O divórcio com novo casamento, aliás, está diretamente chamando de **MENTIRA** o que esse verso diz, pois diz que, a mulher fica livre para casar com quem quiser durante "o tempo" que **o** marido vive (note novamente que há o artigo definido "**o**" no texto Grego, indicando que aquele é **o** único verdadeiro marido). A Bíblia declara que o casamento é indissolúvel até a morte de um dos cônjuges.

Conclusão:

O divórcio e o recasamento de qualquer mulher com outro homem enquanto seu marido esteja vivo, ou o recasamento de qualquer homem com outra mulher enquanto sua esposa esteja viva, é ao mesmo tempo, uma blasfêmia contra Deus e uma situação de adultério continuado cometido por ambas as pessoas da nova união:

1. Porque quem recasa está declarando para todo o mundo que **MENTIU** ao fazer os votos dizendo "até que a morte nos separe".
2. Porque quem se divorcia e recasa está totalmente desmoralizado para com a próxima geração, destruindo a esperança de exemplo de santidade para com aqueles que nos seguem, em meio a uma sociedade corrompida e perversa.
3. Porque quem recasa destruiu, irremediavelmente, a figura indissolúvel do relacionamento entre Cristo e a igreja, comparados com o marido e com a esposa respectivamente (Ef. 5:24-25).
4. Porque a outra parte, mesmo que seja solteira (total insanidade e desperdício da própria vida de quem assim o faz), também comete adultério. Nesse caso, essa pessoa solteira que se casa com um divorciado, fica sujeita a uma situação de estrago terrível. Se continuar no relacionamento, está em adultério se partir para outro relacionamento, é adultério também, pois estaria no segundo casamento. A pessoa solteira que casa com um divorciado (a) se submete à dívida do casamento, mas não está sob as bênçãos dele. A única solução é ficar solteiro(a) até que morra o cônjuge (a Bíblia chama-o de marido Jo. 4:18).
5. Porque ao pastor está terminantemente proibido ser divorciado (1Tim. 3:1-2). Ele é um exemplo para ser seguido por todos os membros da igreja (1Tim. 4:12, Tit. 2:7).
6. Porque quem recasa está desonrando a figura Bíblica da relação entre a lei e a morte

(Romanos capítulo 7). A lei exige a morte. A única coisa que quebra a maldição da lei sobre o pecador é a morte. O crente morreu com Cristo (Rom. 7:4), por isso é que estamos livres da lei. Da mesma maneira, a lei do casamento exige a morte para ser cancelada. O divorciado que recasa, está blasfemando contra a Palavra de Deus, dizendo que o divórcio, não a morte, anula a lei. Isso destrói totalmente a figura que Deus estabeleceu na Sua Palavra para que entendamos o significado da morte de Cristo. Isso é um assunto **muito** sério! Isso de insistir no atalho do divórcio é apenas uma maneira sutil de chamar Deus de mentiroso. Não existe atalho algum para anular a relação entre a lei e o pecador. **Só a morte quebra essa relação!** Só a morte quebra a relação entre o marido e a mulher!

20 Argumentos errados usados para tentar justificar divórcio e novo casamento

1. A parte inocente tem direito de se divorciar e recasar.

Resposta: Errado! Primeiro: Não há parte "inocente" num divórcio. Há pecados de comissão e omissão. Há recusa em prover: o amor conjugal, o carinho, o cuidado, o afeto genuíno e muitas outras omissões que os olhos não vêm. Mesmo que não haja algo como citado, quando um casamento fracassa os dois falharam. Eles casaram por comum acordo. Segundo: ninguém tem "direito". Casamento é um privilégio, não um direito. Certas pessoas não recebem esse dom por vários motivos. Muitas casam tarde e outras pessoas ficam viúvas sem nunca mais casarem novamente, embora essa seja a única permissão na Bíblia para recasamento.

2. Certos casamentos não foram "feitos no céu". Nesses casos o divórcio é válido.

Resposta: Errado! Nenhum casamento é feito no céu. Todos são feitos na Terra. Deus selou essa união, quer seja dentro da Sua perfeita vontade ou não, quer seja feito entre crentes ou descrentes ou mistos (isso é pecado ver 2Co. 6:14). Todos aqueles que argumentam isso, nunca foram ao céu para ver se certo casamento foi feito no céu. Na verdade essa é uma desculpa que todos os que querem recasar irão usar como tolo escape, já que ninguém poderá contestar a validade desse argumento.

3. Todo casamento pode ser cancelado em caso de adultério.

Resposta: Errado! Não há uma só linha no Novo Testamento que provê essa afirmação. A Bíblia deve ser interpretada sob o ensino dispensacionalista. O Velho Testamento está em outra dispensação

4. Certos casamentos tem que ser desfeitos por causa de abandono.

Resposta: Errado! Se houver abandono, "fique sem casar" (1Co. 7:11). Isso é porque o casamento não é desfeito. Em 1 Co. 6:1-6, há uma terminante proibição em ir aos tribunais, e por consequência, de se divorciar. Isso é um pecado. É melhor sofrer o dano do que desonrar a Jesus Cristo, é o que Paulo diz. Em caso de abandono: fique sem casar, ou se reconcilie.

5. Em Mateus 5:32 temos a permissão para divórcio.

Resposta: Errado! A exceção **não refere-se a adultério** como O Senhor Jesus poderia mencionar claramente, se assim o desejasse. Note que a palavra usada por Jesus é outra. É fornicação. Isso se refere ao pecado de infidelidade durante o contrato de casamento, mas antes do casamento se consumar. Em 5 das 7 passagens do Novo Testamento que tratam do assunto, não há exceção alguma. Em Mc. 10:6-11 não há exceção alguma. "Todo aquele" significa qualquer um, sem exceção alguma. Em Lucas 16:18, não temos "se", "mas", ou "e". Se qualquer homem casa com uma divorciada, comete adultério. Em Rm. 7:2-3, temos o ensino claro e abrangente sem exceção alguma. Somente a morte quebra a ligação. Em 1Cor. 7:10-11, não temos nada de divórcio. Caso aconteça uma separação, restam apenas 2 opções: permaneça solteiro pelo resto da vida (ou até que a outra pessoa morra) ou que se reconcilie. Em 1Co. 7:39, só a morte quebra a ligação conjugal.

6. As escolas de Shammai (dovórcio só em caso de adultério) e Hillel (por qualquer motivo) devem ser consideradas.

Resposta: Errado! Isso não interessa:

- 1- Porque é tradição humana;
- 2- Porque O Senhor Jesus rejeitou ambas.

7. "Depois que uma mulher casa com um segundo homem não poderá voltar ao primeiro nunca, (Dt. 24.1-4)."

Resposta: Errado! Isso se refere à outra dispensação, a da lei. No Novo Testamento, essa reconciliação é ensinada em 1Co. 7:11. Isso, aliás, é a única maneira lícita dessa mulher poder viver maritalmente enquanto seu legítimo marido esteja vivo: é viver com ele. Lebremo-nos novamente para fixarmos: "enquanto estiver vivendo o **marido** dela, se ela estiver casada com outro homem, será chamada adúltera..." (Rom. 7:3)

8. "O expediente de exigir de uma mulher recém-convertida, que já passou por duas (ou mais) uniões, que volte ao primeiro marido é tristemente antibíblico - só faz desgraça."

Resposta: Errado! Desgraça é viver em adultério continuado. O marido dessa mulher é o primeiro. Note novamente Romanos 7:3: "enquanto estiver vivendo o **marido** dela..." Note que nas duas vezes que esse homem é citado há um artigo antes. Ou seja, ele é **O marido**. Essa mulher recém convertida do exemplo, que vive com outro homem que não o seu primeiro (**o**) **marido** (o único que é **o** verdadeiro **marido**), está cometendo (presente do indicativo) adultério. Ninguém vai "exigir" nada de ninguém. A Bíblia deve ser pregada e as pessoas é que são responsáveis diante de Deus e pelas consequências de seus atos. Ela tem duas opções: Ou se reconcilia com o verdadeiro marido, ou fica como solteira (1Co. 7:11). O que não pode, é pessoas em situação de adultério, serem aceitas como membros de igrejas, ou exigirem membreza, ou participarem do ministério das mesmas em pé de igualdade com famílias Biblicamente constituídas, que lutam com unhas e dentes para preservar a santidade do casamento para colherem as bênçãos para si, para a igreja e para a próxima geração. Isso sim é que seria um rebaixamento, desastre e desgraça para a instituição da família, e Deus sabiamente deixou isso bem claro na Bíblia. Outra falácia do enunciado é o uso da situação aplicada à "recém convertida". Desgraça seria para esse primeiro marido dessa mulher que poderia (hipoteticamente) estar esperando a reconciliação, mas vê a sua mulher vivendo com outro, e ainda ser aceita por uma igreja que diz crer na Bíblia. A falácia está em trazer a emoção para dentro do debate e apelar

para se ter compaixão (ninguém ousaria negar esse sentimento) da pessoa nova convertida para reforçar o argumento do recasamento. Pecado, entretanto, é sempre pecado, não importa se ele é cometido há 30 anos ou se o é por uma "recém convertida". Jesus, a compaixão em pessoa, confrontou claramente o adultério da mulher Samaritana em Jo. 4:18. Se o divórcio e novo casamento fossem válidos, por que O Amoroso Salvador mencionou o fato da pobre pecadora ter tido cinco **maridos**? Simples! Porque ela cometeu vários adultérios. Ela se casou com cinco deles. Note que um dos homens não era marido, ou seja, o homem com o qual ela estava convivendo não era fruto de casamento, mas é claro que **todos** os relacionamentos (exceto o primeiro - é evidente que ele era o marido) foram censurados pelo Mestre. Se o recasamento fosse endossado pelo Senhor, ele teria apenas dito à mulher que se casasse com o seu amante e tudo estaria resolvido... Todavia, Jesus não fez isso, mas a repreendeu pelo fato dela ter cometido vários adultérios, trazendo à tona o passado imoral dela. Na sempre mutante e corrupta lei dos homens, existe a inconstância das "emoções" ou a "prescrição" porque algo aconteceu, ou tem acontecido há muito tempo, mas não nos princípios imutáveis da lei de Deus.

9. A exceção deve ser considerada como adultério em Mateus 5:32 e 19:9.

Resposta: Errado! A palavra da exceção é **fornicação** (usada 1 vez em cada verso) e não **adultério** (usada 2 vezes em cada verso). O contexto imediato desses dois versos deve ser respeitado como um fator guia e levado em consideração para ser interpretada corretamente uma certa palavra e para que o sentido **no verso** seja entendido. Em Mateus 5:32 e 19:9, dois termos diferentes são usados e justapostos, de forma que não se pode negligenciar nem negar. A palavra **fornicação** (porneia) é diferenciada do verbo **adultera** (moicheo). Palavras diferentes significam coisas diferentes! A exceção se aplica ao contrato de casamento que era uma situação peculiar dos Judeus que é o destinatário imediato desse evangelho. Por isso é que só o evangelho de Mateus (escrito para os Judeus) é que traz essa explicação extra. Será que Deus iria se "esquecer" dessa vital exceção nos outros 5 versos em que o assunto é tratado? Absolutamente não! Se Ele não colocou a exceção em caso de adultério, é porque ela não existe! O ensino é cristalino nos outros versos onde a **proibição absoluta** de recasamento enquanto o cônjuge original esteja vivo é claramente ensinada. Não há divórcio e novo casamento permitido em **nenhuma parte do Novo Testamento**. Não há recasamento permitido enquanto o cônjuge original esteja vivo. Essa relação é chamada de adultério.

10. Um casal que já era divorciado e casado novamente, ao se converter e confessar seu pecado, pode ficar unido e ser aceito como membros, pois tudo para trás está perdoado e "tudo se fez novo..." 2Co. 5:17.

Resposta: Errado! A lei conjugal **não muda em nada** quando uma pessoa se converte. Se essas duas pessoas se converteram, elas têm a obrigação de parar de cometer adultério continuado. A doutrina do arrependimento (Grego: metanoeo) diz que acontece uma mudança de mente, atitude e de comportamento quando uma pessoa é verdadeiramente salva. A expressão "tudo se fez novo" não tem nada a ver e não pode ser distorcida de maneira alguma para justificar situações pecaminosas após a conversão, muito pelo contrário! "Tudo se fez novo" nos ensina que a pessoa foi regenerada (nova criatura) e que houve uma mudança radical nos valores, crenças e atitudes. Suponhamos que um ladrão tenha em seu poder uma conta milionária fruto do seu furto. Ao dizer que se converteu, ele se recusa a devolver o dinheiro apelando para o "tudo se fez novo" do verso acima, vivendo esplendidamente. Isso seria uma afronta e não provaria conversão alguma. Esse é exatamente o mesmo caso do casal que se converte estando a viver em adultério sem

querer a adotar solução Bíblica de reconciliar com o verdadeiro cônjuge - caso possível - ou ficar solteiro (a) - sempre possível.

Justamente porque uma pessoa foi perdoada, ela não tem o direito de continuar no pecado. (Romanos 6:1-2 aborda essa exata situação: "Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum..." O perdão lava os pecados passados, mas não dá licença para pecar no futuro (1 Jo. 3) Portanto, um casamento adúltero tem que ser terminado. Pecado continua pecado independente se foi antes ou depois da conversão.

Outra prova que o casamento não se dissolve com o divórcio: Note que Mateus, Marcos e Lucas referem-se a Herodias como a **mulher de Filipe** mesmo quando ela estava **casada** com Herodes. Note que Filipe ainda estava vivo, pois, segundo estoriadores Judeus, Filipe morreu 4 anos após a prisão de João Batista. Vejamos as referências:

"...**Mulher de seu irmão Filipe**..." (Mat. 14:3)

"...**mulher de Filipe**, seu irmão, porquanto tinha casado com ela." (Mar. 6:17)

"...Herodias, **mulher de seu irmão Filipe**..." (Luc. 3:19).

A condenação por João Batista era por causa de dois fatores:

1. Isso era adultério, pois ela era mulher de Filipe; e
2. Isso era incesto, pois era um relacionamento próximo, proibido terminantemente em Lev. 18:16.

11. A expressão "nos chamou para a paz" 1Co. 7:15 dá permissão para o recasamento.

Resposta: Errado! **Nada** se fala nesse verso sobre recasamento. A paz ali mencionada refere-se ao estado de não se estar mais sob as obrigações conjugais (Nota: obrigação conjugal é diferente de união conjugal - a união permanece até a morte). Nesse caso, após pedir perdão a Deus e aos homens, não se deve sentir culpa, pois houve tentativa de reconciliação sem sucesso, restando então, a única outra alternativa que é "fique sem casar" (permanecer como solteiro) até a morte do cônjuge (1Co. 7:11, 39).

12. Em 1 Co. 7:27-28, para os que estão livres, ou seja, divorciados, há a permissão de se casar novamente: "se te casares, não peca..."

Resposta: Errado! **Nada** se fala nesse verso sobre recasamento de divorciados. É mais do que óbvio que a expressão "livre", aplicada ao casamento, se refere aos viúvos! Veja em Rom. 7:2-3 em 1Co. 7:39 como a palavra "livre" é usada apenas quando morre o marido. Notemos novamente em 1Co. 7:8-9, que somente os viúvos (as) e os solteiros (as) é que são as únicas pessoas qualificadas para se casarem.

13. A pessoa que casou novamente não pode mais se reconciliar com o primeiro cônjuge, pois vai ter que se divorciar do segundo cônjuge o que contraria 1 Co. 6:1-8.

Resposta: Errado! Esse segundo casamento **nada** vale diante de Deus, pois é considerado adultério. Se os homens o consideram erradamente de casamento, e um "divórcio" de acordo com as leis humanas é necessário para cancelá-lo, isso não viola 1 Co. 6:1-8, pois uma situação pecaminosa (que nunca deveria ter ocorrido em primeiro lugar) está sendo

corrigida e não criada. Nos países onde a abominação do "casamento" de sodomitas é feito, quando há a conversão de qualquer um dos dois, o "divórcio" tem que ser feito imediatamente. Isso é o resultado da iniquidade de homens pecadores que usurpam sua posição de autoridade para blasfemar de Deus e da família.

14. O verso "Cada um fique na vocação que foi chamado", permite que o divorciado e casado novamente fique com o seu novo cônjuge quando se converte.

Resposta: Errado! Pela sadia Hermenêutica (interpretação da Bíblia pela própria Bíblia) sabemos que um verso não claro tem que ser olhado e iluminado pelos outros claros que lidam e ensinam sobre o mesmo assunto, sejam em passagens remotas ou próximas. Isso chama-se **Princípio do Contexto**. Outro princípio diz que a unidade, verdade e fidelidade de Deus, garantem que uma passagem na Sua Palavra não pode contradizer outras passagens. Isso chama-se **Princípio da Concordância**. Quando se interpreta uma parte das Escrituras de uma maneira que contradiz alguma outra parte das Escrituras sobre o mesmo assunto, sabemos que essa interpretação é errada. Quando uma correta interpretação é feita em qualquer assunto, ela não irá contradizer toda interpretação que possivelmente seja feita em alguma outra parte das Escrituras sobre o mesmo assunto. Portanto, vocação (1Co. 7:20) ou estado (1Co. 7:24) não pode de maneira alguma se referir à situação de divórcio e recasamento, pois entraria em contradição com:

1- O verso anterior, 7:11, que só menciona as duas opções para os casados que se separaram: **reconciliação** ou **fique sem casar**;

2- O verso 7:39 que diz claramente que a mulher só fica livre "se falecer **o seu marido**" (singular e ainda acompanhado do artigo "o". No Grego: "ho anér").

3- Os dois versos em Romanos 7:2-3 que confirmam claramente o rompimento do casamento somente em caso de morte.

4- Os outros versos em que negam totalmente essa possibilidade.

5- O princípio Bíblico da **restituição**, no qual ao se arrepender, um pecador, deve devolver aquilo (nesse caso a mulher do próximo - Ex. 20:17 - ou outra que não a esposa) que não lhe pertence (Ex. 22:3-12; Lc. 19:8; Filem. 1:18), e ficar disponível para o legítimo cônjuge a quem pertence.

"Vocação em que foi chamado" se refere claramente ao caso do casal no qual um dos cônjuge se converteu e o outro não. Essa foi a pergunta dos Coríntios. Paulo está dizendo que a conversão de apenas um cônjuge não é motivo para se separar, porque **a lei conjugal não muda em nada, quer seja antes, quer após a conversão**. Se a parte descrente consente em preservar o casamento, não se deve separar (vs. 12 e 13). Se a parte descrente se rebelar contra o casamento, que fique sem que casar (v. 11). Nada sobre permissão de casar novamente. Isso só pode acontecer com viúvos que são os que ficaram "livres de mulher" (v. 27).

Ficar com o novo cônjuge, ao mesmo tempo que o legítimo cônjuge ainda esteja vivo, seria adultério continuado. Certas pessoas nem pensam nas implicações gravíssimas de suas tolas argumentações:

1. Uma prostituta poderia interpretar da mesma maneira, ela alegaria que poderia viver na

"vocação que foi chamada".

2. Um sodomita poderia interpretar da mesma maneira, ele alegaria que poderia viver na "vocação que foi chamado".

3. Um fornicário, que tem relações continuadas com uma mulher sem ser casado, poderia interpretar da mesma maneira, ele alegaria que poderia viver na "vocação que foi chamado".

É claro que sabemos que nenhuma dessas pessoas iníquas mencionadas, poderá herdar o reino de Deus (1 Co. 6:10), ou seja, são perdidas, independente do que aleguem sobre ter se convertido. Essa racionalização é exatamente o que o apóstolo Judas falou em Judas 1:4 sobre heréticos que "...covertem em dissolução a graça de Deus, e negam a Deus..."

15. O verso em 1 Tim. 3:2: "marido de uma mulher" aplicado ao bispo **e diáconos** (1Tim. 3:12), sugere que membros da igreja podem ter um padrão inferior e ser divorciados e recasados.

Resposta: Errado! Porque:

1. Isso seria aceitar e ser conivente com adultério na igreja;

2. Isso negaria que o bispo seria um exemplo dos fiéis;

3. Deixa a porta aberta para a poligamia;

4. Isso não é baseado nem no ensino claro e objetivo das Escrituras, nem na exegese sadia, mas na areia movediça de sugestões, inferências e conjecturas, que contradizem frontalmente o resto dos versos sobre o assunto; e

5. Isso poderia ser usado como desculpa para membros adotarem padrões inferiores quanto a serem dados ao vinho, ou avarentos ou todas as demais qualificações do bispo. Todas elas devem ser as qualificações de todos os membros da igreja também!

16. O voto mais recente (o voto do novo casamento) tem que ser mantido.

Resposta: Errado! O voto mais antigo é que tem que ser mantido! Esse voto do novo casamento viola totalmente a Palavra de Deus e é, de acordo com o Senhor Jesus Cristo, chamado de adultério, pois o primeiro casamento (e seu respectivo voto) continua em vigor! Não se pode fazer um novo voto, contrariando (Rom. 1:31 diz sobre os réprobos: "infiéis nos contratos") o primeiro voto! Essa racionalização humana, levada ao óbvio extremo dos irresponsáveis, deixa a porta aberta para libertinos (e como eles são muitos...) casarem tantas vezes quanto queiram, zombando da instituição do casamento, pois alegam: "o voto mais recente tem que ser mantido..." A Palavra de Deus está acima da palavra do homem, que se torna **mentiroso** (Rm. 3:4) quando não cumpre os seus votos (Prov. 20:25 Sal. 22:25; 50:14; 61:5-8; 66:13; 116:14, 18; Ecl. 5:4-5, Is. 19:21). Consequentemente, esse voto tolo (ver um voto abominável em Jer. 44:25) do recasamento, é pecaminoso e uma afronta contra Deus. Ele não tem valor algum, e deve ser quebrado imediatamente para não se continuar em adultério.

17. "Isso tudo é uma bobagem: um divorciado deve ele mesmo orar para saber se Deus quer ou não que ele case novamente."

Resposta: Errado! Essa tolice e hipocrisia sem tamanho é uma pura mentira, que quer colocar a decisão final nas emoções e vontades humanas, ao invés de na Palavra de Deus. Não se deve orar por aquilo que Deus já revelou claramente em sua Palavra. Isso é uma desculpa para pecar, exatamente como Balaão fez.

18. "Devemos pedir um sinal a Deus para saber se Ele quer ou não que alguém case novamente após divórcio."

Resposta: Errado! Isso de pedir sinal é uma incredulidade e um desrespeito contra Deus e à Sua Palavra. Novamente: Não se deve orar por aquilo que Deus já revelou claramente em sua Palavra. Isso é uma desculpa para pecar exatamente como Balaão fez.

19. "Não se deve romper um segundo casamento para retornar para o cônjuge original (1 Co. 7:10-11)."

Resposta: Errado! Esse verso fala exatamente de reconciliação com o cônjuge original! Nada se fala de se endossar um segundo casamento: Isso seria adultério! É justamente essa situação imoral e adúltera que Paulo está terminantemente proibindo!

20. "O segundo casamento não deve ser desfeito porque os filhos dessa união fruto do divórcio e recasamento não merecem sofrer (1 Co. 7:10-11)."

Resposta: Errado! Em primeiro lugar, esse argumento é um tiro pela culatra porque se houver **filhos do legítimo casamento (primeiro)**, eles é que não deveriam sofrer! A questão todavia, não é quem merece ou não merece sofrer, pois quando há divórcio **sempre** há sofrimento. A questão é o que a Bíblia ensina: Divórcio e novo casamento é adultério. Em segundo lugar, o relacionamento marido-mulher (eles são uma só carne até a morte) é sempre a prioridade. Em terceiro lugar, nada justifica uma situação de adultério continuado nem mesmo o sofrimento de filhos dessa união. Deve-se destacar que a responsabilidade dos pais permanecem.

Para uma pessoa que **professa** ser nascida de novo e que vive numa situação de divórcio e novo casamento ler e meditar:

"Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade." Mateus 7:22-23

Nota: Este texto foi extraído do site “crentes.net” e redigido por Lindolfo Tavares. No entanto algumas pequenas adaptações foram feitas para melhor explanarem nossos objetivos nesta apostila.

- **Viúves**

Resolvemos abordar este assunto junto a este tema (dom), por percebermos a ligação direta que o mesmo tem com a seqüência acima, ou seja: solteiro, casados e porque não viúvos. Ocorre que este, diferente dos dois primeiros já citados, tem um tratamento e visão diferente. Enquanto que ser um celibatário ou uma pessoa casada, requer de nós o dom específico, uma vez viúvo(a), não se trata de dom e sim de “estado”. Um individuo uma vez casado, pode vir a ficar no estado de viúvo(a). Esta não é uma escolha do tipo – resolvi que agora quero ficar viúvo e de - repente, bum! Ei-lo viúvo. Este estado trata-se de uma consequência, onde alguém perde aquele a quem ama e assim involuntariamente passa a figurar no estado de viúvo.

Não obstante ao acima exposto, convém apenas destacar que aos viúvos(as), o apóstolo Paulo também indica que melhor lhes seria assim permanecer **“Todavia, será mais feliz se permanecer viúva, segundo a minha opinião; e penso que também eu tenho o Espírito de Deus.” 1 Coríntios 7:40**

Em momento algum o apóstolo Paulo estabelece uma obrigatoriedade, **“E isto vos digo como concessão e não por mandamento.” 1 Coríntios 7:6**; mas uma sugestão, ainda que direcionado pelo Espírito Santo de Deus, ele bem sabe que não são todos que conseguem aplicar esta instrução. Desta forma faz parte de sua instrução o dizer: **“Caso, porém, não se dominem, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado.” 1 Coríntios 7:9.**

Existem com certeza aqueles que pensam: O apóstolo Paulo está fazendo referência a viúvas e não a viúvos, não seria então o caso de tais instruções não se aplicarem aos homens? Para tais respondo que não é possível tal linha de pensamento uma vez que o convite estende-se a ambos conforme veremos a seguir. Basta entendermos o motivo pelo qual ele diz ser melhor permanecer no estado de viúves. Ele diz: **“...Também a mulher, tanto a viúva como a virgem, cuida das coisas do Senhor, para ser santa, assim no corpo como no espírito;” 1 Coríntios 7:34** veja que a finalidade para a virgem é a mesma para a viúva, ou seja, cuidar das coisas do Senhor e ser santa, tanto no corpo como no espírito. Assim, dentro do mesmo propósito estendemos aos homens (virgens e viúvos), pois mantemos a intenção diante de Deus. Podemos ainda para melhor esclarecer nossos irmãos dizer que alguns textos bíblicos são importantes em nossa avaliação do tema, como por exemplo:

1 Timóteo 3:2 É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar;

1 Timóteo 3:12 O diácono seja marido de uma só mulher e governe bem seus filhos e a própria casa.

Tito 1:6 alguém que seja irrepreensível, marido de uma só mulher, que tenha filhos crentes que não são acusados de dissolução, nem são insubordinados.

Note que os textos acima, agora mencionam o masculino “bispo”, “diácono”, fazendo menção ao ser “marido de uma só mulher”. Alguns acham que se trata de não ter mais de uma esposa ao mesmo tempo, mas caro leitor pensar isso é abrir possibilidade para a bigamia, prática reprovada de capa a capa nas Escrituras. O que está sendo dito é que estes homens se desejam exercerem o papel de autoridades devem diante de Deus, ter no curso de suas vidas **UMA ÚNICA ESPOSA**. Ou seja, se um dia viúvo, assim permanecer a fim de estar apto a exercer diaconato e bispado diante da igreja do Senhor. Sei que diante de tais explanações, queixos caem, olhos se esbugalham, mas esta é uma realidade, para

aqueles que tem Cristo acima de seus interesses e que realmente entendem o que significa o encargo do evangelho.

Outra preocupação envolvem os viúvos(as), além das questões concernentes a seus impulsos carnais, posso dizer que após superado a luta contra a carne, trava-se uma luta contra a alma. Muitos pensam: Como viverei minha velhice, se eu não tiver alguém para me amparar? Um marido ou esposa que possa me acompanhar e ser suporte nos momento de enfermidades. Como farei para conseguir suprir minhas necessidades financeiras e de sustento?

Para isso a bíblia diz:

“Honra as viúvas verdadeiramente viúvas. Mas, se alguma viúva tem filhos ou netos, que estes aprendam primeiro a exercer piedade para com a própria casa e a recompensar a seus progenitores; pois isto é aceitável diante de Deus. Aquela, porém, que é verdadeiramente viúva e não tem amparo espera em Deus e persevera em súplicas e orações, noite e dia;” I Tm 5:3-5

Existem dois tipos de viúvos(as), aqueles que tem família, neste caso não está só e nunca devem estar desamparados. As Escrituras, chamam a família para a responsabilidade, quando diz ***“... que estes aprendam a exercer piedade para com ... e a recompensar seus progenitores...”***. Vivemos dias em que o abandono tem sido comum já que os filhos escolhem seus caminhos e passam a viverem uma vida alheia a necessidade de seus pais. Logo é papel da igreja ensinar aos filhos, filhas, netos e parentes a não negligenciarem o cuidado de seu próximo.

Existem também aqueles que não tem parentes próximos, irmãos, filhos etc., estes, todavia devem receber auxílio direto da igreja local e isto é confirmado pelo texto que diz ***“... aquela, porém, que é verdadeiramente viúva e não tem amparo espera em Deus e persevera em súplicas e orações, noite e dia”***

É claro que devemos lembrar ao leitor que em momento algum somos chamados a sermos suporte para preguiçosos e malfeiteiros, mas sim, a servos e servas tementes, que desamparados devem ser percebidos pela igreja local e também cuidados dentro de suas necessidades, para isso lemos: ***“Não seja inscrita senão viúva que conte ao menos sessenta anos de idade, tenha sido esposa de um só marido” 1 Timóteo 5:9***

Sabemos que com raras exceções, até aos sessenta anos não falta vigor de trabalho a ninguém, pois ninguém deve ser pesado a igreja, ***“Porque, quando ainda convosco, vos ordenamos isto: se alguém não quer trabalhar, também não coma.” 2 Ts 3:10 .***

Agora, fica apenas para nós a escolha, se realmente queremos ou não seguir a Deus, sendo útil ao Mesmo e desejosos em fazer a Sua vontade, ou se queremos de fato é servir a um “deus” falso que vive correspondendo aos caprichos pecaminosos e corruptos de seus seguidores. A escolha é nossa.

DONS DE COBERTURA

Como já definido na introdução deste estudo, os dons de cobertura são responsáveis pelo conforto dos cristãos no seio da Igreja do Senhor. São eles que exercem sobre nossas vidas não o amparo básico para nos manter na fé, mas sim o conforto para que possamos ter na fé um desfrute e satisfação inigualável. Passaremos agora a explana-los:

FÉ

Estudar o dom de Fé, não é o mesmo que estudar o tema geral da fé, ainda que o tema geral da fé se relacione com ele até certo ponto e ainda nos ajude em nosso entendimento do mesmo, podemos afirmar existir diferenças marcantes entre eles. Diante disso tentaremos neste material enriquecer mais nossa compreensão do tema.

Definindo o dom da Fé

“O dom de fé é aquela capacidade especial que Deus dá a alguns dos membros do Corpo de Cristo para poderem discernir, com extraordinária confiança à vontade e os propósitos de Deus, quanto ao futuro de Sua Igreja. É a habilidade dada por Deus de se crer nEle para o impossível numa determinada situação.”

Podemos subdividir o conceito de fé em três aplicações para melhor compreendermos o tema, sendo eles:

- A fé salvadora;
- A fé como fruto do Espírito;
- A fé como Dom Espiritual.

A FÉ SALVADORA

Podemos dizer que esta é aquela resposta de fé inicial a Deus, a qual nos introduz no reino de Deus. Ela é a habilitação de Deus a uma pessoa para que esta O aceite e creia Nele. O Veículo de Deus para nos salvar foi a GRAÇA; nosso veículo em aceita-la é a fé, ou uma “resposta de receptividade” à Sua graça. Não somente nos “agarramos a ela pela fé”, mas ele também se “agarra a nós pela graça”. (João 1:12; Gálatas 3:26; Efésios 2:8).

Tomando como base o texto em Ef 2:8 podemos destacar a palavra “mediante”, pois a mesma é significativa para nossa compreensão da fé salvadora. Esta é a palavra Grega “dia” que significa “através de” denotando um canal para um ato. Podemos dizer que o mesmo refere-se a um pensamento conectivo, assim como a água vai de um lugar para o outro “mediante” um canal. Ela retrata um veículo ou caminho através do qual a graça de Deus é transmitida a nós. A fé é como uma abertura (entrada) para todas as provisões de Deus.

Como uma represa que abre as suas entradas e permite que a água passe por elas, assim também a nossa resposta de fé a Deus inicialmente permite que a sua Graça se despeje e inunde as nossas almas, o que é o novo nascimento.

É, primeiramente, “pela” ação ou veículo da graça, depois “mediante” a fé que a salvação vem. Ela é possível e é oferecida pela graça, mas ela tem que ser aceita a recebida pela fé.

Deus preparou a provisão pela graça, e oferece a nós, ao mesmo tempo em que ele obra em nossos corações para que respondamos, transmitindo-nos a habilidade de crermos e de recebermos. Contudo ele deixa um pequeno vácuo que só pode ser preenchido pelas nossas vontades, ao respondermos e nos abrirmos a Ele.

A FÉ COMO UM “FRUTO DO ESPÍRITO”

Já tivemos a oportunidade de ministrar sobre a vida dos irmãos, o assunto “FRUTO DO ESPÍRITO”, e nesta oportunidade falamos que o fruto se difere de dons, pois enquanto o primeiro trata-se de capacitação espiritual na formação do caráter cristão (vida interior), o segundo trata-se de expressão ou serviços (exterior). Diante disto podemos afirmar que a fé como um fruto do Espírito de Deus é responsável para o amadurecimento de um cristão, bem como a formação do seu caráter. Assim fica fácil de diferenciarmos a fé salvadora da fé transformadora, ou seja, a fé como fruto do Espírito.

A fé como Fruto do Espírito, age interiormente em nós, está presente em todas as nossas ações e reações.

“visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.” Rm 1:17

Um cristão vive de fé em fé, ou seja, suas experiências giram em torno desta essência, que depois de amadurecida em nossas vidas, resultam em fruto para a vida. Assim podemos dizer que vida gera vida, como fé gera fé. Ocorre que em nossa trajetória cristã, temos altos e baixos, nos encontraremos em situações diversas como:

- Fortes (Rm 4:20)
- Pequena (MT 6:30 e 16:8)
- Temporárias (Lc 8:13)
- Vacilante (Tg 1:6)
- Sem hipocrisia (I Tm 1:5; II Tm 1:5)
- Grande (MT 8:10)
- Firme (Hb 10:23 e 11:6)

Podemos ainda dizer que a fé assim como o amor não anda sozinhos, sendo assim sempre estarão ligadas a outras virtudes tais como:

- Paciência (Tg 1:3; II Tm 3:10; Hb 6:12)
- Amor (I Ts 5:8; I co 13:13)
- Esperança (I Co 13:13)
- Poder (II Ts 1:11)
- Boas obras (II Ts 1:3)

- Consciência limpa (I Tm 1:5)
- Sã doutrina (Tt 1:13 e 2:2)
- Virtude (II PE 1:5)
- Conhecimento (II PE 1:6)
- Importunidade (Lc 11:5 a 10)
- Alegria (Tg 1:2-3 e I PE 1:6-8)
- Boa confissão (Rm 10:9-10; cl 3:16-17)

Quando simplificamos demais o conceito de fé e assumimos que ela seja somente um ato de obediência durante uma crise, há um mérito até certo ponto aceitável, mas limitado. Mas se os crentes não aprenderem um conceito de fé, maior que atos de fé ocasionais, eles ficarão frustrados. A fé é apresentada na Bíblia como uma maneira de vida. É somente à medida em que a fé envolve a combinação própria de todos os atributos mencionados acima que ela se torna uma fé viva e de qualidade. Muitos cristãos têm somente uma fé em crises – eles não vivem uma vida de fé, que, em seu dia a dia, resultam em fruto do Espírito, e que desfrutada por nós e por todos aqueles que nos cercam redundam em agrado diante do Senhor.

A FÉ COMO UM DOM

Podemos afirmar que todos os dons são necessários ao bom crescimento e manutenção da Igreja do Senhor, mas sem dúvida alguma, este é um dom fundamental. Geralmente, aqueles que o tem, conseguem arregimentar entre outras coisas um grande numero de irmãos em sua igreja local.

Os dotados do dom da fé, são pessoas que, usualmente estão mais interessadas no futuro do que na história. Estes se concentram nas possibilidades, sem deixar-se desencorajar pelas circunstâncias, pelo sofrimento ou mesmo pelos obstáculos. São capazes de confiarem em Deus quanto à remoção de montanhas **I Cor 13:2**.

Semelhantes a Noé, elas se dispõe a construir uma arca em seco, mesmo diante do ridículo e da crítica, sem jamais tolerarem qualquer dúvida de que Deus realmente enviará um dilúvio.

Ainda podemos extrair exemplos na pessoa de Abraão, que uma vez tendo ouvido o falar de Deus, foi fiel em andar em seus caminhos, aguardando pacientemente o filho da promessa. Estes procuram fortalecer-se na visão dada por Deus e assim crêem “se Deus é por nós, quem será contra nós? **Rm 8:31**.

Falamos acima sobre Noé e Abraão, mas também podemos destacar Davi, que durante seu reinado, ajuntou materiais e condições para edificar o Templo, certo de que isto agradaria o coração de Deus.

É comum pensarmos no dom de fé, associado à curas e milagres. Tal pode também ocorrer, no entanto estes últimos estarão ligados ao dom de operação de milagres, onde o propósito é promover a propagação do evangelho através de sinais.

Eu particularmente associo o dom de fé, a promoção de atos, obras, feitos que diretamente ligados aos propósitos de Deus contribuem para hospedarem os que são da fé e servem igualmente para a propagação do evangelho, só que não visando o indivíduo e sim o coletivo, como por exemplo:

1. Lançar as bases da Igreja do Senhor em outra cidade;
2. Promover meios diferentes de anunciar a Palavra de Deus;
3. Criação de hospitais, creches, escolas, cuja missão prioritária seja levar o evangelho a novas almas;
4. Elaborarem projetos de crescimento sustentável na igreja local, prevendo a integração dos dons e a harmonia entre eles para que a igreja seja suprida e saudável, bem como promotora entre outras igrejas locais de tais ensinamentos e experiências.

Ainda afirmo que uma pessoa com o dom da fé, tem em seu energemata o dom de discernimento uma vez que não paira em sua expressão a menor dúvida quanto à vontade de Deus. Vejamos abaixo alguns exemplos Bíblicos práticos para nossa melhor compreensão.

- Jesus (**MT 8:1-3; Jo 11:11; Jo 9:1-7**)
Em todos estes casos não houve em Cristo a menor possibilidade de dúvida uma vez que Ele afirma exatamente aquilo que iria fazer.
- Nos apóstolos (**At 32:1-7; 5:1-10; 13:8-11; 16:16-18; 20:7:12**).

É importante dizer que a fé deve se fundamentar em um falar de Deus, seja através das Escrituras, ou até mesmo sonhos ou visões que o Senhor possa dar a alguém. Não creio que Deus exija de nós uma fé sem que haja um motivo para tal. Os Apóstolos faziam coisas movidas pelo direcionamento do Espírito de Deus, nós da mesma forma assim devemos fazê-lo. Quando agimos sem uma base ou motivação especial dada por Deus, não estamos agindo por fé e sim esperança esta que por sua vez como já foi dito é uma companheira constante da fé, mas não representa a fé em si mesma. **Heb 11:1**

Assim podemos concluir que a soma das três expressões de fé são fundamentais para que sejamos mais que vencedores em Cristo Jesus, pois enquanto que a fé salvadora nos habilita a entrar na carreira cristã, a fé como fruto molda nosso caráter para podermos suportar provações e a fé como dom (esta por sua vez confiada a alguns poucos), habilita um cristão a colocar em prática um desejo que esteja no centro da vontade de Deus. **Heb 11:32:38.**

Finalizando esta curta explanação digo que na medida em que este dom se expressar no meio da Igreja do Senhor, veremos o aperfeiçoamento e adorno da mesma, o que nos apontará para a volta de nosso Senhor Jesus.

MISERICÓRIDA.

“O que exercita misericórdia, com alegria” Rm 12:8.

O possuidor deste dom espiritual é motivado por Deus a perceber e a suprir necessidades do próximo, que sofre mental, física ou emocionalmente, ouvindo-o e compreendendo-o. Diante das oportunidades, quer ser um instrumento de Deus, compreendendo e aliviando o sofrimento alheio.

No grego “eleos” significa manifestação eficaz de dó, e recursos interiores adequados para suprir necessidades, da parte daquele que ativamente mostra compaixão.

Podemos ver algumas aplicações para este dom desde aliviando os necessitados como perdoando os faltosos.

Ambas as formas, é muito necessária, mas o importante é que seja usado com alegria. É possível aliviar a necessidade de outros com um orgulho que fere o necessitado mais do que o próprio aperto pelo qual ele passa, dando com uma mão aquilo que ele necessita,

enquanto tira, como a outra, a sua dignidade. É possível perdoar o faltoso, mostrando uma atitude de crítica e desprezo, que o aniquila. O verdadeiro uso deste dom é com alegria.

Alguns exemplos do exercício deste dom são:

- Escutar com simpatia um amigo atolado emocionalmente por ter sido abandonado ou rejeitado por um ente querido, ou que esteja passando qualquer outro tipo de necessidade;
- Fazer-se presente num lar enlutado após perder alguém.
- Regozijar-se com aquele que superou obstáculos enormes, talvez despercebidos por outros;
- Sente-se fortemente inclinado aos serviços de cunho social, como por exemplo, a favor de crianças carentes, sentindo-se grandemente condoído por elas e impelido a resolver Seus problemas.
- Encontram-se sempre disponíveis para visitas a hospitais e outros lugares onde encontram pessoas necessitadas de misericórdia.

SOCORROS

“Depois ... socorros...” I co 12:28

A palavra traduzida “socorros” significa auxílios – um que ajuda. O verbo correspondente é usado em Lucas 1:54, onde lemos que o Senhor auxiliou a Israel. Paulo diz que deixou um exemplo aos anciãos da igreja em Efésios, mostrando-lhes como deveriam auxiliar os enfermos (At 20:35).

Este dom reflete a humildade de espírito que caracterizou o nosso Senhor; requer um amor sincero e verdadeiro que está disposto a trabalhar despercebido, no lugar que os homens consideram inferior.

É um dom importantíssimo. Se entendermos o seu valor, talvez possamos compreender por que o Senhor disse que há primeiros que serão derradeiros, e muitos derradeiros que serão primeiros (Mt 19:30).

No grego “antilepsis” significa segurar para apoiar, estar ao lado, cooperar, responder a um pedido para execução de determinada tarefa.

“para que a recebais no Senhor como convém aos santos e a ajudeis em tudo que de vós vier a precisar; porque tem sido protetora de muitos e de mim inclusive.” Rm 16:2

Em geral, o possuidor exerce seu dom ao lado ou perto daquele que está sendo auxiliado, mas uma vez que saiba das preferências deste, poderá ajudar mesmo à distância. Aqui estão exemplos:

- Ficar com alguém no hospital;
- Auxiliar uma professora de classe de crianças, trabalhando sob a orientação dela, podendo talvez substituí-la;
- Suprir uma necessidade imediata; At 20:35
- Usar o carro para levar alguém ao médico ou em qualquer outra coisa cuja necessidade se faça real. Marcos 2:1-12

Convém destacar que muitas vezes o possuidor deste dom é mal compreendido pelos de casa ou mesmo pelos mais próximos, taxando-o de oferecido, de querer sempre atender as pessoas com a finalidade de parecer bonzinho etc.

Irmãos, necessário se faz compreendermos que, aqueles que são dotados por Deus para este serviços, devem ser vistos como pessoas que realizam, antes de mais nada, um dom espiritual, e por isso merecem nosso reconhecimento, respeito e inclusão no trabalho do

corpo.

Um dos graves erros que este muitas vezes incide, é por não estarem atentos a direção do espírito, serem exploradas em sua disponibilidade confundindo-se o dom com um mero ato de bondade humana e assim exaurem seus possuidores, a menos que estes atentos ao direcionar do espírito, saibam diferenciar uma necessidade de um capricho e aprendam a dizerem não sempre que assim virem que devem.

Alguns irmãos acreditam que diferente do dom de misericórdia, o dom de socorro é uma dom a ser exercido para os domésticos da fé, ou seja, somente para aqueles que estejam em Cristo e primeiramente que compartilham da comunhão juntamente com o possuidor deste dom. Particularmente não tenho dificuldades em entender que os dons são para uso da igreja, ocorre que condicionar seu uso exclusivamente para aqueles que reúnem no mesmo local que seu possuidor, seria no mínimo uma atitude bairrista, que a meu ver contraria a visão universal de igreja.

DOM DE INTERCESSÃO

Antes de mais nada, é importante destacar que, poucos consideram a intercessão como sendo um dom a ser somado entre os dons espirituais. Grandes partes dos estudiosos acreditam que a intercessão seja uma obrigatoriedade de todos os cristãos, e que acrescenta-la na lista de dons seria o mesmo que prejudicar a compreensão dos irmãos quanto aos seus encargos cristãos.

Em parte concordo com os que assim pensam, pois a intercessão, bem como as orações dedicadas a uma finalidade comum sem dúvida alguma é de responsabilidade de todos nós cristãos. Ocorre que quando observamos a expressão individual de nossos irmãos, começamos a ver algumas diferenças que merecem nossa atenção, pois alguns são, não só mais dedicados, como, sobretudo mais objetivos e precisos em suas visões e intenções de orações.

O que seria oração intercessória?

Podemos dizer que é o ato de orar por outrem, colocando-se na posição de mediador, reparador ou porque não dizer edificador, seja de um irmão ou mesmo de um propósito. Temos ainda que destacar que a intercessão pode ser vista por dois ângulos, um deles refere-se à intercessão a Deus clamando a favor de alguém, enquanto que a outra tem a ver com a destruição das obras e estratégias de satanás.

Podemos afirmar que este papel é visto com mais clareza no antigo testamento como passamos a destacar abaixo:

Ezequiel 22:30 “*Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha perante mim, a favor desta terra, para que eu não a destruisse; mas a ninguém achei.”*

Isaías 62:6-7 “*Sobre os teus muros, ó Jerusalém, pus guardas, que todo o dia e toda a noite jamais se calarão; vós, os que fareis lembrado o SENHOR, não descanseis, nem deis a ele descanso até que restabeleça Jerusalém e a ponha por objeto de louvor na terra.”*

Jó 42:8 “*Tomai, pois, sete novilhos e sete carneiros, e ide ao meu servo Jó, e oferece holocaustos por vós. O meu servo Jó orará por vós; porque dele aceitarei a intercessão, para que eu não vos trate segundo a vossa loucura; porque vós não dissetes de mim o que era reto, como o meu servo Jó.”*

O QUE DEVE CONTER NOSSAS INTERCESSÕES?

Um bom texto para extrairmos o conteúdo mínimo de nossas intercessões é o texto de Daniel capítulo 9, onde veremos:

- Conformidade com a palavra de Deus (V.2);
- Fervor (v.3);
- Auto-recusa (v.4);
- Identificação com aqueles pelos quais intercede (v.5);
- Fortalecer-se através de confissão (Vs. 5-15);
- Ser dependente do caráter de Deus (Vs. 4,7,9,15)
- Ter como objetivo principal a glória de Deus (vs. 16-19).

QUAIS OS OBJETIVOS COMUNS DAQUELES QUE INTERCEDEM?

- Pelas autoridades (I Tm 2:2);
- Ministros da vida da Igreja (Fp 1:19);
- A Igreja (Sl 122:6);
- Amigos (Jó 42:8);
- Os que não são salvos (Rm 10:1);
- Os doentes (tg 5:14);
- Os inimigos (Jr 29:7);
- Aqueles que nos perseguem (Mt 5:44);
- Aqueles que nos abandonam (II Tm 4:16);
- Todos os homens (I Tm 2:1).

NOSSO MAIOR MODELO

Vemos claramente o interesse de Deus em interceder por nós, o que deve nos servir de modelo para esta prática, vemos o mesmo ocorrendo da parte de Nosso Senhor Jesus e do Espírito Santo de Deus conforme os textos abaixo:

- Há um só mediador (I Tm 2:5);
- É Cristo quem intercede por nós (Rm 8:34; Hb 9:15);
- O Espírito Santo intercede por nós (Rm 8:26-27)

TODA A IGREJA DEVE TER PARTE DESTA RESPONSABILIDADE.

- At 12:5;
- Ef 6:16-18;
- Rm 15:30;
- Cl 4:2-3;
- I Pe 4:10.

CONCLUSÃO

Como vemos, sem dúvida alguma não podemos desprezar a opinião daqueles que entendem que o dom de intercessão não existe, pois os mesmos se baseiam no fato de que a intercessão é representada no Antigo Testamento pelo papel desempenhado pelos sacerdotes, que eram mediadores entre o povo e Deus. Estes então declararam que a partir do momento em que Jesus morreu na cruz por nós e ressuscitou, passamos a ter livre

acesso a Deus atribuindo a todos nós a responsabilidade de expressarmos a Deus orações e intercessões.

Ocorre que se observarmos a realidade vivida pela igreja, não podemos também ignorar o fato de haverem alguns poucos irmãos que se destacam por seus encargos no que diz respeito a este serviço. Estes dedicam por período diferenciado dos demais. São irmãos que muitas vezes dedicam suas noites, outros levam muitas horas de seu dia nesta função. Sempre apresentando a Deus um propósito de oração e intercessão a favor de alguém ou de alguns. Estes, diferentes de muitos outros irmãos são conheedores experientes de que satanás tem estratégias e sendo assim, milita contra nós (II Co 2:11 e Ef 6:12). Unidos ao mesmo princípio que nosso Senhor Jesus utilizou para interceder por Pedro, (Lc 22:31-32), estes dedicam-se em orações exclusivas e muitas vezes até longas a favor de alguém.

Diante do exposto, creio que exata sim o dom de intercessão uma vez que um dom se diferencia pelo energemata especial confiado por Deus a alguns de seus servos para a realização de serviços específicos a favor da Igreja, vejo que alguns entre nós, temos tal dom, pois realiza de forma distinta esta função no corpo de Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amados irmãos, podemos concluir que a expressão dos dons espirituais na vida comum da Igreja do Senhor, é de fundamental importância. É através deles que a igreja se move neste mundo, fazendo conhecido o nome do Senhor e demonstrando não só ao mundo, mas também, aos próprios membros do corpo o quanto é importante estarmos cada um de nós exercendo seu papel de forma saudável.

Devemos nos esmerar para reconhecermos nossos dons, e também, contribuir no ensino desta importante busca para que nossos irmãos possam também acharem seus lugares no corpo de Cristo.

Fica então este legado para que todos possam através deste estudo, ter despertado em si o desejo de ser um SERVO FIEL.

Em Cristo!

EKKLESIA